UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Programa de Pós-graduação em Geografia Humana

**METAMORFOSES DOS USOS DO LUGAR:
A REVALORIZAÇÃO URBANA
COMO ESTRATÉGIA
DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL**

Nedir Fernandes de Almeida

São Paulo, 2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

**Metamorfoses dos usos do lugar:
a revalorização urbana como estratégia
de acumulação de capital**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Geografia da FFLCH-USP
para obtenção do título de
Mestre em Geografia por
Nedir Fernandes de Almeida
sob a orientação da
Prof^a Dr^a Glória da Anunciação Alves

São Paulo, 2007

Agradecimentos

Esta dissertação é fruto de estudos desenvolvidos por mim nos últimos anos e também um registro de minhas observações, percepções e de inúmeras discussões com diversas pessoas. É o resultado de uma experiência vivida. Impossível agradecer aqui a todos aqueles que conviveram comigo e colaboraram para esta pesquisa. Os que não estão aqui relacionados, porém não esquecidos, muito me ajudaram.

Agradeço aos meus amigos de décadas, que o tempo não conseguiu separar, Bemerval Carneiro e Rita de Paula Mendes, e que, com suas críticas e sugestões, colaboraram em muito com este trabalho. Também agradeço a Doris, Bete e Eliana.

Sou muito grato aos meus queridos amigos que muito colaboraram com este trabalho Alex Franulovic da Costa, Silvana Ribeiro, Marcelo Figueiredo de Menezes, Pérsio Vieira, Bruno de Souza, Maurício Fava Rubio e Rogério Oliveira Santos.

Não poderia deixar de lembrar e agradecer meus amigos fotógrafos, que me emprestaram seus olhares sobre a região central e que muito contribuíram para que esta dissertação se realizasse. São eles: Joaquim Duarte Neto, Joaquim Félix e Luciney Martins.

Agradeço a todos os autores de livros e de publicações diversas, além dos entrevistados, que tornaram possível este trabalho.

Agradeço à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pelo financiamento parcial dessa pesquisa e também às funcionárias da secretaria de pós graduação do Departamento de Geografia, que sempre me atenderam tão bem.

Agradecimentos muito especiais a meus companheiros de pós-graduação, que me possibilitaram um convívio inesquecível de aprendizado e companheirismo: Adailton, Kleber, Sandrinha, Neide, Nanci, Michel, Emerson, Wilson, Sandro e Maria Ângela.

À minha orientadora, Glória da Anunciação Alves, por estar sempre paciente e disponível para diálogos sempre necessários.

Resumo

Metamorfoses dos usos do lugar: a revalorização urbana como estratégia de acumulação de capital

Autor: **Nedir Fernandes de Almeida**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Glória da Anunciação Alves**

Esta dissertação discute como a revalorização da região central de São Paulo transforma os usos dos diversos lugares dessa região, estabelecendo conflitos entre os promotores desse processo e a apropriação desse lugar por seus usuários. Essa revalorização espacial sinaliza para o desenvolvimento da especulação imobiliária, a transformação dos espaços religiosos, o desenvolvimento do turismo e a expulsão, desse lugar, de quem não pode pagar por ele. Inserida dentro de um processo de reestruturação produtiva, essa revalorização conta com a atuação decisiva da iniciativa privada e dos poderes públicos, que concebem a cidade como uma máquina de produzir riquezas, incentivando estratégias de acumulação de capital. Por outro lado, existe quem resista a essas estratégias, transgredindo-as, demonstrando que o caráter criador da sociedade urbana aponta sempre para diversas possibilidades e uma delas é a de que o uso da cidade não esteja submetido a valores de troca do mercado.

Palavras-chave: revalorização, centro, centralidade, cidade, São Paulo, uso, apropriação.

Abstract

Metamorphoses of the uses of the place: urban revaluation as a strategy of capital accumulation

Author: **Nedir Fernandes de Almeida**

Adviser: **Prof^a Dr^a Glória da Anunciação Alves**

This work analyses how the revaluation of São Paulo's downtown transforms the uses of this region several places, and creates conflicts between the promoters of this process and the appropriation of this place for its users. This space revaluation points out the development of real estate speculation, the transformation of the religious spaces, the development of tourism and the expulsion, from this place, of people who cannot afford to pay for it. Being part of a process of productive reorganization, this revaluation depends on the decisive performance of the private enterprises and of the government, which conceive the city as a machine for producing wealth through strategies of capital accumulation. On the other hand, there are individuals who resist these strategies by breaking them, what demonstrates that the creative character of urban society always points out several possibilities, and one of them is that the use of the city is not submitted to the values of market exchange.

Key words: revaluation, downtown, city, São Paulo, uses, appropriation.

Resumen

Metamorfosis de los usos del lugar: la revaloración urbana como estrategia de acumulación de capital.

Autor: **Nedir Fernandes de Almeida**

Orientadora: Prof^a **Dr^a Glória da Anunciação Alves**

Esta disertación discute como la revaloración de la región central de São Paulo transforma los usos de muchos lugares de esa región, estableciendo conflictos entre los promotores de ese proceso y la apropiación de ese lugar por sus usuarios. Esta revaloración espacial señala para el desarrollo de la especulación inmobiliaria, la transformación de los espacios religiosos, el desarrollo del turismo y la expulsión, de ese lugar, de quién no puede pagar por él. Inserida dentro de un proceso de reestructuración productiva, esa revaloración cuenta con la actuación decisiva de la iniciativa privada y de los poderes públicos, que conciben la ciudad como una máquina de producir riquezas, incentivando estrategias de acumulación de capital. Por otro lado, hay quién resista a esas estrategias, transgrediéndola, demostrando que el carácter creador de la sociedad urbana apunta siempre para muchas posibilidades y una de ellas es la de que el uso de la ciudad no esté sometido a valores de cambio del mercado.

Palabras-clave: revaloración, centro, centralidad, ciudad, São Paulo, uso, apropiación

**Esta dissertação é dedicada às meninas
Laíz, Sophia e a que está por vir, Marina.**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-graduação em Geografia Humana

METAMORFOSES DOS USOS DO LUGAR:
A REVALORIZAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA
DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

Nedir Fernandes de Almeida

São Paulo, 2007

Fotos da capa original:

Foto acima: “Simplesmente primeira classe”, “Não é namoro nem amizade, nossa relação com o centro é amor mesmo”. Dizeres estampados na entrada de edifício ocupado na Rua Plínio Ramos.
Foto de Luciney Martins.

Foto abaixo: Estruturas de ferro, pontiagudas, em janela de um bar na Praça Roosevelt: prevenção contra moradores de rua. Setembro de 2005. Foto de Joaquim Duarte.

Sumário

Metamorfoses dos usos do lugar: a revalorização urbana como estratégia de acumulação de capital.

Apresentação.....	02
Introdução.....	06
1. A produção de centralidades na metrópole.....	20
1.1 Acumulação de capital e produção de centralidades.....	22
2. A cidade-mercadoria.....	30
3. Estratégias públicas e privadas para a revalorização da região central de São Paulo.....	38
3.1 A Associação Viva o Centro.....	38
3.2 Poder público e transformação espacial.....	55
4. As metamorfoses dos usos	61
4.1 O lugar da luta por moradias.....	62
4.2 Transformações nos espaços religiosos.....	77
4.3 O lugar do consumo cultural.....	79
4.4 O lugar da especulação imobiliária.....	84
4.5 O lugar do comércio informal.....	89
4.6 “Cracolândia”: mais uma transformação do lugar.....	93
5. Considerações finais.....	102
6. Referências Bibliográficas.....	109
7. Anexos.....	114

Apresentação

Durante boa parte de minha vida estudei história, economia e, hoje, me dei conta que, sem haver sistematizado, havia estudado também geografia política. Meu interesse movia-se no sentido de descobrir caminhos que me fizessem entender o homem e seu espaço. Espaço também meu, de minha vida cotidiana, ou seja, de minha prática social.

Ao fazer meu curso de graduação em geografia e encontrar disciplinas que pude identificar com minha trajetória de estudos (Geografia Política, Geografia Econômica, Geografia Agrária, por exemplo), as áreas ligadas aos estudos urbanos é que, em mim, mais levantaram questionamentos e, portanto, maiores desafios para entendê-las. O que é o urbano? O que são as cidades? Que movimentos e sentidos apontam, velados ou explícitos? Que conteúdos revelam?

Diante desses e de outros questionamentos dispus-me a trilhar esse caminho do desconhecido em busca de respostas às minhas indagações...

Durante o curso de graduação em geografia, fui me dando conta que havia vivido diversas escalas do urbano, ou seja, intensidades diferenciadas dos processos sociais do viver em cidades e as diversas implicações políticas, sociais e econômicas que isso envolve. Nasci em uma cidade pequena (Catuji-Minas Gerais), depois fui viver em uma cidade média (Teófilo Otoni-Minas Gerais), morei quatorze anos numa cidade industrial (São Bernardo do Campo-São Paulo) e dezoito anos na cidade de São Paulo. Há nove anos moro e trabalho na região central de São Paulo, uma cidade inserida no topo da rede mundial de cidades. Como entender os lugares e suas trajetórias? Que particularidades apresentam? Mais indagações se acumulavam em busca de respostas...

O fascínio meio autofágico por São Paulo e suas contradições me desafiavam. Centro político e econômico do país, pode-se afirmar que São Paulo é o centro motor do Brasil. Em São Paulo se processaram grandes revoluções políticas e culturais do Brasil. A Semana de Arte Moderna em 1922, o Movimento Tropicalista, o Cinema Novo e, mais recentemente, o Movimento por Eleições

Diretas e o Movimento Pró Impeachment do Presidente Collor. Esses são alguns dos movimentos que tiveram São Paulo como lugar privilegiado para suas realizações. A história de São Paulo confunde-se com a história do Brasil, principalmente no século XX.

Pode-se afirmar que todos esses acontecimentos estão relacionados à grande concentração de capital e ao veloz processo de urbanização. A industrialização de São Paulo atraiu multidões que, ao se tornarem trabalhadores e só possuírem a força de trabalho para inserção no mercado, foram impelidos a uma ação política e cultural maior. São Paulo é um lugar de grandes contradições onde a opulência caminha lado a lado com a degradação e a miséria.

Os problemas e soluções que se colocam para uma metrópole como São Paulo tendem, cada vez mais, a se tornar universais, principalmente em virtude da acelerada integração mundial do capital. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento ¹:

Nos primeiros 25 anos do século XXI , a pobreza mundial será concentrada cada vez mais nos grandes centros urbanos. E , ao contrário do que muitos poderiam imaginar, a globalização não vai produzir um planeta governado por estruturas supranacionais e multinacionais. Os municípios terão cada vez mais poder.

Ainda na referida matéria, Shahid Yusuf, do Bird, afirma "...o novo mundo globalizado será dominado por um conjunto de cidades e é nos centros urbanos que toda a ação, no futuro, vai concentrar-se."

É nesse contexto de mundialização do capital que a revalorização urbana da região central se realiza e onde a realidade urbana manifesta todo seu horror e suas maravilhas e também onde as disputas pelo uso do espaço revelam a aplicação do princípio da concorrência numa sociedade em que impera a luta de todos contra todos.

Meu Trabalho de Graduação Individual, Praça do Patriarca: Caminhos e Des(caminhos) de uma revalorização urbana, foi o primeiro passo para começar a

¹ Jornal O Estado de S. Paulo, 16/09/1999, Caderno A , pg. 15

entender a cidade de São Paulo e seu centro de uma forma mais científica. Esta dissertação de mestrado é a continuidade desta pesquisa.

Entender o processo de revalorização da região central da cidade e como este interfere nos usos desse lugar da cidade não é uma tarefa fácil. O urbano está sempre em movimento e, portanto, o que podemos apontar, no máximo, são os caminhos e descaminhos desse movimento e procurar estudá-lo com metodologias apropriadas.

As metodologias por mim empregadas envolveram trabalhos de gabinete, tais como fichamentos de livros, levantamentos de documentos, elaboração de mapas, entrevistas, registros fotográficos e discussões em grupos de estudos.

Imprescindíveis para este trabalho ser finalizado foram as inúmeras pesquisas de campo, com caminhadas por mim organizadas com geógrafos, historiadores, artistas plásticos, ambientalistas e fotógrafos. Além disso, realizei, durante toda minha pesquisa, caminhadas individuais permanentes passando por ruas dantes não observadas e conversei com ambulantes, comerciantes, moradores de rua, agentes culturais, etc. Acredito ser fundamental para pesquisas dessa natureza, trabalhos de campo, tão necessários para minha prática geográfica e ensinados no nosso Departamento de Geografia. Boa parte dos trajetos por mim trilhados está exposta, através de fotografias, nesta dissertação.

Contei com a colaboração de muitos amigos, inclusive do poeta José Luiz Adeve, o Cometa, que escrevendo sobre a região central de São Paulo em um trecho do poema **Panorâmica e mitos de um andarilho na Paulicéia**, diz:

Desejo também ligar cantos
de céu azul vivo com os de lua crescente,
como um rapsodo unir versos,
relatos históricos e recitá-los,
cantá-los para manter viva
a história da cidade onde nasci,

pois a partir dela posso ver o céu azul vivo,
ouvir através do tempo e espaço,
os seus gemidos e rezas,
povo escondido nas estátuas,
debaixo da virtual metrópole
que enterrou seus mortos
e sobre eles nasce sempre
um canto geral de poesia e história.

Ao estudarmos as metamorfoses dos usos da região central de uma das maiores cidades do planeta, como estratégia de acumulação de capital, deparamo-nos com a impossibilidade de abarcar todas as possíveis consequências desse processo, dado que a dinâmica inerente à sociedade urbana é sua permanente transformação em movimentos muitas vezes contraditórios. Portanto, o possível, nesta pesquisa foi apontar alguns caminhos (ou descaminhos) dessas dinâmicas sócio-espaciais, alicerçados no estudo realizado.

Metamorfoses dos usos do lugar: a revalorização urbana como estratégia de acumulação de capital

Ele deixou sua mente viajar enquanto
fitava a cidade, meio favela, meio paraíso.

Como um lugar podia ser tão feio
e violento, mas bonito ao mesmo tempo?

Chris Abani ²

Introdução

A produção do espaço na cidade de São Paulo tem sido marcada fortemente pelas estratégias de produção e reprodução do modo de produção capitalista. Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a região central desta cidade tem sido o espaço de uma revalorização urbana como estratégia de acumulação do capital num contexto mundial de reestruturação produtiva.

Essa reestruturação produtiva teve seus princípios delineados a partir da crise do fordismo, manifestada após o fim do prolongado período de expansão econômica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, e da ocorrência da profunda recessão mundial de 1973/1975. Entende-se o termo fordismo se entende como “o conjunto de práticas econômicas, técnicas, gerenciais, políticas e sociais que, combinadas, formaram uma estratégia específica de o capital reproduzir-se de forma ampliada”³ com o objetivo de diminuir o tempo para a produção das mercadorias. Essa estratégia de produção, no Brasil, baseou-se principalmente em grandes estabelecimentos industriais sob o predomínio de empresas transnacionais, sobretudo as norte-americanas.

² Mike DAVIS, Planeta Favela, p.31.

³ Adriano BOTELHO, “Do fordismo à produção flexível – a produção do espaço em um contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital” in GEOUSP, número 10, p. 115.

A intervenção estatal na economia foi ampliada e diversificada, facilitando a estruturação desse modelo produtivo. Na linha de produção, o desenvolvimento da divisão do trabalho foi levado ao extremo e o trabalhador realizava apenas uma tarefa específica, relativamente simples, e que exigia pouco treinamento. Enquanto isso, o capital concentrava-se e centralizava-se cada vez mais. Como consequência, a produção fordista caracterizou-se por localizar-se em alguns pontos do território, preferencialmente naqueles com grandes concentrações populacionais, ou seja, próxima ao mercado consumidor, o que facilitou a ampliação do espaço urbano. Esses verdadeiros complexos industriais que se estabeleceram atraíram para si mais capitais, pessoas e mercadorias. Assim, o espaço urbano da cidade de São Paulo foi sendo produzido e, nele, antagonismos e contradições.

Para BOTELHO, a crise do fordismo pode ser estudada como mais uma crise do capitalismo, ligada à tendência de queda na taxa de lucro, devido ao aumento da composição orgânica do capital⁴. A crescente necessidade de inovações técnicas e o aumento da concentração e centralização de capitais acirrou a competição inter-capitalista levando a uma pressão sobre o mercado de insumos, que se tornaram raros, como no caso do petróleo a partir de 1973. O aumento relativo do peso do capital em relação à força de trabalho acabou por forçar uma diminuição do nível de emprego e do consumo de massa, ocorrências manifestadas na profunda recessão de 1973/1975. Contraditoriamente, o desenvolvimento das práticas fordistas levou a sua própria crise, passando-se a requerer novas estratégias de produção e reprodução do capital.

Tal crise levou ao estabelecimento de novas estratégias de acumulação do capital, identificadas neste trabalho como “sistema de produção flexível”. Nesse sistema, diferentemente do fordismo, parte das empresas dispersa-se territorialmente causando desconcentração industrial, o que não significa processos de desconcentração do capital. A produção de mercadorias sofisticou-se e estende-se para ramos antes marginalizados ou subutilizados neste processo,

⁴ A composição orgânica do capital “é determinada pela proporção em que o capital se divide em constante, o valor dos meios de produção, e variável, o valor da força de trabalho” (Karl Marx, O Capital, Livro 1, p. 712).

como o da produção cultural, por exemplo. A criação de novas necessidades para aumentar o consumo de massas ampliou-se, principalmente através dos meios publicitários. Essa produção cultural também se impregna cada vez mais de conteúdos ideológicos. Para LEFÉBVRE:

Publicidade e propaganda se movem no mundo, ou melhor, no espaço de representações; jogam com ele; por ele “motivam” e manipulam os indivíduos e os grupos; não contribuem inclusive para a constituição – à produção – de “grupos”, frações de classes e fragmentos da sociedade? Não chegam inclusive a produzir consumidores, demandas e necessidades?⁵

As produções culturais, voltadas às atividades de entretenimento e grandes espetáculos, são desenvolvidas, sistematicamente, criando representações do espaço voltadas para um mercado consumidor onde necessidades e vontades são produzidas. Essas práticas sócio-espaciais da cultura reforçam grupos, frações de classes, determinados projetos políticos, etc.

Nesse sistema de produção flexível, no local de trabalho, exige-se cada vez mais um tipo de trabalhador organizado em equipes, com funções polivalentes, multifuncionais e flexíveis. Essa reengenharia capitalista reestruturou os mecanismos de reprodução capitalista e valorizou os processos de gestão das empresas, garantindo-lhes maior produtividade onde

O controle do aparelho produtivo e os processos de alocação do capital entre diferentes empresas e ramos são cada vez menos realizados pelos proprietários, sendo delegados cada vez mais a pessoal assalariado, composto por gestores e empregados.⁶

As relações das empresas com seus fornecedores também foram estreitadas, em busca do estoque zero, num sistema *just in time*. Ao lado do intenso desenvolvimento técnico e informacional, a empresa controla a produção, privilegiando para si atividades de comando e de controle de qualidade, e

⁵ Henri LEFEBVRE, La presencia e la ausencia, p. 94.

⁶ Gérard DUMÉNIL e Dominique LEVY, Uma nova fase do Capitalismo?, p.17.

delegando a outras empresas partes de sua produção. Isso faz ampliar a divisão territorial do trabalho, exigindo vias de tráfego e de comunicações cada vez mais rápidas para a circulação de mercadorias e prestação de serviços.

Constata-se, também, uma influência cada vez maior do capital no ordenamento territorial urbano na atual reestruturação produtiva, onde empresas transnacionais estendem seu poder sobre os mais diversificados espaços geográficos do planeta, derrubando limites territoriais em busca da manutenção e do aumento das taxas de lucro, internacionalizando modelos econômicos de gestão (também de cidades) e gerando crises econômicas, sociais e políticas com caráter cada vez mais internacional. Sobre isso, SOJA afirma:

... a busca contemporânea de superlucros, onde quer que possam ser encontrados, está chegando a um auge competitivo mais alto do que nunca na história do desenvolvimento capitalista, recriando padrões novos e mais complexos de desenvolvimento e subdesenvolvimento em todo o mundo.⁷

Esses novos padrões de desenvolvimento e subdesenvolvimento podem ser exemplificados com os recentes acontecimentos na França, um país central na produção do capital, onde uma parcela significativa de sua população, segregada em regiões periféricas das cidades, rebelou-se durante vários dias seguidos⁸. Isso mostra a incidência decisiva da atual reestruturação produtiva sobre o urbano, ratificando a afirmação de CALDEIRA de que

Com as mudanças recentes causadas pela globalização e pelo neoliberalismo – que alteraram a estrutura produtiva e geraram um desemprego estrutural – bem como migração nacional e internacional – que cria uma nova população urbana, inserida nos lugares mais precários das metrópoles, a fábrica deixou de ser o catalisador das revoltas urbanas. As

⁷ Edward SOJA, *Geografias Pós Modernas*, p. 203.

⁸ Os protestos na França, tendo como protagonistas, principalmente imigrantes e descendentes, ocorreram entre 27 de outubro e 10 de novembro de 2005 e tiveram como estratégia a destruição de equipamentos públicos e incêndio de milhares de automóveis. Objetivavam chamar a atenção das autoridades francesas para a condição social dos imigrantes e de seus descendentes.

condições urbanas se tornaram uma das principais arenas de expansão e contração da cidadania.⁹

É questionável a afirmação de que a fábrica deixou de ser o catalisador das revoltas urbanas, pois ela ainda é o centro de criação de riquezas, através da extração de mais-valia, o que potencializa a importância dos protestos de seus trabalhadores. O que é inegável é que, com a urbanização cada vez maior do mundo, as revoltas urbanas ganham uma dimensão muito maior, estabelecendo lutas que podem determinar a expansão ou a contração da cidadania.

Figura 01- Vendedores ambulantes incendeiam, após ação policial de despejo, o que sobraram de suas bancas nas proximidades do Terminal Bandeira, ao lado do Largo da Memória. 2006. Foto de Joaquim Félix.

Também na região central de São Paulo, as transformações nos usos dos lugares levam a disputas e conflitos entre diversos setores sociais dessa região (tais como camelôs, movimentos populares, etc.) com o Estado e com os interesses da iniciativa privada. Essa disputa pelo espaço urbano revela-nos o movimento dialético entre produção do espaço e as diversas estratégias de produção e reprodução do capital pois muda as funções e os usos desse lugar.

⁹ Entrevista concedida por Teresa Caldeira ao jornal Folha de São Paulo em 13/11/05, Caderno mais!, p. 4.

O movimento de revalorização espacial nessa região é inteligível quando percebemos que ele ocorre através de intervenções governamentais e privadas de **forma pontual e contínua no tempo e no espaço**¹⁰. É o volume sempre crescente dessas intervenções, ou seja, desse investimento de capital, que possibilita a materialização do acréscimo de valor aos imóveis da região, o aumento do consumo cultural e a realização de lucros. Além disso, desenvolve setores ligados à construção civil e à especulação imobiliária. Os espaços da região central são transformados num efeito dominó, onde um novo ponto cultural atrai para si novos usuários, novos bares, novos espetáculos, por exemplo. Enfim, novos usos são criados, como ocorre, atualmente, no entorno da Praça Roosevelt.¹¹ O lançamento de um novo condomínio residencial potencializa o lançamento de outros condomínios, como ocorre na Rua Frei Caneca. Restaurações das fachadas de antigos edifícios estimulam outras restaurações, como no entorno do Elevado Costa e Silva e na região da Bela Vista.

Figura 02- Passeio comemorativo aos 450 anos da cidade de São Paulo, promovido por diversas instituições. Populares passam pelo Boulevard São João. Janeiro de 2004. Foto do autor.

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ Principalmente, através do desenvolvimento de atividades teatrais do grupo “Os Sátyros”, o entorno desta praça atraiu diversos bares e atividades artísticas que passaram a ser referências culturais na cidade.

A que cidade se referem a mídia e os poderes públicos? Que interesses movem estas ações? Quais serão os consumidores desse “revitalizado” espaço urbano? O que está sendo construído e o que está sendo desconstruído? A revalorização do centro de São Paulo pode significar uma nova configuração da cidade em outras direções e em outras dimensões? Quais são as transformações quanto aos usos desse espaço urbano? Todos estes questionamentos permeiam esta dissertação.

Apesar da amplitude das possíveis análises que essas transformações espaciais possibilitam, o foco de nossa abordagem é como o processo de revalorização do centro transforma os usos e a vida cotidiana de quem aí vive, trabalha ou faz uso dessa região mesmo esporadicamente.

Da mesma forma que a centralidade metropolitana, as dinâmicas de revalorização que aí se processam têm influência sobre toda a cidade e apontam desafios teóricos de como entendê-las dentro de uma perspectiva dialética.

Como existem outras centralidades na metrópole, cabe lembrar que esta dissertação tem, como referência territorial, o centro conhecido como antigo, tradicional ou histórico da cidade de São Paulo, ou seja, os distritos Sé e República e o seu entorno. Esse entorno compreende os distritos Santa Cecília, Bom Retiro, Consolação, Bela Vista, Liberdade, Cambuci, Brás e Pari.

A maior parte dessa região é administrada pela Subprefeitura Sé que, além dos distritos República e Sé (o chamado Centro Histórico), compreende os distritos Bela Vista, Bom Retiro, Cambuci, Consolação, Liberdade e Santa Cecília, e representa a região central do município de São Paulo, conforme Lei Municipal nº 13.399/2002. Porém, as ações de revalorização urbana nessa região têm influenciado significativamente os distritos Brás e Pari, administrados pela Subprefeitura Mooca. (ver Mapas 1, 2 e 3).

MAPA 1: DISTRITOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Mapa 2: A Praça do Patriarca e seu entorno

MAPA 3 - ÁREA DOS DISTRITOS SÉ E REPÚBLICA

olação

Bela Vista

Bom Retiro

Brás

Sé

Cambuci

Liberdade

LEGENDA

- Distritos Sé e República
- Limites distritais
- Ruas e avenidas

Esta dissertação objetiva localizar, no território da região central de São Paulo, transformações, surgimentos, permanências e desaparecimentos de dinâmicas sócio-espaciais nesse processo de revalorização. É nesse lugar que a quantidade e a intensidade dos nós das diversas redes sociais da cidade encontram-se e reforçam essa centralidade da metrópole. Com o processo de revalorização espacial da região central de São Paulo, esse território passa a abrigar novos arranjos sociais, valorizando alguns já existentes e fazendo surgir ou desaparecer outros.

O processo de valorização urbana, combinado com a tradição da centralidade mais antiga da cidade, altera profundamente a paisagem e nela imprime novos usos, transformando as relações sociais na metrópole. É visível o poder atrativo que a região oferece para os estratos sociais das classes médias, perceptíveis quando constatamos o crescimento do número de faculdades privadas e o uso de estabelecimentos centrais para as chamadas “baladas”.¹² Ao lado disso, permanecem setores sociais tradicionais, aglutinados em atividades ligadas aos prostíbulos, ao comércio informal, além da permanência persistente dos chamados sem-teto. Novas dinâmicas sócio-espaciais transformam os usos do espaço, como no caso dos evangélicos e das senhoras católicas usuárias da Igreja de Santo Antônio, localizada na Praça do Patriarca¹³, como veremos mais adiante.

Para que essas transformações urbanas concebidas para a região central se realizem, existe a necessidade, tanto do poder público como da iniciativa privada, de estabelecer consensos, articular discursos, tomar atitudes repressivas, criar fatos consumados, planejar ações. Muitas vezes, é utilizada a repressão direta, ou seja, policial, contra usuários do centro, necessária do ponto de vista dos promotores dessa revalorização urbana, o que confirma a observação de que

... o urbano não é indiferente a todas as diferenças, pois ele precisamente as reúne. Nesse sentido, a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a existência

¹² Termo usado, atualmente, pela juventude para designar lugar de encontro, de festas.

¹³ Cf. Nedir Fernandes de ALMEIDA, Praça do Patriarca: (Des)caminhos de uma Revalorização Urbana, Trabalho de Graduação.

recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos. A cidade, o urbano, não são a razão e o sentido desse delírio racional? As relações (sociais) sempre se deterioram de acordo com uma distância, no tempo e no espaço, que separa as instituições e os grupos. Aqui, elas se revelam na negação (virtual) dessa distância. Daí a característica de violência latente inerente ao urbano.¹⁴

Figura 03- Policiais participam da desocupação de edifício na Rua Plínio Ramos, ordenada por decisão judicial. Agosto de 2005. Foto de Luciney Martins.

Para realizar esta pesquisa, encontramos diversas referências para expressar o conteúdo das revalorizações urbanas, dentre as quais: “reurbanização”, que adquire o sentido de urbanizar de novo, implicando, de certa maneira, a compreensão de que o processo urbano anterior teve um final, o que não condiz com a realidade; “revitalização”, que assume um sentido de que a vida urbana anteriormente existente em um determinado lugar deixou de existir, morreu. Esse

¹⁴ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana, p. 111.

conteúdo induz ao entendimento de que o espaço edificado é o espaço vivo, naturalizando as relações sociais. Induz à superficialidade de que o visível já revela o conteúdo espacial. No espaço urbano também está o oculto, o não revelado pelo olhar. Segundo LEFEBVRE, “O urbano, indiferente a cada diferença que ele contém, é considerado freqüentemente como indiferença que se confunde com a da Natureza, com uma crueldade que lhe seria própria.”¹⁵

Esses diversos conteúdos, aqui referenciados, são expressos nos mais diferentes textos, como forma de suavizar a idéia de uma intervenção espacial no sentido de sua revalorização que encobre “o sentido original de invasão e reconquista, inerente ao retorno das camadas afluentes ao coração das cidades”.¹⁶

Neste trabalho, os termos “reurbanização” ou “revitalização” aparecem entre aspas, enfatizando o processo de revalorização espacial que implicam. A utilização do termo “revalorização” parece-nos mais adequada, porque as diversas estratégias, que predominam nas recentes transformações espaciais na região central da cidade, revelam conteúdos que visam a valorização desse lugar como lugar privilegiado do valor de troca, isto é, como lugar competitivo no reino das mercadorias. E, para isso, **é necessário que nele sejam produzidos novos usos**.¹⁷

Para elaborar esta dissertação, discutimos a lógica da produção de centralidades na metrópole, submetida à lógica espaço-temporal da produção e reprodução do capital na metrópole. Essas centralidades estabelecem níveis hierárquicos, complementaridades e concorrências entre si, que se manifestam (ora explicitamente, ora veladamente) na complexidade de suas territorialidades.

Em seguida, examinamos o que se entende como cidade-mercadoria em um mercado mundial. É inegável, hoje, a importância das grandes concentrações humanas, em territórios proporcionalmente pequenos, em diversificados pontos do planeta, onde se realiza o consumo e se reproduz a vida e o capital, o que dá a

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Otilia ARANTES, Uma estratégia fatal – a cultura nas novas gestões urbanas, *in* A cidade do pensamento único, p.17.

¹⁷ Grifo nosso.

este mundo urbano um caráter cada vez mais complexo. Estratégias concebidas por diversos Estados e empresas levam a uma prática sócio-espacial em que a cidade se torna uma máquina de produzir riquezas e reproduzir desigualdades e contradições. É essa concepção da cidade como mercadoria que a submete à lógica dos objetos, em contraponto à lógica de uma vida mais lúdica e prazerosa.

Em um terceiro momento, tentando desvendar a essência dessa produção de centralidades, estudamos as estratégias públicas e privadas para a revalorização da região central. Numa sociedade dominada pela lógica das mercadorias é, também, na região central da cidade de São Paulo que a iniciativa privada (principalmente representada pela Associação Viva o Centro) e os poderes governamentais estabelecem estratégias de revalorização espacial em consonância com a atual fase de reestruturação produtiva do capital.

Em um quarto momento, procuramos analisar as novas dinâmicas sócio-espaciais que transformam os usos, revelam resistências e imprimem novas funções e novos usos para esse lugar.

1. A produção de centralidades na metrópole

Quando se fala em espacialidade urbana, deve-se entender, implicitamente, que se fala de centro e de centralidade, pois a sociedade urbana cria centralidades:

Não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro. Mais que isso: o espaço urbano se define, já dissemos, pelo vetor nulo; é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas. Em cada ponto, o vetor tempo-espaço, distância entre conteúdo e continente, pode tornar-se nulo. O que é impossível (u-tópico), mas caracteriza o movimento dialético (a contradição imanente) do espaço-tempo urbano. Por conseguinte, não se pode teoricamente deixar de defender a concentração urbana, com seus riscos de saturação, de desordem, e suas oportunidades de encontros, de informações, de convergências. Atacá-la, destruí-la, é próprio de um empirismo que, de antemão, destrói o pensamento. O centro só pode, pois, dispersar-se em centralidades parciais e móveis (poli-centralidade), cujas relações concretas determinam-se conjunturalmente.¹⁸

A procura de funcionalidade, de maior mobilidade para as mercadorias e pessoas, na dinâmica social em busca de lucros, faz com que o espaço urbano esteja sempre em movimento, criando centralidades. Segundo ALVES:

A centralidade se caracteriza por ser um processo que atrai fluxos de capitais, pessoas, atividades, definidos por uma racionalidade estatal que, agindo sobre o espaço urbano, o envolve de modo a condensar nele as riquezas e poder, através de estratégias e planos aí desenvolvidos.¹⁹

Tendencialmente, as centralidades urbanas envolvem três aspectos: o da concentração de objetos e pessoas, o da tentativa de homogeneização espacial e o do estabelecimento de hierarquias entre centralidades.

a) a concentração de objetos e pessoas: a dinâmica concentradora é o essencial do fenômeno urbano e não importa qual ponto possa se tornar central. O capital cria e recria, constrói e destrói, estabelecendo, conforme esse

¹⁸ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana, p. 93.

¹⁹ Glória da Anunciação ALVES, o Uso do Centro da Cidade de São Paulo e sua Possibilidade de Apropriação, p. 21.

movimento dialético, novos conteúdos para os mais diferentes lugares da cidade. Esse caráter concentrador está presente na região central de São Paulo, pois ela agrega ampla rede de transportes, vasta rede de fibras óticas, equipamentos culturais, significativos aparatos jurídicos, igrejas, bancos e usuários dos mais diferentes níveis sócio-culturais. Se, nessa região, houve um processo de desvalorização, um outro processo em sentido inverso, atualmente em andamento, impõe-lhe novos conteúdos.

Esse lugar, antes desvalorizado em virtude da criação de outras centralidades, e agora em processo de revalorização, pode, novamente, no futuro, ser desvalorizado, já que falamos de um processo que está em constante movimento. Isso ocorre porque os centros urbanos são preenchidos até a saturação, fazendo com que apodreçam ou explodam, ou seja, os espaços urbanos são criados para, num momento posterior, serem destruídos. Isso é o que ocorre mais freqüentemente, pois nem todos os centros se deterioram (dependendo da cidade e do país) e nem todos os espaços urbanos são criados e depois destruídos.

b) a tentativa de homogeneização espacial: existe sempre uma tentativa, principalmente através da técnica, de homogeneização do espaço urbano e, portanto, também de centralidades. Essa tentativa, ainda que exista, é irrealizável, pois o urbano reúne diferenças, conflitos, e cada lugar possui as suas particularidades. Entre as particularidades da região central de São Paulo, podemos destacar seus diversos conjuntos arquitetônicos (espaços de registros de sua formação histórica), ampla diversidade funcional, além de ser o local onde os pobres urbanos procuram abrigo, seja em cortiços ou mesmo nas ruas, para garantir sua sobrevivência. Morar próximo ao trabalho possibilita aos pobres evitar diariamente viagens épicas da periferia até o centro, pois este concentra também maiores oportunidades de emprego. Segundo LEFEBVRE,

Apesar dos esforços da homogeneização pela técnica, apesar da constituição de isotopias arbitrárias, ou seja, de segregações e separações, nenhum lugar urbano é idêntico a outro.²⁰

²⁰ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana , p. 47.

c) o estabelecimento de hierarquias entre centralidades: a produção de novas centralidades é uma constante na metrópole paulistana, estabelecendo-se entre elas hierarquias em virtude da extensão e da importância de cada uma.

No entanto, no curso de sua realização, a concentração sempre enfraquece e se rompe. É preciso, então, um outro centro, uma periferia, um alhures. Um outro lugar e um lugar outro. Esse movimento, produzido pelo urbano, produz, por sua vez, o urbano. A criação se interrompe, mas, por sua vez, para criar.²¹

No topo hierárquico das centralidades paulistanas, tivemos, primeiramente, a produção do centro antigo e, subsequente, a produção da centralidade em torno da Avenida Paulista. Atualmente, a centralidade paulistana estendeu-se até o eixo Avenida Faria Lima/Avenida Luis Carlos Berrini/Marginal Pinheiros. Essas centralidades complementam-se e também concorrem entre si, dentro da lógica social de produção e reprodução do capital.

1.1. Acumulação de capital e produção de centralidades

Na dinâmica do crescimento e expansão do capitalismo, a cidade é o lugar privilegiado para a produção e consumo de mercadorias, inclusive criando novas necessidades. Para LEFEBVRE: “A cidade, ou o que dela resta, ou o que ela se torna, serve mais que nunca à formação de capital, isto é, à formação, à realização, à distribuição da mais-valia”.²²

Se, retrospectivamente, apenas para contextualizar, lembrarmos o crescimento da cidade de São Paulo, tão estudado por diversos autores, poderemos constatar a sua implosão/explosão num tempo-espaço cada vez mais comprimido²³. Para melhor entender isso, faz-se necessário um breve histórico

²¹ Ibidem, p. 111.

²² Ibidem, p. 43.

²³ Os dados sobre a cidade de São Paulo contidos neste tópico foram encontrados nas seguintes publicações:

TOLEDO, Benedito Lima de Anhangabaú, São Paulo: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1989.

GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos – Lembranças de São Paulo: A capital Paulista nos Cartões-Postais e Álbuns de Lembranças, São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2000.

MAGNOLI, Miranda M. O Vale do Anhangabaú, Tese de Pós Graduação, FAU-USP, 1995.

desse desenvolvimento no tempo e no espaço. Desenvolvimento este, típico de países capitalistas periféricos.

Em meados do século XIX, São Paulo não passava de uma aldeia rústica com 20.000 habitantes. O Vale do Anhangabaú, ocupado apenas por algumas chácaras e hortas, era, durante o dia, percorrido por escravos carregando água, tropeiros, gente de passagem por ali. O centro da cidade compunha-se de meia dúzia de ruas tortas, edifícios públicos acanhados, uma pequena catedral, alguns mosteiros. Nos arredores, havia casebres de pau-a-pique. Eram raros os viajantes, pois as estradas eram precárias.

Figura 04- Pátio do Colégio, o lugar de fundação da cidade de São Paulo. Hoje, atração turística. Julho de 2004. Foto de Joaquim Duarte.

PINTO, Alfredo Moreira. A cidade de São Paulo em 1900 (Volume 14) *in* Coleção Paulistana, São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

No período posterior, é explosivo o crescimento das atividades ligadas à produção do café. De 1885 (início da grande febre cafeeira paulista) a 1900, as plantações de café alcançam desenvolvimento extraordinário, trazendo riqueza para São Paulo. Logo os barões do café transferiram-se para a capital paulista, que começava a despertar de seu sono provinciano e a assumir seu papel de grande metrópole do café.

O que já vinha ocorrendo nos séculos anteriores no sentido de formação das grandes propriedades latifundiárias intensificou-se no princípio do século XX, provocando a expulsão massiva do homem do campo. Assim, ocorreu uma separação drástica entre os trabalhadores e os meios de produção, particularmente a terra.

A cidade de São Paulo adentrou o século XX com 240.000 habitantes e um espírito irrevogavelmente moderno. Serviços de gás substituíam as antigas lâmpadas a óleo. Abastecimento de água, projetos públicos de embelezamento da capital e outras melhorias atraíam para a cidade ricos fazendeiros de café que aos poucos, instalavam-se nela com suas famílias. O dinheiro do café fazia proliferar as indústrias, para as quais afluía um número crescente de imigrantes e ex-escravos vindos do campo. Foi uma fase predominante da economia agro-exportadora, fortemente interligada, por diversos fluxos, à cidade de Santos. A cidade de São Paulo assistiu a um grande desenvolvimento de manufaturas, do comércio e do crescimento da população urbana, além de grande mudança da forma urbana, com construção de viadutos, teatros, alargamento de ruas, etc. A centralidade concentrava-se no que são hoje os distritos Sé e República e seus arredores (ver Mapa 04).

Nas décadas de 30 e 40, São Paulo registra a formação de um proletariado industrial e a expansão da região central. O populismo, capitaneado pela figura de Getúlio Vargas, é um fenômeno que surge também como fruto desse processo de urbanização e modernização da sociedade. Nessas transformações, a forma da região central também se altera.

PLANTA DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO

e seus arrabaldes
desenhada e publicada por

JULES MARTIN

1890

ESCALA

Jules Martin

BOM RETIRO

CAMPOS ELYSEOS

STª CECILIA

CONSOLAÇÃO

BELLA VISTA

LIBERDADE

GLORIA

LUZ

PARY

BRAZ

MOÓCA

CAMBUCY

- 1 Pontes de Bando do Cº Ferro Carril de S. Paulo.
 - 2 Monumento de José Bonifácio (Largo 25 de Março).
 - 3 Novos Armazéns de cargas do Cº Ingles S.P.R.
- M.B. Com o fim de dar mais clareza, nesta planta,
todas as ruas são traçadas da mesma largura.

Nos anos 40, o poder público municipal, através do prefeito Prestes Maia, estabelece o Projeto Avenidas. A cidade começa a se moldar para o desenvolvimento da indústria automobilística. O centro sofreria uma radical transformação. O processo de urbanização já é intenso e a circulação de veículos é bastante significativa.

O "prefeito-urbanista" Prestes Maia, juntamente com Ulhôa Cintra²⁴, estabelece o Plano de Avenidas. Foram projetados anéis circunscrevendo a área central, dos quais partiriam vias radiais. O vale do Anhangabaú ligaria o norte ao sul da cidade, ligando a várzea do Tietê ao vale do Pinheiros. Haveria um conjunto de três grandes avenidas em Y. Uma delas seria a Anhangabaú Inferior, que incorporava grande parte da atual Avenida Tiradentes. As hastes ou galhos do Y seriam a Avenida Nove de Julho e a Itooró. A convergência seria no Largo do Piques. Nota-se, a partir daí, uma tendência, até hoje utilizada na maioria de nossas cidades, que é a construção de vias de circulação de automóveis em margens de rios canalizados em fundos de vales.

A fase posterior à Segunda Guerra Mundial correspondeu ao começo de um período de longa expansão do capital a nível mundial. Em São Paulo e no Brasil, são adotadas políticas públicas e privadas conhecidas como "desenvolvimentistas". O Brasil abria seu mercado para grandes grupos monopolistas, com destaque para os automotivos. Viveu-se o apogeu do regime de produção fordista. As grandes cidades já começavam a transbordar com crescimento significativo das periferias. Surgem na Região Metropolitana de São Paulo, distritos e cidades industriais.

Na região central de São Paulo, é construído o Elevado Costa e Silva, popularmente conhecido como Minhocão, para facilitar a mobilidade de pessoas e de mercadorias, ligando a zona oeste à zona leste da capital. Essa obra contribuiria também, de forma significativa, para o processo de desvalorização da

²⁴ Primeiro idealizador do Plano de Avenidas, concebido de forma mais sistemática para uma cidade moderna. Esta proposta abrangia o sistema viário, circulação e transportes, além de diretrizes para embelezamentos e arruamentos, zoneamento, expansão urbana e legislação tributária.

região central.²⁵De novo, a forma urbana altera-se e a centralidade estende-se para a região da Avenida Paulista nos anos 70.

Nesse período, durante o regime militar (1964-1985), estava garantida a reprodução do capital com a "segurança"²⁶ prestada pelos militares. É um momento também marcado pela forte atuação das grandes empresas multinacionais e pela intervenção do Estado na economia. Grandes empresas estatais detinham o monopólio de muitos setores da economia. É nesse período que ocorre um processo de concentração e fortalecimento dos grandes grupos financeiros do país, que expressavam o seu poderio também na paisagem da Avenida Paulista, a nova centralidade de São Paulo. Nesse rearranjo da nucleação da cidade de São Paulo, a partir do anos 70, ocorreu, em virtude da passagem gradativa do sistema fordista para o de sistema de produção flexível, um crescimento do peso do capital financeiro na economia.

Nas grandes cidades, cresce o número de moradores nas periferias, geralmente trabalhadores desempregados ou pessoas que fugiam dos altos preços dos aluguéis. Os paulistanos começam a se familiarizar com um termo: favela. Cabe ressaltar que, também na periferia metropolitana de São Paulo, são construídos enclaves fortificados voltados à populações de alta renda.

A região central esvazia-se, pois perde funcionalidade para as novas necessidades de produção e reprodução do capital. A população de maior poder aquisitivo que aí reside também se retira, fazendo com que essa região se desvalorize ainda mais. Hoje, a região central da cidade é o lugar da grande concentração de imóveis vazios, subutilizados ou abandonados, apesar de sua alta densidade populacional.

Nos anos 90, sob o domínio da produção flexível, é produzida uma nova centralidade na metrópole que se estende por mais um território: o eixo da Avenida Faria Lima/Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal Pinheiros.

²⁵ Cf. Alex Franulovic da COSTA, "Elevado Costa e Silva: de via expressa à área de lazer", Trabalho de Graduação Individual.

²⁶ O controle social exercido ditatorialmente pelos militares contribuiu para que os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores fossem dificultados, possibilitando o aumento da taxa de extração da mais-valia. Além disso, a ditadura militar possibilitou a intensificação das fusões e incorporações do sistema de crédito, como também a maior abertura da economia brasileira aos grandes grupos multinacionais.

Dessa forma, em São Paulo, verificamos a expressão desse modelo produtivo com a construção/desconstrução que ocorreu na Avenida Faria Lima/Avenida Berrini/Marginal Pinheiros. Essa nova centralidade foi produzida não como resultado de práticas espontâneas, mas de estratégias predeterminadas de produção de espaços pelo capital imobiliário, visando obter vantagens de localização na matriz sócio-espacial. Essas estratégias predeterminadas também introduziram inovações técnicas na construção civil. Isso ocorreu claramente com uma ação monopolista na (re)estruturação do espaço através de uma empresa, a *Bratke-Collet*, o que explica certa homogeneidade arquitetônica dessa região, apesar dos princípios de configuração dos prédios serem diferenciados. Essa metamorfose espacial justificou-se em nome do estabelecimento de novas funções espaciais exigidas pelo sistema de produção flexível, isto é, um lugar para a reprodução espacial voltado às atividades financeiras, informacionais e publicitárias. A construção dessa nova centralidade revela um processo de desconcentração das atividades de administração e gestão na atual fase de acumulação do capital na cidade de São Paulo.

Quase metade das sedes empresariais instaladas hoje na Berrini²⁷ são de grupos internacionais. Desse modo, ocorreu uma ação monopolista na reestruturação do espaço. Os prédios não têm dono único, só podem ser ocupados pelo investidor para uso próprio e, além disso, foram criados com base em mecanismos de mercado que atendessem às necessidades de flexibilidade, atendimento ao cliente e prestação de serviços, ou seja, adequados ao sistema de produção flexível. Esses "edifícios inteligentes" possuem, entre outros atributos, elevadores computadorizados, ar condicionado central, sistemas informatizados de controle de energia elétrica, iluminação, segurança patrimonial, segurança contra incêndio, sonorização ambiental, circuito fechado de TV, etc. A arquitetura dos edifícios, baseada em grandes lajes que reúnem muitos funcionários num mesmo ambiente, facilita a tomada de decisões pois, apesar dos eficientes meios informacionais à disposição dos gestores empresariais, continua sendo

²⁷ Cf. Heitor FRÚGOLI. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.

imprescindível o contato corpo-a-corpo, ou seja, o trabalho em equipe ou célula, para a tomada de muitas decisões. Essa valorização espacial da região da Avenida Luiz Carlos Berrini teve como consequência a desvalorização de outras centralidades da metrópole, por não possuírem, espacialmente, os atributos que ali existem.

Essa nova centralidade, um lugar integrado à rede mundial de comando econômico, articula-se não só com as outras centralidades da metrópole, assim como com outras centralidades mundiais. A internacionalização desse espaço é evidente e nele também está a *Richard Ellis Internacional Property Consultants* (Consultores Internacionais de Imóveis Comerciais). Essa empresa foi fundada em Londres há 227 anos e atua na área de consultoria de imóveis, em atividades como avaliação, desenvolvimento de projetos, planejamento, parâmetro de custos, comercialização e locação.

As centralidades Avenida Faria Lima/Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal Pinheiros, Avenida Paulista e centro antigo, aqui referenciadas, competem entre si, dada sua inserção na divisão social do trabalho e por estarem submetidas a uma lógica concorrencial. Contraditoriamente, por não serem idênticas, também se complementam pois, juntas, reforçam sua inserção coletiva na rede nacional e mundial de cidades. Ao mesmo tempo em que a centralidade da cidade de São Paulo estendeu-se do centro antigo até a região da Av. Luiz Carlos Berrini, passando pela Avenida Paulista e desvalorizando o centro antigo, a revalorização deste, atualmente em curso, também o reforça enquanto centralidade e também o complementa, fazendo-o concorrer com as outras centralidades. Para que o centro antigo se integrasse à modernização das centralidades Avenida Paulista e Avenida Faria Lima/Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal Pinheiros, ele necessitaria de uma revalorização e para isso, é que se constituiu e atua a Associação Viva o Centro, intimamente ligada à atuação dos poderes públicos. E, neste processo, está implícita a concepção de cidade como uma máquina de produzir riquezas.

2. A cidade-mercadoria

A revalorização urbana em andamento na região central de São Paulo ocorre num momento em que o sistema de produção flexível fez com que a criação de riquezas se estendesse significativamente da esfera da produção para a da especulação e, nesse processo, novos espaços urbanos “revitalizados” devem possibilitar crescimento econômico que inclui o turismo, a construção civil e o setor imobiliário como ramos privilegiados. Cabe ressaltar que o capital, que também age sob a forma de capital financeiro nesse sistema de produção flexível, está intimamente ligado ao chamado capital produtivo, ou seja, são faces de um mesmo processo, contraditório e complementar, de produção e reprodução do capital.

O desenvolvimento do turismo, do setor imobiliário e da construção civil é também uma forma de reprodução do capital financeiro, pois cresce o peso desse tipo de capital no ordenamento territorial da metrópole constatado quando a revista URBS²⁸ noticia:

São Paulo deve começar a receber recursos de um empréstimo de US\$ 100,4 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que vai viabilizar de forma definitiva o Programa Ação Centro, de recuperação da área central (...)

e mais à frente afirma

A administração pública paulistana, que entra com uma contrapartida de U\$ 68 milhões, terá 25 anos para pagar o empréstimo BID, com carência de seis anos e juros variáveis.

Segundo CARLOS²⁹, a financeirização é uma condição para a produção do espaço urbano, em que o capital financeiro está cada vez mais sendo utilizando na produção imobiliária não residencial para se reproduzir, lembrando que entre

²⁸ Revista Urbs, número 33 de janeiro/fevereiro de 2004, p. 8.

²⁹ Cf. Profa. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos em mesa redonda “São Paulo: capital mundial”, no Seminário Internacional: São Paulo 450 anos – As “Geografias” da Metrópole, promovido pelo Departamento de Geografia da FFLCH/USP de 20 a 24 de setembro de 2004. A exposição da professora Ana Fani está inserida no livro Geografias de São Paulo, volume 2, organizado por ela e pelo professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Editora Contexto, São Paulo, 2004. O artigo intitula-se “São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro”.

os dois maiores empregadores da cidade de São Paulo, está o Bradesco, o maior banco privado nacional.

Com uma economia cada vez mais mundializada, o processo de revalorização espacial da região central de São Paulo não é original, mas está inserido dentro do contexto geral da reestruturação e reprodução do capital, tendo, como referenciais operacionais importantes, cidades como Barcelona, Londres, Buenos Aires, Nova York e Boston. Até mesmo na Ásia, na cidade de Yangon (Birmânia, atual Mianmá), a ditadura militar removeu centenas de milhares de moradores de cortiços de sua região central para dar lugar ao processo de construção de um parque para turistas³⁰. O “embelezamento” de regiões centrais para turistas tem sido uma prática espacial recorrente nos mais diversos lugares do mundo. Para Marco Antonio Ramos de Almeida, atual presidente da Associação Viva o Centro, é muito importante “recuperar” o centro da cidade pois,

É a região que dá a marca, que dá identidade à metrópole. Quando a gente fala em Londres, em Paris, em Nova York, em Roma, qualquer grande metrópole do mundo, o que vem ao imaginário das pessoas é o centro destas cidades. Hoje qualquer empresário sabe da importância da marca. Se for vender água, se não tiver uma marca, é difícilimo, um computador, uma caneta.... Nós precisamos vender a cidade, atrair o turista, atrair as feiras, as convenções, os cérebros. Por isso é tão importante na hora de vender a metrópole que ela tenha uma marca forte. E a marca das metrópoles é dada pelos seus centros. É por isso que nós precisamos recuperar o Centro, pelo seu valor histórico, pelo seu valor de geração de identidade, como consequência disso, econômico para a Cidade.³¹

É como se a cidade e o seu centro estivessem sendo reinventados para o mercado mundial. Para SÁNCHEZ

Sabe-se que a atual fase do capitalismo só se realiza produzindo um novo espaço, pressionado pelas novas exigências da acumulação mediante suas lógicas e estratégias na escala mundial. Na produção deste espaço operam agentes e interesses combinados em diferentes campos, político, econômico, financeiro, com arranjos

³⁰ Mike DAVIS, Planeta Favela, p. 56.

³¹ In: Jornal da Tarde, Caderno repensando SP, p.4F, 30/11/2006.

territoriais diferenciados para cada caso. Sujeitos, instituições, práticas e produtos circulam, de forma relacionada, no âmbito de diferentes mercados, materiais e simbólicos. Efetivamente, no plano da análise do mercado de cidades pode ser identificada a produção, a circulação e a troca de bens materiais junto à produção, circulação e troca de imagens, linguagens publicitárias e discursos. Assim, o mercado mundial de cidades é movido e, ao mesmo tempo, movimenta alguns outros mercados...”³²

SÁNCHEZ enumera alguns mercados movimentados por essas políticas de revalorização urbana, entre os quais estão os mercados para as decisões locacionais das empresas, o mercado imobiliário, o mercado de consumo, o mercado do turismo e, finalmente, o mercado das chamadas “boas práticas” de gestão urbana.

Os promotores dessas “reurbanizações” concebem a cidade como cidade-emprego e também utilizam de eventos para criarem uma espécie de “animação urbana”, que

se expressa na convergência entre governantes, burocratas e urbanistas em torno de uma espécie de teorema padrão: que as cidades só se tornarão protagonistas privilegiadas como a Idade da Informação lhes promete, se, e somente se, forem devidamente dotadas de um Plano Estratégico capaz de gerar respostas competitivas aos desafios da globalização (sempre na língua dos prospectos), e isto a cada oportunidade (ainda na língua dos negócios) de renovação urbana que porventura se apresente na forma de uma possível vantagem comparativa a ser criada.³³

A busca de vantagens comparativas que atualmente move os mais diferenciados planos estratégicos de grandes metrópoles do mundo, em São Paulo, é assim definida no Plano Plurianual ³⁴ da cidade:

... as vantagens comparativas regionais e metropolitanas, derivadas das atividades exportadoras, devem constituir-se no principal foco de dinamismo para as grandes metrópoles, em especial as atividades ligadas à indústria intensiva em tecnologia e aos serviços típicos de cidade mundiais, tais

³² Fernanda SÁNCHEZ, *A Reinvenção das Cidades para um Mercado Mundial*, p.155.

³³ Otília ARANTES, “Uma estratégia fatal – a cultura nas novas gestões urbanas”, *in* *A cidade do pensamento único*, p. 13.

³⁴ São metas que o poder público municipal traça para um período de 04 anos.

como telemática, pesquisa e desenvolvimento (P&D), consultoria de negócios, gestão empresarial e financeira e serviços de transporte internacionais. São Paulo já pode ser considerada dentro desta categoria. Mas é preciso consolidar e avançar o papel de São Paulo como Cidade Global.³⁵

Nesse plano, São Paulo é concebida como cidade mundial, ou global, com o seguinte argumento:

A crescente internacionalização dos fluxos de bens, serviços e informações dão origem à formação de uma rede mundial de metrópoles, onde são geradas e por onde transitam as decisões financeiras, mercadológicas e tecnológicas capazes de moldar os destinos da economia mundial. Os centros urbanos situados no topo da hierarquia do sistema urbano nacional são denominados Cidades Globais, que atuam como foco de irradiação das decisões tomadas em escala planetária para as demais cidades do sistema.³⁶

Atualmente, o sistema de acumulação flexível necessita, para desenvolver seus mercados nacionais e suas operações, globalmente integradas, de lugares centrais estratégicos. Com a economia voltada principalmente para a prestação de serviços e finanças, é para as grandes cidades que são destinados certos tipos de atividades e funções. Segundo SASSEN,

As cidades globais são lugares-chaves para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao gerenciamento das operações econômicas globais. Elas tendem a concentrar as matrizes das empresas, sobretudo daquelas que operam em mais de um país. O crescimento do investimento e do comércio internacional e a necessidade de financiar e prestar serviços a essas atividades impulsionaram o crescimento dessas funções nas grandes cidades.³⁷

Mas não basta ser uma grande cidade, ela deve reunir atributos entre os quais se destacam a existência de mão-de-obra altamente qualificada, diversidade de prestação de serviços e importantes centros culturais e de pesquisa, além de modernas vias de comunicação, pois

³⁵ Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 21/10/05, p. 182.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Saskia SASSEN- As Cidades na Economia Mundial, p. 35.

... o desenvolvimento da corporação moderna e sua intensa participação nos mercados mundiais e nos países estrangeiros fez com que o planejamento, a administração interna, o desenvolvimento de um produto e a pesquisa se tornassem cada vez mais importantes e complexos.³⁸

Para ocuparem as novas funções nesse sistema flexível de produção, pessoas altamente qualificadas tendem a “sentir-se atraídas pelas amenidades e estilos de vida que os grandes centros urbanos podem oferecer”.³⁹ Daí a preocupação, por parte dos gestores das cidades, que competem entre si, em desenvolver políticas culturais atrativas.

É nesse contexto econômico mundialmente integrado que os planos estratégicos para a cidade de São Paulo estabelecem, como prioridade, reforçar seu peso nessa rede mundial, onde:

A crescente internacionalização da economia e da cultura exige um aparato urbano constituído por novos elementos, tais como: possuir serviços avançados que garantam a possibilidade de gerar e receber informação em tempo real; possuir centros de pesquisa de ponta capazes de gerar e inovar conhecimento; oferecer um amplo rol de atividades culturais de cunho **local** e **cosmopolita**”.⁴⁰

Essas atividades locais e ao mesmo tempo cosmopolitas são aquelas que, contraditoriamente aos processos homogeneizantes, como os que ocorrem no eixo Avenida Faria Lima/Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal Pinheiros e Avenida Paulista, têm como objetivo reforçar as singularidades dos lugares na busca de uma maior competitividade, enquanto individualidades. Por isso, a revalorização da região central de São Paulo, nesse sistema de produção flexível, assume, do ponto de vista do capital, uma função estratégica.

Neste contexto a memória da cidade aparece não como um movimento anacrônico, em prol da preservação de prédios ou monumentos, mas como **uma tentativa importante de firmar a identidade dos lugares**, em um mundo cada vez mais global e homogêneo. A produção de uma imagem urbana voltada para este imaginário do passado torna capaz a revitalização de espaços que aparecem como elementos

³⁸ Ibidem, p. 92.

³⁹ Ibidem, p. 89.

⁴⁰ In: Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 21/10/05. Grifos nossos.

novos, mas que na verdade são **transformações de velhas formas, em mercadorias novas para o consumo**, cuja necessidade é gerada pelas relações de produção reproduzidas.⁴¹

Essa produção de uma imagem urbana voltada para o imaginário do passado, estrategicamente planejada para ser consumida enquanto mercadoria inovadora, revela-se na região central de São Paulo.

Para os que fazem uso do espaço da região central, são cada vez mais perceptíveis as mudanças que ocorrem rotineiramente nessa região, tais como: rebaixamento das guias das calçadas para facilitar a locomoção de pessoas portadoras de necessidades especiais, retiradas das fachadas com letreiros das lojas que causam poluição visual⁴², estabelecimento de quarteirões pilotos para intensificação de ações de revalorização urbana, aumento da fiscalização do comércio ambulante, aumento do policiamento com instalação de cabines de segurança, aumento do número de garis e intensificação da mecanização dos serviços de limpeza urbana. Essas ações de revalorização urbana fazem com que aumente a procura por imóveis da região. Recentemente, durante a gestão de Marta Suplicy (2001-2004), a prefeitura tombou, na região central 147 imóveis, 6 praças, 4 viadutos e 20 obras de arte, “reurbanizou” a Praça do Patriarca e a Praça Dom José Gaspar. Em 2007, na gestão Kassab, foram “reurbanizadas” as Praças da Sé e República.

Nos distritos Sé e República, muitas transformações espaciais ocorreram. Casarões foram tombados pelo Patrimônio Histórico na Bela Vista, planos de “reurbanização” do Parque Dom Pedro II ganharam força, diversas instituições e estabelecimentos comerciais articularam-se para viabilizar possíveis

⁴¹ Sidney Gonçalves VIEIRA – “A sobrevivência do capitalismo e a revalorização do centro de Lisboa- Revitalização da Baixa Pombalina” in GEOUSP- Espaço e Tempo– número 10, p. 41. Grifos nossos.

⁴² A retirada pelas lojas das fachadas com letreiros que causam poluição visual, implantada na região central, na gestão Marta Suplicy (2000-2004), atualmente, foi estendida a toda a cidade, através de lei. Esta, conhecida como Lei Cidade Limpa, foi aprovada em 26 de setembro de 2006 pela Câmara dos Vereadores, sancionada em outubro pelo prefeito Gilberto Kassab e passou a vigorar a partir de 01 de janeiro de 2007. Combate a poluição visual ao proibir outdoors nas ruas da cidade e também regulamenta a identificação e a propaganda de estabelecimentos comerciais. Prevê, como multa, o pagamento de dez mil reais por cada propaganda irregular. Os anunciantes terão, como alternativa, a utilização dos mobiliários urbanos, como abrigos de ônibus, relógios públicos e placas de ruas.

transformações espaciais na Vila Buarque, foi “reurbanizado” o Parque da Estação da Luz⁴³ e estabelecido um importante complexo cultural ao seu redor. Todas essas ações maximizam a revalorização espacial do centro paulistano e apontam novos desafios para a compreensão da cidade de São Paulo como um todo.

Em 2004, quando São Paulo comemorou 450 anos, muitas obras foram inauguradas e grandes festas foram realizadas em seu centro tradicional. A mídia desenvolveu e desenvolve um trabalho ostensivo de divulgação das “maravilhas” encontradas no centro da cidade e que até agora eram “esquecidas”.⁴⁴ É a cidade transformada em objeto de consumo e em espetáculo.

A região central transforma-se, também, em lugar de consumo cultural. Segundo ARANTES, atualmente parece ter sido destronado o primado das relações de produção para o estabelecimento das relações de “sedução”, o que dá a impressão “de que a nova centralidade da cultura é econômica e a velha centralidade da economia tornou-se cultural”.⁴⁵ Lembrando Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*, ARANTES escreve:

a cultura seria a mercadoria vedete na próxima rodada do capitalismo, exercendo a mesma função estratégica desempenhada nos dois ciclos anteriores pela estrada de ferro e pelo automóvel.⁴⁶

É inegável que o capitalismo, hoje fortemente financeirizado, não sobrevive sem a produção tradicional de mercadorias e que, também, nunca a produção cultural teve tanta importância na reprodução desse sistema. No caso das chamadas “revitalizações” urbanas, elas ganham o sentido de espetáculo e apontam a cidade cada vez mais como espaço de consumo, através da criação de novas necessidades, principalmente por meios publicitários.

⁴³ No entorno da Estação da Luz encontra-se um importante e imponente complexo cultural da cidade, composto principalmente, pela Pinacoteca do Estado, Museu de Arte Sacra e a Sala São Paulo, voltada para concertos de música clássica. Cabe aqui lembrar que a Estação da Luz foi restaurada com a colaboração decisiva da Fundação Roberto Marinho e a Rede Globo utiliza a imagem dessa estação como pano de fundo de seu jornal local, o SPTV.

⁴⁴ Depois que a centralidade da metrópole estendeu-se para a região da Avenida Paulista e Avenida Faria Lima, o centro tradicional da cidade de São Paulo desvalorizou-se, fazendo com que atributos presentes na região central fossem ignorados pela mídia e pelos consumidores solventes.

⁴⁵ Otília ARANTES. “Uma estratégia fatal – a cultura nas novas gestões urbanas”, in *A cidade do pensamento único*, p.47.

⁴⁶ Ibidem, p.47.

Esse processo de revalorização urbana do centro de São Paulo desenvolve-se desde 1981, com ações do prefeito Reynaldo de Barros, passando pelas gestões Mário Covas, Jânio Quadros, Luiza Erundina, Paulo Maluf, Celso Pitta, Marta Suplicy, José Serra e, atualmente, Gilberto Kassab. A “reurbanização” do Vale do Anhangabaú, grande impulsionadora da valorização espacial do centro da cidade, teve suas obras concluídas em 1991. Coincidentemente ou não, ocorreu no mesmo ano da fundação da Associação Viva o Centro. Essa associação, formada por entidades e grupos com interesse na revalorização do centro, é que viria a atuar nos anos seguintes nas profundas transformações espaciais que o centro da cidade viria a conhecer.

3. Estratégias públicas e privadas para a revalorização da região central de São Paulo

É certo que existe uma relação de interdependência entre o Estado e o capital, pois na composição orgânica deste, parte da extração da mais-valia (capital variável) é destinada a pagamento de impostos, taxas, etc., ou seja, é da dinâmica da produção de mercadorias que o Estado extrai sua própria sustentação material. Sendo assim, a parceria Estado/Capital é um dos fundamentos da produção capitalista. O que a iniciativa privada, isto é, o capital, faz atualmente no sentido de utilizar verbas públicas, na verdade, é exigir para si, com o intuito de ampliar a sua margem de lucro, verbas que o Estado deveria destinar para serviços públicos a toda população. Na revalorização da região central é a Associação Viva o Centro que cumpre a função de pressão sobre o Estado para que, em seu planejamento estratégico, destine mais verbas a essa região em detrimento de outras. Essa inflexão da iniciativa privada sobre o poder público fica clara na carta destinada aos candidatos à Prefeitura Municipal de São Paulo nas eleições de 2004. (ver Anexo 1).

3.1. A Associação Viva o Centro

A Associação Viva o Centro busca, essencialmente, transformar o centro da cidade em um lugar mais “bonito”, mais “eficiente” e mais “seguro”. Tal estratégia revela e, ao mesmo tempo, esconde, contraditoriamente, o intuito de revalorização imobiliária na região. É a produção do espaço urbano produzindo revalorizações espaciais. A associação surgiu como um movimento de reação à debandada de empresas do centro em direção a outras regiões da cidade como ocorreu com o Lloyds, o Banco Holandês e o Citibank. No início dos anos 90, temia-se que a Bolsa de Valores e a BM&F também seguissem esse movimento de abandono da região central. A centralidade de São Paulo estendera-se para a Avenida Paulista a partir dos anos 70 para, em seguida, se ampliar até a região da Avenida Faria Lima, alcançando hoje a Avenida Luiz Carlos Berrini e a Marginal Pinheiros.

Fundada em 1991, a Associação Viva o Centro é composta por empresas, sindicatos e instituições diversas que se aglutinam em torno de estratégias para a revalorização da região central de São Paulo.(ver Anexo 2). De acordo com o seu documento número 1, é composta por:

...organizações que procuram relacionar interesses de proprietários de imóveis localizados em áreas que estão sofrendo processo de transição/deterioração com os interesses mais amplos da área onde estes imóveis se localizam tendo como objetivo primordial reverter situações de declínio, de abandono e ameaça para a área urbana onde estão instaladas as entidades que compõem a organização.¹

Entre seus associados estão: o Banco de Boston, Bolsa de Mercadorias & Futuros - BM&F; Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI; Federação Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN; Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo; Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA; Pinheiro Neto Advogados; Serviço Social do Comércio – SESC; Klabin; Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi Morumbi; Mosteiro de São Bento de São Paulo; Ordem dos Advogados do Brasil - OAB; Fundação Bienal de São Paulo; Casas Bahia; Sebrae - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo/Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP; Banco Itaú; Banco Santander Banespa; Sociedade Amigos de Vila Buarque, Santa Cecília, Higienópolis e Pacaembu; Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – ANCOR; e Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – ACREFI.

Nota-se a participação predominante de setores ligados ao terciário, principalmente os voltados ao sistema financeiro. Podemos destacar também a participação de setores tradicionais da sociedade paulistana, como a Igreja Católica e a Faculdade de Direito da USP. Cabe ressaltar que a Igreja Católica, ou instituições a ela ligadas, é proprietária de muitos imóveis nessa região.

¹ Meyer, R.M.P. et aliii. Documento 1. Associação Viva o Centro, Janeiro de 1993.

A criação dessa Associação teve, como inspiração, as cidades de Boston nos Estados Unidos e Barcelona, na Espanha, segundo Henrique Meireles, ex-presidente da Associação Viva o Centro e ex-presidente do BankBoston Corporation:

O movimento de Boston, por exemplo, que eu olhei com bastante cuidado – o de Barcelona também -, mas no caso de Boston era impressionante: o centro de Boston estava pior que o de São Paulo, e voltou a ser hoje o centro de fato da cidade, vital do ponto de vista econômico, cultural, etc. O centro de Boston chegou a ser chamado na época de *combat zone*, isto é, zona de combate, onde tinha drogas, criminalidade, prostituição, não se passava à noite, etc. E hoje em dia não, é a região onde as pessoas moram, dá para ir ao cinema, dá para passear, comprar, trabalhar, etc. Evidentemente que lá o aporte financeiro do setor público é de outra ordem, mas os propósitos do movimento foram mais ou menos nessa mesma direção.²

Figura 05 - No aniversário de 450 anos da cidade de São Paulo, o Banco de Boston afixou esta placa no Vale do Anhangabaú. Janeiro de 2004. Foto do autor.

² Trecho do depoimento de Henrique Meireles no debate “A degradação ambiental da Avenida Paulista”, coordenado por Nestor Goulart Reis Filho, organizado pelo MASP e pela FAU-USP, ocorrido no MASP, em 10/03/94.

A proposta da Associação Viva o Centro é a extensão do sistema de produção flexível para a região central de São Paulo, voltada principalmente para a revalorização imobiliária, tendo como estratégia envolver o poder público no sentido de favorecer investimentos e ações nessa região que possibilitem atrair populações solventes³ e também promover o turismo nas suas mais variadas formas. A força da atuação da Associação Viva o Centro “vem permeando as gestões municipais e estaduais”⁴ e ela reivindica para si as seguintes transformações espaciais⁵ :

- Permanência das duas bolsas, Bovespa e BM&F, na área;
- Restauros dos edifícios do: Teatro Municipal, Museu de Arte Sacra, Mosteiro de São Bento, Pinacoteca do Estado, Paramount, que se transformou no Teatro Abril, e antigo Dops, para acolher a Estação Pinacoteca;
- Criação de novos equipamentos culturais, entre eles: Sala São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, espaços culturais da BM&F, da Caixa Econômica Federal e da Nossa Caixa, e filial do Masp na Galeria Prestes Maia;
- Requalificação da Praça do Patriarca e instalação do pórtico-cobertura, criado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha;
- Inauguração de uma extensão do Museu de Arte Brasileira da FAAP no histórico Edifício Lutetia, na Praça do Patriarca;
- Retorno de secretarias, empresas e autarquias públicas municipais e estaduais para o Centro, além da sede da Prefeitura, e instalação de um Gabinete Especial do Governador;
- Implantação dos shoppings Light e Porto Geral;
- Recuperação do Vale do Anhangabaú, da Praça Ramos de Azevedo e dos viadutos do Chá e Santa Efigênia;
- Reforma da Praça D. José Gaspar e da Rua Xavier de Toledo (Corredor Cultural);

³ Populações solventes, isto é, que têm poder de compra. Termo utilizado por Otília Arantes.

⁴ Termos usados pela Associação na revista Urbs, número 35.

⁵ Revista Urbs, número 35.

- Restauro e modernização da estação da Luz;
- Inauguração dos hotéis Mercure Downtown e Holiday Inn Select Jaraguá;
- Implantação do conjunto habitacional Parque do Gato em substituição à Favela do Gato;
- Reforma do Mercado Municipal;
- Ruas e praças cada vez mais limpas, iluminadas e seguras;
- Aquisição pelo Sesc do prédio da antiga Mesbla na Rua 24 de Maio para instalar uma nova unidade no Centro, com o projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha;
- Empréstimo de US\$ 100 milhões do BID para o Programa Ação Centro, da Prefeitura, que prevê 130 intervenções para recuperar a área central.

Embora a Associação Viva o Centro reivindique essas transformações espaciais como suas, cabe lembrar que boa parte delas foi realizada exclusivamente com verbas públicas, como, por exemplo, a implantação do conjunto habitacional Parque do Gato em substituição à Favela do Gato.

Figura 06- No Vale do Anhangabaú, vista do Teatro Municipal (à esquerda) e da sede do Grupo Votorantin (à direita). Foto do autor. Janeiro de 2004.

Significativas verbas públicas foram consumidas na região central em detrimento de outros lugares da cidade. Isso revela que o debate entre investir no centro ou na periferia, que tanto polarizou a gestão Luiz Erundina, teve, como desdobramento, a vitória dos promotores dessa revalorização urbana. Nos anos seguintes a essa gestão, foram sucessivos os aumentos de verbas públicas para investimentos no centro. É a produção do espaço urbano segundo as estratégias de quem detém o capital e possui influência política sobre os mais diferentes governantes.

Para que a revalorização do centro se viabilize, diversos discursos são difundidos, como estratégia de buscar um consenso social em torno das constantes transformações espaciais que aí se processam.

O ex-presidente da Associação Viva o Centro, atual presidente do Banco Central, Henrique de Campos Meireles, disse que o ideal para o centro é transformá-lo em “um pólo de tecnologia e cultura, um centro governamental e um espaço de integração social e de vida coletiva”.⁶ E destacou: “Os centros das metrópoles têm um formidável e, no caso brasileiro, desperdiçado potencial econômico, cultural, turístico e de geração de emprego e renda”.⁷ Nesse caso, segundo ARANTES,

...estamos diante de políticas de *image-making*, na mais trivial acepção marqueteira de expressão, pois quem diz *image-making* está pensando, queira ou não, em políticas *business-oriented*, para não falar ainda em *market-friendly*, mesmo quando fala de boa fé em conferir visibilidade a indivíduos ou coletividades que aspiram a tal promoção.⁸

Na valorização dos espaços urbanos, a cidade passa a lembrar pátria, empresa e mercadoria e uma das funções do poder público, segundo Castells & Borja, citado por VAINER, é a seguinte:

Cabe ainda ao governo local promoção interna à cidade para dotar seus habitantes de patriotismo cívico, de sentido de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de

⁶ Informe Viva o Centro, número 191, p.3

⁷ Ibidem.

⁸ Otília ARANTES. “Uma estratégia fatal – a cultura nas novas gestões urbanas”, in *A cidade do pensamento único*. p.14.

confiança e crença no futuro da urbe. Esta promoção interna deve apoiar-se em obras e serviços visíveis, tanto os que têm caráter monumental e simbólico como os dirigidos a melhorar a qualidade dos espaços públicos e o bem estar da população.⁹

Através do discurso e de suas práticas espaciais, os promotores dessa revalorização urbana procuram envolver vastos setores sociais e, para isso, contam também com o apoio decisivo dos meios de comunicação. Imagens glamorosas da região central são criadas sistematicamente, como a do cenário do jornal local da Rede Globo, SPTV, que tem ao fundo a foto da Estação da Luz. Inúmeros comerciais de TV utilizam atualmente imagens da região central para vender de sandálias a automóveis de luxo. São representações do espaço, através de códigos, signos que atingem o imaginário de quem vê. É o poder da imagem, dos signos através da publicidade.

Essa propaganda do consumo, que usa imagens da região central de São Paulo, pôde ser constatada quando a Praça Roosevelt foi interditada e “alugada” por R\$ 7.194,00 (conforme guia emitida pela Prefeitura Municipal de São Paulo)¹⁰, nos dias 12 e 13 de abril de 2005, para filmagem de um anúncio comercial da Coca-Cola. Usuários da praça, idosos, crianças e pessoas que passeavam com cachorros, foram proibidos de circularem por ali. Também para a filmagem de outro anúncio comercial da Coca-Cola, a Rua do Comércio ficou interditada em 18 de fevereiro de 2006. Na manhã do domingo de 03 de abril de 2005, a esquina entre a Rua Roberto Simonsen e a Rua Floriano Peixoto, nas imediações da Praça da Sé, foi interditada para gravação de filme publicitário das Sandálias Grendene. Essas representações do espaço, através da publicidade, fazem com que cada vez mais o centro se transforme em espaço de representações, onde:

A propaganda (política) e a publicidade (comercial) utilizam ou constroem representações que substituem as “coisas” e as “pessoas”. O político não se limita a cuidar de sua “imagem de marca”; ele a produz, a mantém, ajudado por especialistas da mercadologia. Também, o “vendedor” não

⁹ Carlos VAINER, “Pátria, empresa e mercadoria-Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano” in *A Cidade do pensamento único*, p. 94.

¹⁰ Cópia desta guia era mostrada por seguranças aos moradores que insistiam em usar a praça.

só produz a imagem do produto mas também “necessidades” e “motivações”.¹¹

Esses meios publicitários que criam a necessidade de consumir e, ao mesmo tempo, ser consumido pelo centro, concebem o espaço social do centro como uma folha de papel em branco, ornamentada com sua beleza arquitetônica, onde mensagens publicitárias para o mercado podem nela ser inseridas. Ignoram o espaço social e reafirmam a região central como espaço concebido, planejado, dos urbanistas e dos tecnocratas. Nessa cidade do espetáculo, a paisagem é vendida como consumo estético ou contemplativo e o espaço é capturado como objeto, ou seja, coisificado. Ora, o espaço, não é nem um “sujeito”, nem um “objeto” mas, antes, uma realidade social, isto é, um conjunto de relações e de formas. Sua natureza não coincide nem com o inventário dos objetos no espaço, nem com a representação do espaço ou discursos sobre o espaço.

Figura 07- Praça Roosevelt interditada para filmagem de anúncio comercial da Coca-Cola. Usuários da praça da praça foram impedidos de usá-la. Dias 12 e 13 de abril de 2005. Foto do autor.

¹¹ Henri LÉFEBVRE, La presencia e la ausencia, p. 32.

Figura 08- Esquina interditada entre a Rua Roberto Simonsen e a Rua Floriano Peixoto, nas imediações da Praça da Sé, para gravação de filme publicitário da Grendene. Representações do espaço, através da publicidade. 03 de abril de 2005. Foto do autor.

Figura 09- Vale do Anhangabaú, cruzamento da Avenida São João interditado para filmagem de anúncio comercial da Telefonica. 2005. Foto do autor.

Figura 10- Gravação da novela *Belíssima*, da Rede Globo, esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga, em frente ao Bar Brahma. 2005. Foto do autor.

As atuais e as possíveis intervenções futuras no centro, públicas ou privadas, a que se refere o presidente da Viva o Centro, estão inseridas num processo geral de reestruturação do capital, em que é perceptível sua força no planejamento urbano e na mudança da divisão regional do trabalho. Essa influência da iniciativa privada no ordenamento territorial da metrópole, em especial na região central, é percebida quando, sob o título “Na Boca da Urna”, a revista *Urbs*¹² relata as 10 propostas da Associação Viva o Centro (ver Anexo 3), para os próximos 04 anos, para a área central da cidade, aos candidatos à prefeitura municipal. Podemos identificar seis ações estratégicas nelas pretendidas:

Primeira: facilitar a circulação de automóveis pelas ruas centrais da cidade, eliminando calçadões, ou seja, permitir ainda mais que objetos privados ocupem e consumam espaços públicos. Segundo SCHOR, o automóvel, “objeto-rei”, impõe sua ordem e reorganiza o espaço público na cidade, pois essa “máquina criada pelo homem passa a reinar, e como rei tem direito divino sobre tudo: a rua é sua, a calçada é sua, o espaço é seu e o tempo também”.¹³ Está aí a justificativa para que se ocupe mais espaço na região central.

¹² Revista *Urbs*, número 35.

¹³ Tatiana Schor, *O Automóvel e a Cidade de São Paulo*, p.10.

- referindo-se à refuncionalização do Vale do Anhangabaú “propõe o restabelecimento do trânsito local no Anhangabaú (...) cujo objetivo é facilitar o acesso de veículos que se dirigem aos edifícios da área e dar maior segurança e facilidade de circulação ao pedestre”;
- propõe a requalificação da rótula central para “proporcionar conforto e segurança aos pedestres e facilitar o trânsito de veículos coletivos e particulares”;
- quer a revisão do sistema de calçadas, dizendo que perdeu qualidade e “deixou de cumprir seu objetivo de espaço propício à circulação de pedestres e à requalificação do entorno”;
- concebe ser necessária a construção de garagens subterrâneas reivindicando “a urgente licitação, pela Prefeitura, da construção e operacionalização dessas garagens pela iniciativa privada, nos moldes da lei já aprovada pela Câmara com essa finalidade”;
- diz ser necessária a implantação de um sistema circular de bonde, onde “o sistema deverá articular os terminais de transporte de massas, as grandes garagens e os pólos de atração de público existentes no Centro”;

Segunda: propõe a intensificação do consumo cultural no centro, classificando de maneira curiosa, tecnicamente, os espaços das calçadas utilizadas pelos pedestres como “cota zero”.¹⁴

- sobre a requalificação dos Pólos Luz-Santa Ifigênia diz “o que falta é a reurbanização da cota zero (nível da rua) do entorno do Complexo Cultural Júlio Prestes, da Estação da Luz e da Avenida Cásper Líbero, para que se aproveite todo o potencial dos equipamentos culturais ali instalados”;

Terceira: defende a limitação das práticas do comércio informal no centro (assunto que trataremos mais adiante):

- A Associação Viva o Centro deseja a criação de “espaços adequados ao comércio informal e a criação de um ou dois centros populares de

¹⁴ Em geografia, a altitude é medida por cotas métricas a partir do nível do mar. Pelo que podemos notar, os urbanistas utilizam essa expressão para designar verticalidades a partir do nível das ruas.

compras nos moldes de um mercado municipal em terrenos, prédios ou galpões adquiridos ou locados pela Prefeitura para tal fim”;

Quarta: expressa não ser um fato normal e aceitável, a existência de moradores de rua num centro metropolitano, ou seja, defende uma espécie de assepsia social. Se moradores de rua não são aceitáveis num centro metropolitano, segundo essa Associação, deduz-se que o seu lugar seja a periferia da cidade, ou seja, o lugar da segregação. Nesse documento, a Associação Viva o Centro reforça a necessidade da “implantação de uma eficiente coordenação de gestão, pela Prefeitura, da rede de instituições públicas e privadas que atendem e/ou acolhem pessoas em situação de rua do Centro” e diz que “pessoas dormirem na rua, principalmente em um centro metropolitano, não pode ser considerado um fato normal e aceitável”; diversas ações repressivas estão sendo movidas para impedir que pessoas durmam nas ruas;

Quinta: defende uma política de vigilância e segurança, com envolvimento dos diversos setores sociais, para construir um consenso social em torno de suas políticas. Esses setores sociais a que se refere o documento são movidos por interesses patrimoniais e atuam nas chamadas Ações Locais. São, geralmente, pequenos comerciantes e moradores pertencentes às camadas médias da população do centro:

- propõe a implantação de um sistema territorializado (por microrregião) de zeladoria urbana, segurança e fiscalização.

Sexta: propõe a criação de um instrumento de pressão e intervenção, sobre os poderes públicos, dos agentes sociais, que pretendem vantagens com a revalorização da região central, com:

- a criação de um guichê inteligente no centro para recepção de projetos “com a função de encaminhá-los, de forma centralizada e desburocratizada, à aprovação dos órgãos competentes, e de articular a solução de eventuais conflitos entres estes órgãos, a fim de viabilizar sua realização no menor tempo possível”.

Na época, todos os candidatos bem colocados nas pesquisas de opinião concordaram em, caso eleitos, atender às reivindicações dessa associação. Na

gestão do prefeito eleito Serra, já se começou a suprimir alguns calçadões na região central. Em outubro de 2005, parte dos calçadões da Rua Dom José de Barros e da Rua Vinte e Quadro de Maio recebeu pavimentação asfáltica. No cruzamento dessas ruas será construída, em breve, uma unidade do SESC Centro, com projeto de Paulo Mendes da Rocha.¹⁵ Esse trecho, já pavimentado, liga a Praça da República ao Largo do Paissandu. É provável, segundo estratégias da Associação Viva o Centro, que este trecho pavimentado tenha continuidade passando pelo início da Avenida São João, atravessando o Vale do Anhangabaú e indo até a Rua Líbero Badaró. É relevante ressaltar que a execução dessa pavimentação revela, mesmo para um leigo em construção civil, a má qualidade em sua execução pois, em dias de chuva, o escoamento superficial da água é feito sobre o que sobrou de calçadas para os pedestres, visto que o trajeto asfaltado está em um nível superior ao das calçadas.

No processo de revalorização urbana da região central de São Paulo, as “reurbanizações” de praças, o reforço do policiamento, a isenção de taxas públicas para projetos especiais e o crescente investimento público vão no sentido de reforçar e ampliar a função do centro da cidade como o lugar dos negócios, do consumo, do imperativo dos automóveis e do turismo.

Uma transformação importante na região central ocorreu na Praça do Patriarca, materializando o projeto do arquiteto Paulo Mendes Rocha, encomendado, anos antes, pela organização Viva o Centro. Nesse projeto, foi substituída a antiga marquise que cobria a entrada para a Galeria Prestes Maia por outra marquise suspensa, que se apóia nas vigas laterais, criando um pórtico-cobertura de expressão monumental, em estrutura metálica. Uma estrutura de 39 metros e 138 toneladas.¹⁶ A um custo de R\$ 1.489.686,71, a Praça do Patriarca “reurbanizada” recebeu, simbolicamente, a presença de autoridades municipais durante sua reinauguração em 10 de setembro de 2002. Neste momento, a então prefeita da cidade, Marta Suplicy, afirmou:

¹⁵ Paulo Mendes da Rocha também foi autor do projeto que modificou arquitetonicamente a Praça do Patriarca.

¹⁶ Informe Viva o Centro, número 191, p.5.

Essa praça é marcante na história de São Paulo. É importante que fique assim aberta, para que as pessoas possam ter a dimensão de um espaço livre.¹⁷

Esse “espaço livre”, como vimos, carrega fortemente uma concepção de vigilância sobre os corpos. Marco Antonio Ramos de Almeida, atual presidente da Viva o Centro, quando da reinauguração da Praça do Patriarca, declarou:

Esse é um velho sonho que se realiza. A idéia de construir um monumento arquitetônico qualificado é dar o tom para que todas as outras intervenções posteriores no centro, públicas ou privadas, estejam à altura deste portal.¹⁸

Esse monumento arquitetônico de cor branca, comumente utilizada por arquitetos modernistas, induz à idéia de algo asséptico. Está situado num lugar de passagem, pois esta praça “reurbanizada” foi concebida sem bancos para se sentar, dificultando a permanência de seus usuários. O grande espaço vazio em que se transformou essa praça, sem bancos, com pouquíssimas árvores, sem lugares de permanência, facilita a vigilância dos corpos pelo olhar, principalmente o olhar das forças repressivas do Estado, e pela vigilância privada. Esse modelo de praça, ou seja, o que facilita a vigilância pelo olhar, foi utilizado na “reurbanização” da Praça da Sé e da Praça da República.

Em janeiro de 2004, a Praça do Patriarca recebeu a sede da Prefeitura Municipal de São Paulo no antigo edifício popularmente chamado Banespinha, nomeado de Palácio do Anhangabaú na gestão Marta Suplicy (2001-2004) e renomeado Edifício Conde Francisco Matarazzo na gestão José Serra.

A revalorização urbana do centro de São Paulo já propicia melhores negócios a seus “investidores” e estimula políticas públicas de “segurança”. Localizado bem à sua frente, está um dos primeiros postos policiais no centro, que funciona durante 24 horas por dia, visando garantir “segurança”, principalmente aos usuários da Praça do Patriarca e da sede da Prefeitura Municipal, além dos hóspedes do Othon Palace Hotel. Essa experiência de atuação policial está atualmente sendo estendida à toda a região central.

¹⁷ In <http://www2.prefeitura.sp.gov.br/noticias/especiais/2002>

¹⁸ In <http://www2.prefeitura.sp.gov.br/noticias/especiais/2002>

Figuras 11 e 12 – Acima, a antiga Praça do Patriarca (novembro de 2001) e abaixo (junho de 2003), a mesma praça “reurbanizada”, com monumental pórtico banco e vasto “espaço livre”. Estátua do patriarca José Bonifácio de Andrada e Silva ficou num canto discreto da praça (não aparece na foto 12). Fotos do autor.

Figura 13 – À esquerda, a antiga loja de roupas São Nicolau na Praça do Patriarca. 2002. Foto do autor.

Figura 14- Agência do Banco do Brasil no mesmo lugar antes ocupado pela Casa São Nicolau. Agosto de 2006. Recentemente, o Banco Itaú também inaugurou nova agência nesta praça. Foto do autor.

Segundo a Associação Viva o Centro, para que os negócios se intensifiquem no centro, é necessário que principalmente o poder público invista em “segurança”. É incontestável o aumento do efetivo da Polícia Militar, da Guarda Civil Metropolitana, de fiscais municipais, além do uso de câmeras de vigilância nas ruas do centro. É necessário entender o significado disto:

Até nova ordem, ao urbano nunca falta um lado repressivo, que provém do que nele se esconde, assim como da vontade de manter os dramas velados, as violências latentes, a morte e a cotidianidade. Esse lado repressivo incorpora-se nas concepções do espaço. Ele nutre a transgressão.¹⁹

Dialeticamente, ao mesmo tempo em que políticas espaciais repressivas são concebidas e implantadas, são gerados conflitos a partir das transgressões sociais desses ordenamentos. Inequivocamente, esses novos ordenamentos espaciais que ocorrem na região central de São Paulo são fruto das ações da Associação Viva o Centro, que exerce, principalmente sobre as gestões municipais, uma ação preponderante.

**Figura 15- Moradores de rua no centro.
2005. Foto de Joaquim Duarte.**

¹⁹ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana, p. 113.

3.2. Poder público e transformação espacial

A Associação Viva o Centro tem feito propostas de ações públicas no centro, fazendo com que suas reivindicações sejam atendidas, independentemente das filiações partidárias dos prefeitos eleitos. Todos eles têm se rendido à política dessa Associação. Assim, apesar dessas transformações variarem quanto ao ritmo em que ocorrem, elas têm uma continuidade no tempo e no espaço. Essa parceria com o poder público é fundamental para que a revalorização do centro se efetive, ou seja, para que o espaço concebido seja estabelecido. Como escreve LEFEBVRE, o concebido impera na sociedade:

A cidade política não pode ser concebida sem a escrita: documentos, ordens, inventários, cobrança de taxas. Ela é inteiramente ordem e ordenação, poder.⁶⁶

Além disso ressalta que,

O poder político dispõe de instrumentos (ideológicos e científicos). Ele tem a capacidade de ação, podendo modificar a distribuição dos recursos, dos rendimentos, do “valor” criado pelo trabalho produtivo (ou seja, pela mais-valia).⁶⁷

E, para que revalorizações se efetivem, tanto o poder público quanto o privado necessitam de planejamento estratégico para que essas transformações espaciais sejam executadas, alterando a forma urbana, as funções e o uso do espaço urbano.

O processo de revalorização urbana do centro de São Paulo demonstra claramente a sintonia existente entre a chamada iniciativa privada e os órgãos governamentais, no sentido de propiciar negócios e a valorização imobiliária na cidade e, em especial, nessa área. Diferentemente do que se apregoa hoje, segundo o senso comum, de que o Estado está se retirando da economia, deixando ao sabor do livre mercado a regulação econômica, o que podemos observar acima é o inverso. Aumenta a intervenção estatal com verbas públicas para determinados projetos de interesse da chamada “iniciativa privada” e o

⁶⁶ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana p. 21.

⁶⁷ Ibidem, p. 78.

capital é privilegiado sob o manto das chamadas “parcerias”, ou seja, o Estado facilita, através de suas normas, a realização dos lucros (privados), em nome do interesse de toda sociedade.

Existe um discurso de que projetos, como o da “reurbanização” do centro, criam empregos, e de fato, criam, mas não se questiona a quantidade nem tampouco a qualidade dos empregos criados, muito menos sua remuneração. Não se discute também o tipo de profissionais que esse mercado requer. Esse discurso integra estratégias de intervenções espaciais e ajuda a fazer com que os desejos dos grandes grupos capitalistas sejam “impostos” ao conjunto da sociedade, como se fossem aspirações naturais. Ocorre aí a intensificação da exploração do trabalho, que se viabiliza através das terceirizações e da precarização das condições de trabalho. O discurso, fundamentado nas razões imediatistas do mundo do trabalho, serve assim como mola auxiliar de um ordenamento espacial impositivo e elitista. Afinal, quem se oporia à abertura de novos negócios “que gerem empregos” numa sociedade tão carente deles? O poder público ora se rende, ora se utiliza desse argumento, facilitando, assim, os planos espaciais segregacionistas.

Os estrategistas dessa transformação concebem que, à medida que ocorre essa revalorização, deve-se afastar também da região quem não pode pagar por ela. Também é uma constante, nas publicações ligadas à Associação Viva o Centro, a defesa da saída dos camelôs do centro da cidade.

É grande a preocupação dos gestores da revalorização da região central de São Paulo com a “limpeza” dessa região. Sabe-se que existe, ao nível do senso comum, uma associação entre pobreza e sujeira. Sem negar a necessidade de defesa e preservação da saúde pública, existe uma preocupação excessiva com a limpeza do centro por parte das autoridades públicas. Em 2002, o jornal Folha de São Paulo⁶⁸ noticiou “A prefeitura irá gastar R\$ 526 mil a mais por mês para manter o centro de S. Paulo limpo. Atualmente, a limpeza da região consome R\$ 1,2 milhão mensais” e, mais à frente, acrescentou: “Outra novidade anunciada é

⁶⁸ In: Folha de São Paulo de 11 de outubro de 2002, Caderno Cotidiano, C4.

um caminhão que irá lavar as ruas da região com água quente e desinfetante durante a madrugada”.

Um representante da Ação Local João Mendes, em reunião de 16/06/97, no auditório da Acrefi, com representantes da prefeitura, fez o seguinte depoimento:

O que tem que acontecer no nosso Centro aqui em São Paulo, na minha opinião, é faxina, é limpeza, depois sim, para vir algum construtor, que tenha interesse em construir aqui uma grande torre, um grande prédio, um grande shopping no Centro, mas como é que a gente vai trazer um convidado dentro do nosso escritório? Eu tenho vergonha! (palmas). É prostituição, senhor secretário! Acho que a gente não precisa ficar fazendo cartinha ou listinha para tomar atitude, tem que limpar a praça. O administrador regional da Sé hoje tem 150 fiscais na folha de pagamento da prefeitura. Se cada um deles fizer uma luta por dia naquela região, eu tenho certeza que nós vamos resolver 50% do problema ...⁶⁹

Figura 16 - No centro do primeiro plano, edifício da Prefeitura Municipal de São Paulo. Ao fundo, espigão da Avenida Paulista. 2002. Foto do autor.

⁶⁹ Heitor FRÚGOLI Jr, “Conflitos e negociações em torno da requalificação do centro de São Paulo: A Associação Viva o Centro”, p.50.

**Vistas da região central a partir da Torre do Banespa.
2002. Fotos do autor.**

Figura 17- À esquerda, embaixo, o Pátio do Colégio. À direita, em cima a Praça da Sé.

Figura 18 - No centro, edifício do Banco do Brasil, à esquerda a Avenida São João, o Edifício Martinelli e o Vale do Anhangabaú . À direita, o Viaduto Santa Ifigênia.

Figura 19 - À esquerda, o Viaduto Santa Ifigênia. À direita, a Avenida Tiradentes e o Mosteiro de São Bento.

A revalorização do centro também envolve uma concepção de assepsia em seus projetos e em sua prática. O defensor público Carlos Henrique Loureiro, coordenador do Núcleo de Habitação e Urbanismo da Defensoria Pública diz : “Desde que a atual gestão assumiu, em 2005, há uma prática de eliminar a pobreza do centro, enviá-la para a periferia e escondê-la da classe média” e prossegue “a responsabilidade da prefeitura é oferecer moradia digna para todos, ricos ou pobres, mas ela foge deste compromisso”.⁷⁰

A Subprefeitura da Sé, responsável pela administração da região central da cidade, teve um qualitativo acréscimo de verbas e equipamentos. O orçamento para a região, em 2003, foi de R\$ 32 milhões e segue a linha ascendente dos últimos orçamentos (em 2001 foi de R\$ 13 milhões e em 2002 foi de R\$ 20 milhões).⁷¹ Esse orçamento da Subprefeitura da Sé foi, em média, três vezes maior que o das demais 30 subprefeituras. No início de 2000, a então Regional da Sé (hoje Subprefeitura) possuía apenas (03) três veículos (carros e caminhões) e, em 2002, já contava com (28) vinte e oito, além de seis máquinas de terraplanagem, rolos compressores, etc. O número de fiscais na região, que se resumia a três ou quatro em 2000, em 2002 girava entre 250 a 300 fiscais⁷². Isso tem permitido uma maior manutenção da infra-estrutura da região central, que é bastante cara, além de reforçar a vigilância sobre o comércio informal praticado pelos camelôs.

Segundo Henrique Meirelles, “Em qualquer lugar do mundo o poder público está no centro das cidades. São Paulo perdeu muito com a saída dos governos de seu Centro”.⁷³ Na verdade, existem departamentos da administração pública, como a Secretaria da Fazenda do Estado, que não saíram da região central. O que está ocorrendo é a intensificação das transferências de órgãos da administração pública para essa região. A primeira sinalização para transferências

⁷⁰ In: www.cartamaior.uol.com.Br/templates, acessado em 8/02/2006.

⁷¹ Cf. Informe Viva o Centro, número 193, p. 5.

⁷² Ibidem.

⁷³ Cf. Informe Viva o Centro, número 191, p.3.

massivas de órgãos públicos para o centro ocorreu na gestão Luiza Erundina, quando a sede da prefeitura paulistana foi transferida do Parque do Ibirapuera para o Palácio das Indústrias, situado no Parque Dom Pedro II. Na gestão Marta Suplicy (2001-2004), essas transferências ganharam grande impulso e diversas repartições públicas municipais transferiram o comando de operações para a região central. Recentemente, diversos órgãos de gestão estadual também seguiram esse mesmo caminho.

4. As metamorfoses dos usos

Se, por um lado, se estabelece uma concepção de revalorização espacial articulada entre poder público e poder privado, como ficam nesse espaço, os agentes sociais que o vivenciam? Até quando setores sociais ligados ao comércio informal, aos sem-teto e aos prostíbulos⁷⁴ persistirão na região central? Que resistências apresentam? Como se articulam?

O território da região central de São Paulo, favorecido pelo fator acessibilidade, faz com que parte significativa das redes sociais da cidade, por ele transite ou nele se centralize. Por interligar diversos pontos da cidade inúmeros agentes sociais por ele passam em seus trajetos e, portanto, nele, ou nas proximidades dele, fica mais fácil o encontro. Como se estabelecem as ações sociais, estes pontos de encontro e as diversas redes de sociabilidade? Todos esses agentes sociais manifestam-se ao nível das ruas. E o que é a rua afinal? Na linguagem de alguns prospectos da Associação Viva o Centro, a rua é concebida, tecnicamente, como “cota zero”. Porém, a rua é muito mais do que isso.

A rua é o lugar do encontro das diferenças e também das semelhanças. É nela que a desordem vive, informa e surpreende, segundo LEFEBVRE:

A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é a desordem? Certamente.⁷⁵

A rua não é só o poder e a repressão (explícita ou velada), é também onde a atual reestruturação capitalista do consumo mostra a sua força, através de uma série de objetos expostos para venda, o que demonstra que a lógica da mercadoria é acompanhada de uma contemplação passiva do consumidor que adquire a importância de uma estética e de uma ética. A imagem afirma-se como

⁷⁴ As práticas do comércio informal e dos prostíbulos, além da existência dos sem-tetos na região central, são frutos de uma inclusão perversa dentro do sistema de produção capitalista. Atualmente, muitos consideram estes setores sociais como excluídos, mas na verdade, estão incluídos de forma perversa nesta sociedade de consumo, ou seja, fazem parte do mercado, por menor que seja a sua participação.

⁷⁵ Henri LEFEBVRE, *A Revolução Urbana*, p. 30.

mais forte que os possíveis conteúdos, de certa maneira até pelo fato de que a cidade e suas ruas, que tudo reúnem, também se oferecem como espetáculo aos olhos.

Nas ruas da região central, conflitos se manifestam. Os usos espaciais desta região revelam uma forte disputa espacial entre diferenciados agentes sociais, enquanto transformações espaciais diversas manifestam-se nos espaços religiosos, econômicos, sociais e culturais desse lugar.

4.1. O lugar da luta por moradias

Aproximadamente 25% da população do centro da cidade reside em cortiços.⁷⁶ Falando sobre os cortiços, Severino Manoel de Souza, um dos ocupantes de um edifício da Avenida Prestes Maia, coletor de lixo reciclável e organizador de uma biblioteca dessa ocupação (ver Anexo 04)⁷⁷, diz:

Eu vi o pessoal falando que um cômodo de doze metros quadrados, que só cabe um casal com uma cama de solteiro, tá 300 reais, 350. A pessoa ganha um salário mínimo de 350 contos, ou ganha 500 conto, paga 350 no cômodo para morar, ele vai comer o quê? Vai vestir o quê? Ele vai comprar o quê? Por isso que eles correm tudo para esses movimentos sociais.

Essas moradias em situação precária podem ser entendidas dentro de um processo geral de valorização urbana na cidade de São Paulo, no período compreendido entre 1980 e 1996, onde:

as rendas diminuíram, a periferia melhorou e tornou-se cara. Como resultado, muitos moradores pobres tiveram de colocar de lado o sonho da casa própria e cada vez mais optar por viver em favelas ou em cortiços, que aumentaram substancialmente.⁷⁸

A população empobrecida do centro, ao morar em cortiços, evita o alto custo do deslocamento pendular diário entre centro e periferia. Muitas vezes, é mais compensador pagar caro por um lugar nos cortiços do que arcar com os custos do transporte coletivo.

⁷⁶ Cf. TV USP, Programa **pgm**, 23/01/03.

⁷⁷ Em entrevista a nós concedida em 16/04/07.

⁷⁸ Teresa P. do Rio CALDEIRA, Cidade de Muros, p.231.

Segundo levantamento da própria prefeitura da cidade, através da Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (gestão 2000-2004), os distritos Sé e República apresentam bolsões de pobreza comparáveis às regiões miseráveis da Índia e África.⁷⁹ São inúmeros os cortiços no Cambuci, Bela Vista, Campos Elíseos e Liberdade. Isso significa que o processo de valorização urbana no centro caminha no sentido contrário à possibilidade da maioria destes moradores arcarem com as despesas de aluguel e condomínio numa região valorizada. Presume-se que o seu destino, a prevalecer os interesses da Associação Viva o Centro, é sair desta região. Além disto, é evidente o crescimento das populações de sem-teto na região central.

Os chamados sem-teto podem ser diferenciados em dois níveis:

- os sem-teto que moram nas ruas;
- os sem-teto que se organizam em torno de estratégias para conseguirem sua própria casa, sendo que muitos deles já moram em cortiços, pagando altos aluguéis, proporcionalmente às outras áreas da cidade.

Os sem-teto que moram nas ruas são verdadeiros nômades urbanos e muitos ainda parecem viver em função de coletas das mais diversas. Catadores de papelão, coletores de lixo para reciclagem e recolhedores de móveis usados. São alvos constantes das políticas públicas e privadas de segurança. Na administração José Serra/Gilberto Kassab, a coleta de lixo reciclável, feita em muitos casos por esses sem-teto, está sendo paulatinamente transferida para empresas que usam modernos caminhões e já se reprime o tráfego de carroças de recolhedores de lixo pela região central, com o argumento de que atrapalham o trânsito. Segundo Severino Manoel de Souza, coletor de lixo reciclável:

O que tenho percebido é que no ano passado teve um grande arrastão sobre os catadores. Prenderam muitas carroças, muita mesmo, não foi pouca não. Até mesmo no dia eu me salvei por uma pelinha de nada no Bom Retiro, eu ia na contramão e eles foram atravessando uma rua lá com um caminhão carregado com um bocado de carroça dos catadores e eu entrei numa rua na contramão e por felicidade o farol abriu um pouco e deu para passar direto. Eu

⁷⁹ Cf. Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, C3, 15/08/2002.

passava a dois centímetros do retrovisor dos carros. Fui embora.

Cabe lembrar que o comércio da reciclagem de lixo cresce muito e é cada vez mais lucrativo. O Brasil já é recordista mundial em reciclagem de alumínio.

Contra os sem-teto moradores de rua, cada vez mais se ouvem discursos que defendem mais “segurança” no centro, no sentido de afastá-los dessa região.

Para a Associação Viva o Centro, para que os negócios se intensifiquem no centro é necessário que principalmente o poder público invista em “segurança”. É incontestável o aumento do efetivo da Polícia Militar, da Guarda Civil Metropolitana, de fiscais municipais, além do uso de câmeras de vigilância nas ruas do centro. É necessário entender o significado disso. Segundo CALDEIRA:

Relacionar a segurança exclusivamente ao crime é ignorar todos os seus significados. Os novos sistemas de segurança não só oferecem proteção contra o crime, mas também criam espaços segregados nos quais a exclusão é cuidadosa e rigorosamente praticada. Eles asseguram “o direito de não ser incomodado”, provavelmente uma alusão à vida na cidade e aos encontros nas ruas com pessoas de outros grupos sociais, mendigos e sem teto”.⁸⁰

Também diz: “Todos os elementos associados à segurança tornaram-se parte de um novo código para a expressão da distinção, um código que chamo de estética da segurança”⁸¹,
onde

...os proprietários têm usado sua criatividade para inventar meios de manter as pessoas indesejáveis à distância. As técnicas variam de instalar esguichos que funcionam em horários imprevisíveis em marquises a esticar correntes para impedir o uso dos pátios, entradas e calçadas e cercar parques públicos. O principal alvo dessas técnicas é o crescente número de sem-teto.⁸²

Para o padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo da Rua, “Está ocorrendo uma criminalização da população que vive nas ruas da cidade. Não se pode

⁸⁰ Teresa P. do Rio CALDEIRA, Cidade de Muros, p. 267.

⁸¹ Ibidem, p. 294.

⁸² Ibidem, p. 319.

confundir os moradores de rua com criminosos”.⁸³ Para ele, a política de revalorização do centro deveria ser uma política de revalorização da vida das pessoas, do espaço público e das políticas públicas.

Segundo Francisco Comaru, da equipe de urbanismo do Instituto Polis, que integra o Fórum Centro Vivo, articulação que reúne movimentos populares urbanos, pastorais, universidades, sindicatos e entidades de defesa dos direitos humanos, educação e cultura em São Paulo, houve um movimento perverso de esvaziamento da região central nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que ocorreu um inchamento das periferias, onde há menos empregos, infra-estrutura e oferta de serviços de educação e saúde, menor número de atividades culturais e uma rede de transporte público mais precária. Segundo ele, “A região central tem um potencial muito grande para abrigar a população que trabalha no centro e diminuir o impacto econômico, social e ambiental desse deslocamento”. Ainda segundo Comaru, políticas de revalorização do centro não têm levado isso em consideração, não ajudando a reverter esse processo, pois não estimulam o uso residencial dessas áreas, o que evitaria a necessidade de um movimento pendular entre residências e locais de trabalho e serviços oferecidos pela cidade, o que gera enormes congestionamentos e contribui para aumentar a poluição da cidade e piorar as condições de vida da população em geral.

Na recém “reurbanizada” Praça Dom José Gaspar, “adotada” pela empresa Maringá Turismo em uma parceria com a prefeitura municipal, o paisagismo inclui, além de cercas aos canteiros, a planta popularmente conhecida como “coroa de Cristo”, que possui numerosos espinhos. Isso dificulta a ocupação dessa praça por moradores de rua, antes tão freqüentes, nesse local. Tanto nessa praça quanto na Praça da Sé, os bancos dificultam que alguém neles fique deitado, estratégia claramente direcionada aos moradores de rua.

O segundo nível dos sem-teto, os organizados estrategicamente em associações, enfrenta periodicamente a repressão policial e a oposição dos defensores da revalorização do centro mas, apesar disso, tem conseguido algumas vitórias. Esses sem-teto estabelecem claramente seus próprios códigos

⁸³ In: www.cartamaior.uol.com.br, acessado em 24/01/2006.

de convívio e ação e se reúnem em uma espécie de acampamento primitivo em períodos de lutas, pois rapidamente podem montar e desmontar suas moradias.

**Figura 20 - Praça Dom José Gaspar: na nova arquitetura anti moradores de rua o banco da praça que deveria juntar, agora separa. Novembro de 2006.
Foto de Joaquim Duarte.**

Muitos edifícios vazios no centro foram ocupados, tornando concreta a lei que garante o uso social da propriedade. Porém, na gestão José Serra/Gilberto Kassab, cresceu o número de despejos desses moradores sob ordem de mandatos judiciais e executados pela Polícia Militar, como o que ocorreu, em 2005, com os moradores de um edifício da Rua Plínio Ramos. Esse edifício, com o IPTU atrasado desde 2001 e vazio há 10 anos, o que tornaria passível a sua desapropriação, foi desocupado pela tropa da Polícia Militar, desalojando-se 300 pessoas, entre as quais 110 crianças. Apesar da limitada reação de resistência dos moradores, foram usados pelos policiais gás de pimenta, bombas de efeito moral e balas de borracha.

Resistiram às diversas tentativas de despejo os moradores da ocupação situada na Avenida Prestes Maia, número 911, que abrigou aproximadamente 315 crianças, 380 adolescentes, 561 mulheres e 466 homens. Durante essa ocupação, Jomarina Pires da Fonseca, líder do Movimento dos Sem-Teto do Centro declarou:

Moramos aqui há mais de três anos. O prédio estava abandonado há mais de doze anos, cheio de lixo, esgoto, ratos, baratas. Isso era ponto de tráfico. Retiramos mais de 200 caminhões de lixo e cerca de 1,5 mil metros cúbicos de esgoto de seu subsolo, onde hoje funciona uma biblioteca. Apenas conferimos ao imóvel a função social que a Constituição Federal determina para todas as propriedades.⁸⁴

No processo de apropriação do lugar nessa ocupação, criou-se uma comunidade solidária e sem problemas de criminalidade. Foi, inclusive, organizada uma biblioteca, por Severino Manoel de Souza, onde se encontram livros de Machado de Assis a Harry Potter. A biblioteca já foi visitada por José Mindlin, bibliófilo e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), José Celso Martinez Corrêa, do teatro Oficina e pelo geógrafo Aziz Ab Saber, que declarou: “Fiquei ali observando aspectos humanos e em apenas meia hora aprendi muito com eles. Vi coisas que fizeram minha cabeça ferver”.⁸⁵ Parte das obras dessa biblioteca foi resgatada do lixo por Severino. Apropriando-se do espaço para abrigar outras dimensões da existência, tais como o prazer, o sonho e o desejo, Severino conta como organizou a biblioteca:

Quando foi em 2001, 27 de janeiro de 2001, eu comecei a trabalhar com material reciclável. Fui achando muito livro no lixo, o primeiro que eu achei foi Machado de Assis, depois de eletricidade básica, depois achei a coleção de Monteiro Lobato, essa coleção é rara e difícil, nem toda biblioteca tem ela. Fui me apaixonando, fui lendo os textos dele e fui me apaixonando mais pelo livro porque eram outros livros diferentes. Os livros que eu tinha eram didáticos, literatura, esse livro juvenil, foi da época que eu estudei, foi os livros que eu comprava, não tinha conhecimento do que era um romance, não tinha conhecimento do que era uma poesia, não tinha conhecimento do que era um dicionário, um conto, nem nada. Só tinha conhecimento com esse livro didático mesmo, esse livro juvenil, eram os livros que eu lia mais um pouco. Foi quando eu li a história de Machado de Assis e eu falei não, é minha história e por aí mesmo...

⁸⁴ In: www.cartamaior.uol.com.br/templates, acessado em 08/02/2006.

⁸⁵ In: Agência Repórter Social, www.reportersocial.com.br, acessado em 17/02/06.

Figura 21 - Moradoras arrumam seus pertences para deixarem a ocupação, na Rua Plínio Ramos. Agosto de 2005. Foto de Luciney Martins.

Figura 22 - Interior da ocupação por sem-tetos de edifício da Rua Plínio Ramos. Agosto de 2005. Foto de Luciney Martins

Quando realizamos a entrevista com Severino, a biblioteca já contava com dezesseis mil e trezentos livros, segundo ele:

...a gente recebeu muito livro de doação e uns livros muito importantes, de autores que já foram embora. Esse autor nordestino, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José de Alencar, Luiz de Azevedo, Monteiro Lobato, Lampião... tem livros que vem diretamente para a gente e estamos guardando em casa. Veio também o Gilberto Freire, "Casa Grande e Senzala". E muitos livros que veio de fora para a gente, veio uma coleção do ministro da cultura federal, Gilberto Gil mandou uma coleção para nós de "Os Pensadores". Veio uma coleção da Austrália direto para a gente, é um livro todo em inglês...

Apropriando-se do espaço público, Severino organizou a Bienal dos Pobres na Praça da Sé, porque, segundo ele, moradores de rua não têm dinheiro para visitar a Bienal do Livro, que é periodicamente realizada em São Paulo, e conta como foi:

Teve a Bienal do Livro, eu fui lá uma vez na abertura, fui fazer uma reportagem com a TV Cultura e quando cheguei lá vi um monte de gente na fila para olhar. Tem que pagar dez reais para olhar. A eu cheguei aqui e falei não, lá na Bienal é dez reais para entrar, o pobre não vai poder entrar, morador de rua não vai poder entrar, vamos abrir uma bienal dos pobres na Praça da Sé. Aí eu contei com ajuda de algumas pessoas e a gente montamos a bienal dos pobres na Praça da Sé.

Essa bienal passou o primeiro dia, o segundo, o terceiro, pouca gente estava freqüentando ela, quando foi do quarto dia em diante, quando foi do quarto dia em diante já passou a aparecer morador de rua. Quando foi do quinto, do sexto dia já tinha muita gente. Os banquinhos, tinham 20 e poucos banquinhos, já não cabiam. O pessoal pegava livro, revista sentava no chão para poder ler...

Essa Bienal dos Pobres, foi reprimida pela Guarda Civil Metropolitana, que recolheu os livros, sob alegação de que estava incomodando o poder público e atrapalhava a circulação de pedestres. Severino diz:

Eles prenderam é... levaram para a regional da Sé. No dia seguinte fomos lá, eles disseram que não iam devolver os livros porque os livros eram de morador de rua e não sei o quê, vira e mexe, estava atrapalhando a passagem, estava incomodando o pessoal. Mas aonde é que os livros incomoda alguém? Aonde que o livro incomoda a pessoa?

E continua falando dos livros:

Recolheram. De três mil e quinhentos, aproveitamos mil e quinhentos só. É, porque enciclopédia, dicionário, eles são livros grossos, livros pesados, pegavam do chão e jogaram no caminhão, depois fizeram um arrastão na 25 de Março, aqueles livros embaixo de carroças de coisas do camelô, estragou muitos livros.

Figura 23 - Espaço Cultural na garagem do edifício da Avenida Prestes Maia. Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

Figura 24 - Biblioteca Prestes Maia organizada por Severino (à direita na foto). Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

Figura 25 - Criança da ocupação escreve durante atividade de desenho e pintura.
Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

Figura 26 - Encenação da peça “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”,
texto de Guimarães Rosa. Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

Figura 27- Avenida Prestes Maia, número 911: resistência e apropriação espacial.
Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

**Figura 28 - Criança se identifica com o lugar da ocupação e o apropria.
Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.**

A escolha da Praça da Sé por Severino, como local para essa Bienal, está associada à memória que o lugar ocupa no imaginário popular como local de manifestações e de encontro. Esse é o lugar das manifestações religiosas, políticas e culturais da cidade e tem o seu entorno em pleno processo de revalorização. Nessa praça, foram realizadas manifestações contra a ditadura militar no Brasil (1964-1985), campanha por eleições livres e diretas em 1984 e shows da Virada Cultural, por exemplo. É o lugar de encontro dos migrantes provindos dos mais diferentes lugares do país.

Recentemente, no Primeiro de Maio de 2007, Dia dos Trabalhadores, foi onde manifestantes aí se reuniram e protestaram contra o atrelamento das organizações sindicais aos organismos governamentais e da iniciativa privada.⁸⁶ Essa manifestação foi organizada por setores ligados à Igreja Católica e à esquerda brasileira.

Essas apropriações espaciais realizadas por Severino encontraram sempre a resistência dos que detêm a propriedade privada do solo e do Estado. Sobre a questão da propriedade privada, podemos destacar inúmeras ordens de despejo que foram feitas para a desocupação desse edifício da Avenida Prestes Maia, onde se localiza essa biblioteca e, sobre as resistências impostas pelo Estado, indicamos as repressões a atividades como essa Bienal dos Pobres. Estado e proprietários uniram-se também para acordarem com os moradores a desocupação do edifício, ocupado há quatro anos e meio. Seus moradores receberão auxílio-aluguel até que o governo federal compre outros edifícios em que possam morar e alguns irão morar na Cohab Itaquera. Mesmo levando em consideração as possíveis desarticulações desse movimento criado em torno da luta por moradia, muitos moradores consideram que obtiveram uma vitória, ao deixarem de morar em um lugar extremamente inóspito.

⁸⁶ Nesse Primeiro de Maio, outras duas manifestações ocorreram na cidade. Uma na Avenida São João, com shows populares, fortemente policiada e organizada principalmente pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), e com financiamento de empresas como a Caixa Econômica Federal, Nestlé, Bradesco e Casas Bahia, entre outras. A outra manifestação ocorreu no Campo de Marte, organizada pela central Força Sindical, com o apoio implícito do Governo do Estado. Nessa, além dos shows, foram sorteados prêmios aos presentes, como automóveis, por exemplo.

Na gestão municipal de Marta Suplicy, foram firmadas parceria com a Caixa Econômica Federal para reforma de prédios na região central, criou-se o programa de locação social para famílias de baixa renda, além da reforma de casarões e cortiços. Na gestão José Serra/Gilberto Kassab (2005-2008), essas garantias da gestão anterior estão sendo retiradas. A situação dos sem-teto na região central continua sendo, para os poderes públicos, um grande problema a ser resolvido. A opção pela expulsão desses moradores do centro é muito mais comum do que a procura de saídas efetivas e socialmente mais justas.

O projeto habitacional da prefeitura na gestão Marta Suplicy, chamado “Morar no Centro”, destinado a famílias de baixa renda, encontrou resistência da Associação Viva o Centro. A Associação argumentava que moradores de baixa renda não teriam como arcar com a manutenção das instalações e serviços de prédios reformados, que em pouco tempo poderiam transformar-se numa espécie de favela. Diz o editorial:

...edifícios como do antigo Hotel São Paulo, na Praça da Bandeira e o Riskallah Jorge, na Avenida Prestes Maia, apresentam todos os requisitos - grande número de minúsculos apartamentos, manutenção e administração complexas e caras - para a reprodução do fenômeno São Vito. Nesses casos, o poder público estará criando problemas em vez de resolvê-los e, o que é pior, com emprego de dinheiro público.⁸⁷

Dessa forma, o editorial da Associação Viva o Centro confirma sua opção preferencial por setores da classe média para os projetos habitacionais no centro.

É uma estratégia que visa a atração de populações que podem pagar, muitas vezes através de financiamentos bancários, sua moradia no centro. O centro transforma-se assim, em um lugar dos negócios, destacadamente o imobiliário, gerando lucros também para o capital financeiro.

Para o pesquisador Francisco COMARU,

Um projeto para o centro tem que ser pensado a partir do contexto brasileiro de profundas desigualdades sociais, precisa incluir a população de baixa renda para promover

⁸⁷ In: Informe Viva o Centro, número 191, p. 2.

uma mistura socioeconômica a fim de construir uma sociedade mais equilibrada.⁸⁸

Figura 29 - Vista a partir da Torre do Banespa. Em segundo plano, no centro e à esquerda vê-se o Edifício São Vito, na Avenida do Estado. À sua frente, do outro lado desta, o Mercado Municipal. À direita, no primeiro e segundo plano, o Parque Dom Pedro II. Novembro de 2005. Foto do autor.

O Edifício São Vito, localizado na Avenida do Estado, tem suas instalações e estado de conservação bastante precários e sua população foi removida na administração Marta Suplicy, que instituiu para seus moradores a bolsa-aluguel.⁸⁹ Aos moradores, ficou a promessa de que assim que o edifício fosse reformado, haveria o retorno deles a, seus antigos apartamentos. Na gestão José Serra/Gilberto Kassab, depois de freqüentes atrasos no pagamento da bolsa-aluguel, em 14/02/2005,⁹⁰ o secretário de Habitação do Município anunciou a suspensão, por tempo indeterminado, desse programa e levantou a hipótese de lançar mão da implosão para “resolver finalmente o problema de deterioração do

⁸⁸ In: www.cartamaior.uol.com.br, acessado em 24/01/2006

⁸⁹ Referindo-se à bolsa aluguel, o jornal Folha de São Paulo, em 26/02/2004, Caderno Cotidiano, p. 03 noticiava “Aprovado na última semana pelo Conselho Municipal de Habitação, o programa bolsa-aluguel, da Prefeitura de São Paulo, deverá sair do papel na segunda quinzena de março, quando atenderá as famílias moradoras dos edifícios São Vito e Prestes Maia (centro) que serão reformados.

Pela lei, a prefeitura subsidiará o aluguel das famílias em até R\$ 300,00 pelo período inicial de 30 meses. Se o valor do aluguel for superior ao subsídio, o inquilino será responsável pelo excedente. Quem não apresentar o comprovante de pagamento em até três meses será desligado do projeto”.

⁹⁰ Cf. Jornal da Tarde, Caderno A, 15/02/2005, p. 3.

Edifício São Vito”. Uma mudança do uso do lugar destinada a atender, principalmente, turistas que visitam o Mercado Central de São Paulo.

4.2. Transformações nos espaços religiosos

A centralidade mais antiga de São Paulo formou-se com a presença forte da Igreja Católica. A Catedral da Sé, o Mosteiro de São Bento, a Igreja da Consolação e a Igreja de Santo Antônio são alguns exemplos de espaços sagrados que se mantêm no chamado centro antigo.

Com o processo de revalorização do centro, as igrejas estão sendo restauradas e a visita a elas incluída em roteiros turísticos. Dentre as igrejas restauradas, estão a Catedral da Sé e a Igreja de Santo Antônio. Está em processo de restauro a Igreja da Consolação. Na “reurbanizada” Praça do Patriarca, onde se localiza a restaurada Igreja de Santo Antônio, o padre Sante Bernardi opina sobre as transformações recentes que ocorreram na praça, dizendo que a praça melhorou muito porque:

Nos jornais, foi criticada esta estrutura. Um senhor que frequenta a Igreja disse que gostou. Criticavam que a Igreja é patrimônio da cidade e esta estrutura metálica estava escondendo a igreja. Ele disse que não, que chegou a embelezar a igreja num certo sentido. Um senhor que frequenta a igreja disse que ficou mais bonita. A praça ficou mais ampla, não tem ônibus, não tem mais carros.⁹¹

As idosas senhoras católicas que desciam no terminal de ônibus da Praça para rezar na Igreja Santo Antônio, provenientes de bairros periféricos de São Paulo, tiveram que se re-arranjar para exercer sua religiosidade. Nenhum ônibus faz ponto final na Praça de hoje e, para idosos, é forçoso atravessar o Viaduto do Chá. Com a reurbanização da Praça do Patriarca, as antigas usuárias da Igreja de Santo Antônio não a freqüentam como antes e o padre Sante Bernardi explica:

Quem não gostou muito foram as velhotas, que agora tem que descer do ônibus do outro lado do viaduto do Chá. Antes desciam na porta da igreja, no terminal de ônibus da Praça.

⁹¹ Em entrevista a nós concedida em 2002.

São muitas senhoras. Elas vinham dos bairros. Diminuiu muito a frequência à igreja. Depois... as pessoas acabam acostumando com tudo...

Na “revitalizada” Praça do Patriarca, uma antiga loja de roupas populares, a casa São Nicolau, cedeu espaço a uma agência do Banco do Brasil e parte do antigo restaurante do Othon Palace Hotel foi ocupada por agência do Banco Itaú. O capital financeiro se impõe.

A restauração da Catedral da Sé trouxe consigo um certo “glamour” dos anos passados para a região, sendo esse o local que já aparece como o escolhido para casamentos de filhos de milionários.

Figura 30 - Restauração da Catedral da Sé, feita com recursos de leis de incentivo à cultura e doações de empresários. 2001. Foto do autor.

Em 30 de outubro de 2005, sob o título de “Banquete na Sé acaba em pão com banana”⁹², o jornal O Estado de São Paulo noticia um casamento de milionários na Catedral da Sé:

Alertados pelos rumores de que ia rolar um “banquete” na Praça da Sé, os moradores de rua, habitués do local, foram chegando. Com papelão e cobertores improvisaram ninhos para assistir de camarote ao casamento dos empresários Lianinha de Moraes e Guilherme de Almeida Prado na Catedral da Sé. Mas, barrados na escadaria da igreja, tiveram que se contentar com pão e banana que a Igreja Adventista do Sétimo Dia distribui aos sábados.

Um batalhão de seguranças de terno preto impedia a aproximação de qualquer um que não fosse convidado. A estudante de arquitetura Carolina Pereira, 20 anos, marchou decidida. Não passou do sexto degrau. “Mas a Catedral é um marco da cidade!”, argumentou. “E se eu quiser rezar?” O segurança respondeu que só depois das 20 horas.

Os usos dos espaços sagrados no centro também estão se transformando, como fruto das referidas estratégias revalorizadoras, em que a apropriação do espaço é feita sob lógicas profanas do valor de troca. Resistem setores ligados à Igreja Católica, em defesa das populações pobres da região, como a Pastoral do Povo da Rua.

4.3. O lugar do consumo cultural

Pouco a pouco, o espaço segregado, pretendido pelos promotores dessa revalorização urbana, se afirma. É crescente a afluência da classe média para a região central, seja para moradia, seja para o consumo cultural.

Surpreende, a quem pouco frequenta a região central da cidade, que nela haja usos, por parte de um número cada vez maior de pessoas, durante a noite. O centro, que até recentemente “morria” durante a noite, agora começa a “renascer”, com o redescobrimto dos “novos” antigos circuitos gastronômicos e o surgimento de inúmeros bares e pontos de encontro.

Com a ampliação do Mackenzie, por exemplo, tornou-se mais visível uma verdadeira concentração universitária envolvendo a Escola de Sociologia e

⁹² In: O Estado de São Paulo, Caderno Metrópole, 30/11/2005 p. 9.

Política , a USP Maria Antonia, a Santa Casa nos arredores do Elevado Costa e Silva (o Minhocão) e da Rua da Consolação. Lugares antes considerados perigosos às margens do Minhocão hoje transformaram-se em pontos de “balada” e muito movimento durante as noites. A atração dos setores médios para a região central, especialmente estudantes, fortaleceu-se. Ruas antes escuras, onde predominava a prostituição à noite, de repente estão bem iluminadas com bares lotados de jovens em mesinhas nas calçadas.

Figura 31 - Restauração do edifício da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. 2005. Foto do autor.

O Hotel Cambridge, localizado nas proximidades da Praça da Bandeira, transformou-se em referência para festas e comemorações de aniversário de jovens universitários. Essa rede social da juventude pertencente às camadas médias da população também avança pela Rua Augusta, como é perceptível na Sorveteria Soroko e nas recém-inauguradas casas noturnas OUTS, Sarajevo, Inferno, entre outras. A casa noturna Vegas já é ponto de encontro de socialites paulistanos.

Centros culturais foram criados nessa região tais como o Centro Cultural Banco do Brasil, o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, o Centro Cultural da Galeria Olido, que atraem cada vez mais freqüentadores. Isso sem contar o Complexo Cultural na Região da Estação da Luz , que inclui o Museu da Língua Portuguesa, a Sala São Paulo (voltada a concertos) e o Museu de Arte Sacra, além da Pinacoteca do Estado.

Figura 32 - Praça Dom José Gaspar: um dos shows mensais do projeto denominado Piano na Praça, promovido pela Prefeitura Municipal da cidade. Apresentação do cantor e compositor Francis Hime. 11 de novembro de 2006. Foto de Joaquim Duarte.

Além disso, a prefeitura instituiu, anualmente, a chamada Virada Cultural na cidade ou seja, vinte e quatro horas de diversas atividades artísticas espalhadas pela cidade, com uma programação mais ampla e variada na região central. Essa atividade institucional foi inspirada em atividades semelhantes que ocorrem em cidades como Roma, Paris e Madri. É a animação cultural como estratégia de valorização do lugar.

Figura 33 - Uma das novas universidades que se instalam no centro: a Anhembi Morumbi na Rua Líbero Badaró. Agosto de 2003. Foto do autor.

Pelo quarto ano consecutivo, em 05 e 06 de maio 2007, um milhão e meio de pessoas eram esperadas⁹³ para prestigiar essa festa cultural e contariam com o funcionamento ininterrupto dos transportes públicos (ônibus e metrô). (ver programação no Anexo 05). Pela programação divulgada, podemos verificar que, proporcionalmente à população das zonas da cidade, a região central é a grande privilegiada. Para o secretário de Cultura Municipal, Carlos Augusto Calil, essa Virada Cultural é para todos e em todos os lugares, como projeto de democratização da cultura, e “É um espaço que permite até transgressões, nem que seja por apenas 24 horas”.⁹⁴ É inegável o aspecto positivo desse evento numa cidade cada vez mais carente de atividades culturais gratuitas. Nele, manifesta-se a diversidade cultural da metrópole. No entanto, deve-se ressaltar que é uma

⁹³ De acordo com entrevista dada pelo prefeito Kassab ao Jornal da Record de 07.05.07, três milhões e meio de pessoas participaram da Virada Cultural, sendo que o único incidente ocorreu na madrugada na Praça da Sé, durante o show do grupo Racionais MCs.

⁹⁴ In: Jornal MetrôNews, 11/04/2007, p.14.

atividade concebida pelo Estado, com tempo e lugar estabelecidos, onde até as possíveis transgressões, tão comuns na vida cotidiana, têm também tempo e lugar para ocorrer. O centro está sendo transformado em lugar de festas, um lugar da colonização do cotidiano.

É assim que se pode falar de uma colonização do espaço urbano, que se efetua na rua pela imagem, pela publicidade, pelo espetáculo dos objetos: pelo “sistema dos objetos” tornados símbolos e espetáculo. A uniformização do cenário, visível na modernização das ruas antigas, reserva aos objetos (mercadorias) os efeitos de cores e formas que os tornam atraentes. Trata-se de uma aparência caricata de apropriação e de re-apropriação do espaço que o poder autoriza quando permite a realização de eventos nas ruas: carnaval, bailes, festivais folclóricos. Quanto à verdadeira apropriação, a da “manifestação” efetiva, é combatida pelas forças repressivas, que comandam o silêncio e o esquecimento.⁹⁵

Nessa Virada Cultural, a permissão para as transgressões a que se referia o secretário da cultura era evidente. O pouco policiamento e a ação passiva da polícia contrastava com o que ocorrera cinco dias antes no Primeiro de Maio, nesse mesmo espaço, que foi fortemente policiado.

Essa transgressão permitida foi interrompida em um show do grupo Racionais MCs na Praça da Sé. É sabido que esse grupo de *rap* atrai para seus shows grandes multidões, principalmente compostas por jovens das distantes periferias da metrópole. O show, previsto para as três horas da manhã do dia seis, teve uma hora e meia de atraso. A grande multidão presente na Praça se comprimia e até os espaços reservados para convidados foram sendo pressionados a abrigar parte da multidão. Durante o show, o clima era tenso. Um grupo de jovens subiu em uma banca de jornal e a danificava aos pulos, quando a polícia agiu de forma mais aguda. Os policiais começaram a agir com violência sobre a multidão, de forma exagerada, segundo pessoas por nós entrevistadas. Podemos questionar aqui se não seria melhor pedir aos jovens que subiram na banca de jornal para descerem, tendo em vista que o mais provável era o dono da banca de jornal ser um pequeno proprietário e que o mesmo arcaria com as despesas pelos danos causados.

⁹⁵ Henri LEFEBVRE, A Revolução Urbana, p. 31.

Talvez esse argumento não bastasse, mas pelo visto não foi nem tentado. Esse foi o único incidente grave registrado durante as vinte e quatro horas do evento, em que se reuniram milhões de pessoas. O fato é que a repressão policial, com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha, estendeu-se da Praça da Sé ao Viaduto do Chá e ao Boulevard São João, fazendo cancelar parte da programação nesse perímetro.

Quando as vinte e quatro horas da Virada Cultural acabaram, na noite de domingo, o que sobrou foram ruas quase desérticas, com toneladas de lixo. A multidão se foi, porque o ritmo da metrópole é o ritmo do trabalho e das mercadorias e o dia seguinte seria uma segunda-feira. Para muitos, resta esperar a Virada Cultural do ano que vem. Para outros, como os do ramo hoteleiro, resta contabilizar os lucros resultantes das ocupações dos hotéis nesses dias.

Quando ocorrem, na região central, manifestações efetivas, sem a autorização do executivo, elas são reprimidas violentamente, como ocorreu durante a malhação do Judas, no sábado de Aleluia, realizada no Cambuci em 2005, e com movimentos sociais pelo direito social à moradia.

Enquanto isso, no “reurbanizado” Vale do Anhangabaú, em seus degraus e pisos de granito, pode-se observar, à noite, skatistas que revelam outro estilo de vida não compatível “com o circuito dos usuários solventes do grande capital, freqüentadores da rede hoteleira, de gastronomia e de lazer que seguem padrões internacionais”.⁹⁶ É a apropriação do espaço que escapa da normalização do espaço e a transgride.

4.4. O lugar da especulação imobiliária

Os estrategistas da revalorização da região centro têm como objetivo também o crescimento do setor imobiliário. O presidente da Adviser Consultores, especialista em patrimônio imobiliário, Luís Álvaro de Oliveira Ribeiro, diz que a tão sonhada recuperação do Centro passa “pela oxigenação de seu tecido urbano periférico” pois, “Há um enorme estoque de espaços sub-utilizados na zona cerealista, no Brás, Pari e Cambuci, que poderia abrigar projetos imobiliários

⁹⁶ José Guilherme C.MAGNANI, De Perto e de Dentro: notas...,p. 6.

modernos, eficientes e desejáveis”.⁹⁷ A revalorização da região central sinaliza para a valorização dos bairros em seu entorno, o que contribui para dinamizar a revalorização da mesma. Nas proximidades da região central, é grande o número de cortiços e galpões de antigas fábricas que aguçam o apetite por lucros do mercado imobiliário. Referindo-se à zona leste próxima à região central, Luiz Paulo Pompéia, diretor da Empresa Brasileira de Pesquisa de Patrimônio (Embraesp), declara:

É a zona que tem o maior território aproveitável, uma vez que na zona sul, no limite da Represa de Guarapiranga, há proteção de mananciais; na zona norte, há a Serra da Cantareira; e a zona oeste tem poucos espaços.⁹⁸

É notória a ampliação da rede de transportes coletivos (Metrô e Expresso Tiradentes⁹⁹) em direção às zonas leste e sudeste da cidade, particularmente aos bairros do Ipiranga, Brás, Tatuapé e Mooca. Essa melhoria da acessibilidade a esses bairros periféricos ao centro, ao lado da existência de grande estoque disponível de galpões de antigas fábricas nessa região, já provoca uma corrida da especulação imobiliária, que lança cada vez mais empreendimentos imobiliários nessa região, verticalizando-a. O Plano Diretor Estratégico (PDE) da cidade de São Paulo identificou, nessa região, um grande “vazio de oportunidades”, ou seja, de possibilidades de investimentos do capital imobiliário.¹⁰⁰ Nesse sentido é que se lança a Operação Urbana Diagonal Sul.

⁹⁷ In: Informe Viva o Centro, número 194, p.3.

⁹⁸ In: O Estado de São Paulo, 20/04/07, Caderno H –Morar Bem, p.01.

⁹⁹ Denominado “Fura Fila” na gestão de Celso Pitta, “Paulistão” na gestão de Marta Suplicy e finalmente, “Expresso Tiradentes” na gestão Gilberto Kassab, este corredor de ônibus liga o Parque Dom Pedro II, no centro, ao Sacomã.Trata-se de um corredor de ônibus em que boa parte do trajeto é feita sobre viadutos suspensos e que terá, como ponto final, no futuro, a periferia da zona leste, a Cidade Tiradentes, segundo planos da Prefeitura Municipal.

¹⁰⁰ Segundo site oficial da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 27/05/07, (http://portal.prefeitura.sp.gov.br/guia/urbanismo/sao_paulo_melhor/0015) esse “vazio de oportunidades” se localiza “em território em diagonal, da divisa com São Caetano do Sul até Pirituba e Perus. Esta região, que tangencia o Centro, foi gerada pela estrada de ferro que, na segunda metade do século XIX, transportava café do Interior para Santos, sem poder alcançar o núcleo urbano acomodado na colina triangular entre os vales do Tamanduateí e do Anhangabaú. Posteriormente localizaram-se grandes galpões industriais na região, servidos ou não pela ferrovia. E, atualmente, a mudança global na maneira de produzir, terceirizando e automatizando as operações fabris, resultou em grande ociosidade do território, com galpões e pátios ferroviários escassamente usados.”

E mais à frente afirma: “Está em licitação, no âmbito do Programa Ação Centro, a elaboração

Para Marcella Carvalhal, gerente de marketing da incorporadora Klabin Segall a empresa tem por objetivo reaproveitar antigas áreas com boa infra-estrutura, revitalizá-las, a nosso ver revalorizá-las, pois, “Ou a cidade cresce para ir à periferia ou revitaliza áreas centrais”.¹⁰¹ Segundo Marco Antônio Ramos de Almeida, da Viva o Centro: “... Agora ao Centro está sendo revitalizado e recuperando seu valor de mercado, já que o entorno é extremamente rico e atrai novos empreendimentos e interessados em morar lá”.

Uma pesquisa do instituto de pesquisa Datafolha revelou que a pergunta “Em que bairro da cidade de São Paulo você mais gostaria de morar, independentemente de suas condições financeiras ou de outras razões?” teve como resposta o bairro da Mooca em primeiro lugar, seguido de outros bairros em que se incluem, Ipiranga, Aclimação, Santa Cecília e Higienópolis, situados no entorno da região central.¹⁰²

Esse interesse do setor imobiliário em atrair a classe média para moradias na região central leva e pode levar ao desalojamento de quem já mora na região. É significativa a presença cada vez maior do comércio imobiliário na região. Destaca-se a atuação da imobiliária Valentina Caran, até pouco tempo, de inexpressiva atuação na região central. Essa imobiliária, uma das maiores da cidade, possui uma carteira de clientes que inclui grandes bancos e empresas transnacionais.

A “reurbanização” transforma-se em negócio, onde está implícita a concepção de cidade como lugar de produção e reprodução do capital, como máquina de produzir riquezas. A cidade é gerida e consumida como mercadoria. Para a região central da cidade de São Paulo é que se voltam significativos setores ligados à

dos seguintes estudos específicos:

- Estudo de melhoria da qualidade da água do Tamanduateí;
- Inventário dos bens culturais da Mooca, Ipiranga e Vila Prudente;
- Mapeamento de áreas com problemas de contaminação: solo, subsolo e água;
- Levantamento e análise imobiliária;
- Planejamento da infra-estrutura viária;
- Plano-Referência de Intervenção e Ordenação Urbanística”.

¹⁰¹ In O Estado de São Paulo, 20/04/07, Caderno H –Morar Bem, p. 03.

¹⁰² In. Revista da Folha, Jornal Folha de São Paulo, 30/03/07, p.24.

especulação imobiliária, pois essa região evidencia forte intervenção pública e privada no sentido de sua valorização.

A estratégia de revalorização da região central impulsiona um movimento de valorização dos imóveis, fruto do aumento da procura pelos mesmos, fazendo com que o preço deles e o preço dos aluguéis da região subam. Em fevereiro de 2006, o Secovi¹⁰³ constatou um aumento anual de 19% nos aluguéis de kitinetes (bem superior ao índice de inflação). O aluguel de um apartamento no centro, com dois dormitórios e uma vaga de garagem, subiu 25%. Já em Pinheiros, na zona oeste, para um imóvel do mesmo padrão, o reajuste foi bem mais baixo: 11,6%. Existe um maior fluxo da classe média para a região, tendo em vista a crescente transferência de pólos de administração pública, sedes de empresas e ampliação de serviços oferecidos nesse lugar. Some-se a isso a dificuldade cada vez maior de se deslocar pela cidade, em virtude dos gigantescos engarrafamentos. Segundo Vanessa Queirós, “O Parque da Luz, achei que ficou lindo, o Teatro Municipal está muito bonito, então, acho que aos pouquinhos vai chegando aonde a gente quer, vai restaurando o que falta e vai ser legal”. “Minha mulher trabalha aqui perto também é tudo mais fácil pra mim aqui. O que tem de desvantagem é... não tem!”, diz rindo Raphael Acássio, morador do centro. Ele mora há sete anos no mesmo prédio da Avenida São Luís e diz que a família inteira se livrou do stress do trânsito na capital paulista¹⁰⁴. Lançamentos imobiliários já se espalham por diversos pontos da região, como na Rua Frei Caneca.

Figura 34 – Casarões foram demolidos para darem lugar a estacionamentos na Rua Caio Prado. 2003. Foto do autor.

¹⁰³ O Secovi-SP “é o maior sindicato do setor imobiliário da América Latina. É reconhecido como uma das mais atuantes entidades representativas dos condomínios e da indústria imobiliária, com 60 anos de atividades ininterruptas. Os segmentos que abriga integram o macrosetor da construção, que responde por 21% do PIB nacional e pela geração de 9 milhões de empregos diretos e indiretos”

www.secovi.com.br, acessado em 17/05/07.

¹⁰⁴ *In*: www.sptv.globo.com, acessado em 10/02/2006.

Figura 35 - Anúncio de lançamento imobiliário em frete à ocupação da Avenida Prestes Maia expressa contradições espaciais. Abril de 2007. Foto de Joaquim Felix.

4.5. O lugar do comércio informal

Analisando a inserção da população da cidade de São Paulo, quanto ao nível de emprego, o Diário Oficial da Cidade de São Paulo¹⁰⁵ afirma:

Se excluirmos da população de 10,4 milhões de habitantes as crianças (menores de 10 anos) e os idosos (acima de 70 anos), este número cai para 8,3 milhões. Como no total a cidade gera 2,4 milhões de empregos formais (que aparecem nas estatísticas) e o índice de desemprego está em média 10% (1,04 milhões de pessoas), chega-se à conclusão de que a informalidade absorve aproximadamente metade da população da cidade. O resultado disto é a deterioração social e o aumento da criminalidade.

Constata-se que o nível de desemprego é expressivo e o nível do trabalho informal é ainda muito maior. Com o desemprego estrutural e o desenvolvimento das atividades do trabalho informal, a apropriação privada dos espaços públicos pelos pequenos comerciantes ambulantes, ou seja, pelos camelôs, é intensa na região central. A circulação de capitais na região central intensifica-se, acirrando a disputa intercapitalista pelo uso do espaço. Os trabalhadores do comércio informal são alvos preferenciais para ações segregacionistas por parte dos estrategistas da revalorização no centro. Nesse conflito, novas estratégias pelo uso do espaço público também se manifestam, como as que revelam a fácil mobilidade dos camelôs com suas mercadorias, para fugir das forças repressivas do Estado, até mesmo pela contramão.

Este é um lugar de grandes contradições. De um lado, temos os interesses dos grupos reunidos em torno da Associação Viva o Centro e, de outro, os interesses dos trabalhadores na economia informal. O que mais incomoda aos executores do plano de revitalização do Centro são os camelôs. Eles são em grande número, refletem, com clareza, a gravidade do desemprego e revelam possibilidades de conflito no centro. Esse conflito de interesses que se manifesta na região central confirma que

... a produção social do espaço no capitalismo, carregada de poder, não tem sido um processo sereno e automático em

¹⁰⁵ In: Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 21/10/05- p. 183.

que a estrutura social se imprima, sem resistência ou constrangimento, na paisagem.¹⁰⁶

O processo geral de revalorização do centro choca-se com a condição social da imensa massa de camelôs empobrecidos. Há uma evidente disputa pelo uso do espaço. Isso porque, no processo de revalorização urbana do centro, ocorre o que ARANTES diz ser a

...explicitação da contradição recorrente entre o valor de uso que o lugar representa para os seus habitantes e o valor de troca com que ele se apresenta para aqueles interessados em extrair dele um benefício econômico qualquer, sobretudo na forma de uma renda exclusiva.¹⁰⁷

O chamado comércio informal atende à necessidade de alguns setores econômicos não desprezíveis no sentido de fazer escoar mercadorias de contrabando, fugir do controle fiscal do Estado ou enfrentar a concorrência acirrada de outros grupos econômicos. Tal como afirmou Milton SANTOS, esse tipo de comércio exerce função de circulação de mercadorias e estabelece-se como “o último elo entre importadores, industriais, atacadistas e o consumidor”.¹⁰⁸ Por outro lado, esse comércio também é uma estratégia de sobrevivência contra o desemprego, atenuando conflitos sociais ao prover setores sociais de uma determinada renda, afastando-os da indigência. Contraditoriamente, a utilização massiva dos espaços públicos para obter uma renda privada revela também a dificuldade que essa prática impõe às outras pessoas quanto ao uso dos lugares. A prática desse comércio informal é também a expressão clara, na paisagem, da invasão das ruas pelo reino das mercadorias.

Há, no centro da cidade, o que poderíamos chamar de uma “ordem vigiada”, profundamente instável, que ocorre entre as diversas regulamentações espaciais das autoridades públicas e privadas e a presença de camelôs pauperizados, que usam os espaços públicos do centro. O aumento da vigilância armada, a utilização de câmaras de vigilância, a proibição de que camelôs permaneçam em

¹⁰⁶ Edward SOJA, *Geografias Pós Modernas*, p.156.

¹⁰⁷ Otília ARANTES, “Uma estratégia fatal – a cultura nas novas gestões urbanas”, *in* *A cidade do pensamento único*, p.26.

¹⁰⁸ Milton SANTOS, *O Circuito Inferior*, p.171.

determinados lugares garantem essa certa “ordem”. Uma ordem vigiada que, historicamente, rompe-se nos momentos mais inesperados, pois há uma cisão entre os interesses dos executores do processo de revalorização urbana e o interesse de quem transita ou ocupa as ruas, como os camelôs. São momentos inesperados da vida cotidiana, que lembram o questionamento levantado por LEFEBVRE sobre o urbano:

Uma ordem específica, a da produção industrial gerada pela burguesia (no quadro das relações de produção capitalista, dirá explicitamente Marx) engendra, segundo Engels, uma desordem específica, a desordem urbana. Não pode chegar um momento em que essa ordem cessará de dominar o caos que ela cria, quando a desordem ultrapassará a ordem? ¹⁰⁹

Quando, em editorial, a Associação Viva o Centro dá sua opinião sobre isso, diz que a atividade dos camelôs aprofunda o desemprego no comércio regular, é escoadouro de cargas roubadas e contrabandeadas, falsifica alimentos e remédios, promove a pirataria, leva ao extremo a exploração de sua mão-de-obra, favorece ações criminosas e impede o pleno uso das calçadas e calçadões, além de corromper os agentes encarregados de fiscalizá-los, o que desmoraliza as autoridades constituídas. Também diz que:

... Nem mesmo a reurbanizada Praça do Patriarca, que tanto esforço custou para sair do papel, é poupada da ocupação após o expediente comercial e nos fins de semana, em franco desafio ao compromisso da prefeita, assumido publicamente, de que na praça renovada não haveria lugar para o comércio informal.¹¹⁰

A Associação Viva o Centro concebe o centro como um possível cartão postal, sem conflitos, “belo”, “eficiente” e “seguro”. Para tanto, tenta impor uma homogeneidade espacial, implícita no projeto de “reurbanização” do centro de São Paulo, que encontra permanentemente resistência por parte de quem mora, trabalha ou usa o centro. É praticamente impossível regulamentar e ordenar a vida, o que provoca constantes conflitos na região central. A própria vida

¹⁰⁹ Henri LEFEBVRE, *A cidade do Capital*, p. 20.

¹¹⁰ *In*: Informe Viva o Centro, número 193, p.2.

encarrega-se da transformação/transgressão do normatizado, como demonstra o exercício do comércio informal.

A vida insurge contra o ordenamento espacial. Ao final do artigo, a Associação Viva o Centro afirma que: “A prefeitura faria muito mais pelo emprego e pela renda da população se deslocasse os camelôs do Centro para os bairros onde não sejam incompatíveis com a vida urbana...”.¹¹¹ Essa concepção, expressa nesse artigo, revela um forte teor segregacionista, pois expressa a intenção de determinar o lugar dos pobres e o lugar dos solventes na cidade. Ela entende a vida urbana como privilégio de alguns e não como um direito social de todos.

A atividade do comércio informal, por sua natureza, só é possível e viável onde passam muitas pessoas diariamente, principalmente nas regiões que concentram serviços de transportes públicos. O comércio informal é, essencialmente, uma atividade de rua. Quando das ruas é retirado para determinados espaços fechados, como nos chamados “camelódromos”, esta atividade entra em declínio.

Figura 36 – Vendedor ambulante no Viaduto do Chá , em frente ao *Shopping Light*. 2001. Foto do autor.

¹¹¹ Ibidem.

4.6. “Cracolândia”: mais uma transformação do lugar

**Cenário da Luz
Alerta poético¹¹²**

As crianças, os pássaros,
as mais pitorescas prostitutas,
os viciados, os cerceados, os descarrilhados,
os entristecidos, os eufóricos, os entorpecidos,
os atletas, os policiais, os retirantes,
os cantantes, os desempregados, os agregados,
os vigilantes, os bêbados da Luz ensolarada de um outono frio
expressam um conjunto de obras de arte,
na extensão dos quintais da Pinacoteca e dos trilhos alvissareiros
num constante movimento migratório de sonhos, esperança,
muitas vezes numa estação de infortúnios,
outras vezes num território de fazer o tempo passar,
esse tempo arrastado que custa a passar,
quando a melancolia vem visitar
com a fonte central do Jardim a lançar lágrimas
de uma cidade infeliz por ser grande
e pequena por acolher e largar a sobra humana,
constituída de miséria, angústia ou dor,
cercada pelas forças – tarefa
da limpeza humana municipalizada,
a propagar uma Nova Luz
a incinerar feito crack
os seres humanos quimicamente,
como a própria cidade,
dependente das drogas lícitas e ilícitas
da economia vigente.

Aqui, faremos uma breve análise deste lugar, popularmente conhecido como “cracolândia”, como mais uma demonstração das metamorfoses dos lugares da região central. Esse espaço, como já demonstrado em outros lugares do centro, também está em processo de transformação e vem recebendo, dos promotores do processo de revalorização, um novo nome: Nova Luz. “Cracolândia” é um termo pejorativo, freqüentemente utilizado pela mídia, para se referir a uma parte da região central localizada nas imediações da Estação da Luz, onde existem muitos usuários de crack (alucinógeno derivado da cocaína). A região conhecida como

¹¹² De autoria de José Luiz Adeve, o Cometa.

Cracolândia tem como limites a Avenida Duque de Caxias, Avenida Rio Branco, Avenida Ipiranga e Rua General Couto de Magalhães (ver Mapa 5).

Com novos investimentos, o que se pretende é que haja novos usos para esse lugar, inclusive nele está prevista a construção da nova sede da Subprefeitura Sé. Também se prevê a instalação de pólos tecnológicos com incentivos fiscais. Diversas ações de combate à prostituição e ao tráfico e consumo de drogas estão se tornando rotineiras nessa região.

É interessante observar que os espaços dos prostíbulos encolhem-se cada vez mais e deslocam-se para outros lugares da cidade. No centro da cidade, cedem lugar a bares, como nas proximidades do Minhocão, a lojas especializadas em venda de acessórios para motocicletas, como em torno da Avenida Duque de Caxias, a espaços culturais, a lojas diversas, a academias e casa de “baladas”, como na Rua Augusta.

Os prostíbulos localizados na região conhecida como Cracolândia são alvos constantes da repressão dos poderes públicos, além da repressão policial. É significativo o relato que o jornal Metrô News¹¹³ faz de uma operação policial no centro da cidade e em ruas que constituem a chamada "Cracolândia", escrevendo: "No total foram interditados 16 hotéis. Os estabelecimentos apresentavam várias irregularidades e muitos não possuíam as mínimas condições de permanecer abertos. A maior parte dos prédios servia como ponto de tráfico de drogas e prostituição".

Mais à frente, acrescenta "... A interdição dos estabelecimentos foi determinada pelo prefeito Celso Pitta e faz parte do programa de revitalização do centro..." Essas ações repressivas, que ocorreram no passado, continuam indo contra as populações marginalizadas desse lugar.

Até a década de 1950, essa região era composta por pensões familiares e moradias de classe média. Com a desvalorização do centro, a classe média aí residente migrou para outros lugares da cidade. Também ocorreu, nessa época, a

¹¹³ Jornal Metrô News, 27 de outubro de 1999. Este jornal, privado, é distribuído gratuitamente aos usuários do metrô e se mantém através de anúncios publicitários.

MAPA 5: REGIÃO CONHECIDA COMO CRACOLÂNDIA.

Santa Cecília

Bom Retiro

LEGENDA

- Cracolândia
- Limites distritais
- Ruas e avenidas

Escala 1 : 350

expulsão das prostitutas que viviam em duas ruas confinadas do Bom Retiro, um pouco mais distante dali. Após essa expulsão realizada pelo governo de Lucas Nogueira Garcês, os prostíbulos instalaram-se naquela região, que cada vez mais se firmava como lugar de passagem para usuários das estações de trem Luz e Júlio Prestes, além da estação rodoviária.

Na década de 1970 e início da de 1980, um importante pólo cinematográfico instalou-se nessa região, em razão da facilidade de distribuição de filmes para todo o território nacional. Grandes empresas aí se firmaram, tais como Columbia, Paramount, Warner, Art Filmes, França Filmes do Brasil e Paris Filmes. Desenvolveu-se o cinema brasileiro das pornochanchadas, o chamado cinema da Boca do Lixo, cujas produções localizavam-se principalmente nas Ruas do Triunfo, Andradas e Gusmões.¹¹⁴

Como no passado, as ações repressivas contras as populações marginalizadas dessa região se repetem, agora em direção à revalorização desse lugar. Recentemente, O Estado de São Paulo¹¹⁵ noticiou, sob o título “Força-tarefa fecha 5 hotéis e prende 12 na Cracolândia”:

Policiais e fiscais da Prefeitura lotavam o pátio do Clube da Esperança. Eram 7 horas na Rua General Couto de Magalhães. Com armas e mandados judiciais, eles aguardavam só a chegada dos médicos da Vigilância Sanitária para começar a blitz – o atraso foi de 30 minutos. Divididos em três equipes, saíram a pé para revistar hotéis, bares e restaurantes da Cracolândia, centro de São Paulo. Começou assim a operação conjunta de ontem da Prefeitura e das polícias Civil e Militar para combater a criminalidade na região e recuperar os imóveis degradados, que prosseguirá até amanhã.

Em muitos dos estabelecimentos interditados, pedreiros levados pela força-tarefa lacravam as suas portas com blocos e cimento. Sob o título “Entre a moça e seus bens, uma parede”, O Estado de São Paulo relata:

Fazia sete meses que Verônica Raquel Marinho, de 33 anos, morava na Hospedaria São José. Ocupava um quarto no primeiro andar do prédio de paredes verdes da Rua General

¹¹⁴ Alfredo STERNHEM, Cinema da Boca do Lixo, p.15.

¹¹⁵ In: O Estado de São Paulo, Caderno Metrópole, 10/03/2005, págs. 1 a 5

Couto de Magalhães. Pagava diária de R\$ 25,00. Com o marido preso e três filhos entregues à família em Minas, disse não ter outra opção, além de se prostituir, para mandar dinheiro às crianças.

Verônica acordou cedo ontem e viu policiais chegarem. Saiu do hotel e ficou por ali. Deixou no quarto a bolsa com o pouco que tinha: algumas roupas e o boletim de ocorrência do furto de seus documentos. Tudo levava a crer que se tratava de uma blitz como as demais: quando a polícia saísse, tudo voltaria ao normal.

Mas dessa vez foi diferente. Eram 10 horas quando os homens da Subprefeitura da Sé começaram a fechar com blocos de tijolo a única porta da hospedaria. Meio hora depois, Verônica reapareceu. Era tarde: os homens acabavam de rebocar a parede. “Tudo o que tenho está lá”.

Como na “revitalização” da cidade de Recife, pretende-se instalar, na região da Cracolândia, um pólo tecnológico e de serviços do terciário moderno. Leis de incentivos fiscais destinados a empresas que se instalem nesse lugar já foram aprovadas. (ver Anexo 6). Em 09 de julho de 2005, o Jornal da Tarde colocava, em manchete, “Isenção a empresa que for para a Cracolândia” e, na matéria “Cracolândia: isenção e bônus para empresas”¹¹⁶, pode-se ler:

Mais do que isenção de impostos para o novo negócio, as empresas que instalem uma filial na Cracolândia, uma das áreas mais degradadas do centro da cidade, terão também desconto de tributos para a sede já existente. Não importa se o imóvel fica em outro bairro.

A medida, para atrair investimentos e desenvolver a região da Luz, foi anunciada ontem pelo prefeito José Serra (PSDB), durante a assinatura de um contrato com a iniciativa privada para manter 15 praças no Centro.

Em 09 de setembro de 2005, o jornal Folha de São Paulo¹¹⁷ noticiou:

O prefeito José Serra (PSDB) decidiu desapropriar os imóveis existentes em uma área equivalente a cerca de dez quarteirões na “cracolândia” – uma das regiões mais degradadas do centro de São Paulo. O primeiro passo nesse sentido foi dado nesta semana, com a publicação de um decreto que declara como sendo de utilidade pública cerca de 105 mil metros quadrados na região. A medida, de acordo

¹¹⁶ In: Jornal da Tarde, 26/07/2005, Caderno A, p. 6

¹¹⁷ In: Folha de São Paulo, 09/09/2004, Caderno Folha Cotidiano, p.. 1

com o “Diário Oficial da Cidade”, é necessária para a execução de um plano de urbanização.

Explicando em detalhes o tipo de incentivo fiscal para quem investir nessa região, Andréa Matarazzo, secretário das subprefeituras do município de São Paulo, diz:

Uma empresa de software que resolve construir ou reformar uma casa lá, o que ela investir nessa reforma ela recebe em certificado de investimento de até 80% do valor que ela fez de investimento. Esse certificado ela usa para pagar impostos municipais. Ela pode vender para outra empresa que estiver na região também usar eventualmente, se ela não for usar.¹¹⁸

Figura 37 - Imóvel fechado pela força-tarefa na cracolândia. Março de 2005. Foto do autor.

A agência de publicidade Fess já se instalou na Rua do Triunfo, número 51, num galpão alugado de 1.000² por R\$ 2,5 mil reais (o aluguel de um imóvel deste tamanho custaria R\$ 25 mil mensais na Vila Olímpia). O publicitário Sérgio Rinaldi

¹¹⁸ In: Jornal da Tarde, Caderno repensando SP, p.4F, 30/11/2006.

aposta na valorização desse lugar. Segundo Gilberto Dimenstein, do conselho editorial da Folha de São Paulo e defensor da “revitalização” da região central, pode ocorrer, nesta região, o que ocorreu em bairros desvalorizados de Nova York , como o Soho e Tribeca, e relata:

Quem caminhar pela rua do Triunfo, no centro da "cracolândia", símbolo máximo da deterioração da cidade de São Paulo, certamente não verá a discreta porta de vidro fosco branco, no número 51. Cruzar aquela porta produz um imediato choque visual. Distante da balbúrdia das calçadas sujas e dos prédios deteriorados, há um galpão de 1.000 m² com ambiente "clean", móveis contemporâneos e computadores para design gráfico. Em meio à modernidade, instaladas num mezanino, estão dependuradas redes para que os funcionários possam se embalar e afastar o estresse.¹¹⁹

Todas essas ações revelam a intenção de estabelecer, nessa região, um avançado pólo tecnológico e cultural, que reforce a inserção da cidade de São Paulo na rede mundial de cidades. Pela mídia, a Cracolândia já começa a ser chamada de Nova Luz. Gilberto Dimenstein anuncia que empresários doarão, para a cidade de São Paulo, um projeto arquitetônico elaborado por Jaime Lerner, urbanista e ex-prefeito de Curitiba, para a região da cracolândia. Nesse projeto, prevê-se a construção de um edifício para facilitar a interação entre artistas, onde, em um único lugar, os visitantes poderão desfrutar de diversas linguagens artísticas, elaboradas por fotógrafos, escritores, cantores, coreógrafos, designers, atores, escultores, entre outros.¹²⁰

Para o padre Júlio Lanceloti , a revalorização do centro deveria valorizar a vida das pessoas e questiona:

Quais foram as políticas implementadas na Cracolândia?
Quais os espaços de convivência, os serviço de saúde e prevenção de uso de drogas, quais atividades de cultura, de

¹¹⁹ In: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/dimenstein/cbn/m>, acessado em 24/10/2006.l

¹²⁰ In: ibidem.

lazer e esportivas, de profissionalização e capacitação que estão sendo feitas com as pessoas que ficavam lá?¹²¹

**Figura 38 - Força-tarefa fecha hotéis sob o argumento de apresentarem “risco iminente à saúde pública”.
Março de 2005. Foto do autor.**

O dilema entre a repressão à população marginalizada e o desenvolvimento de políticas sociais que combatam a desigualdade social, tão presente nas sociedades contemporâneas, aparece nesse lugar de forma bastante aguda.

¹²¹ In: www.cartamaior.uol.com.br, acessado em 24/10/2006..

Muitas vezes, a opção mais fácil, ou seja, o afastamento das populações pobres das regiões valorizadas ou revalorizadas das metrópoles, esconde que essa solução momentânea simplesmente adia a resolução desse dilema que, em um outro momento no tempo e no espaço, pode manifestar-se de forma mais intensa e violenta.

Figura 39 – Vista da Estação Júlio Prestes a partir da Estação da Luz. 2003. Foto do autor.

Figura 40 - Estação da Luz (sede do Museu da Língua Portuguesa) em um domingo. 2005. Foto de Joaquim Duarte.

5. Considerações finais

Numa tarde de setembro¹²²

No Parque Dom Pedro II
Alunos da Escola Estadual de São Paulo
Redescobrem um novo espaço.
“De calções e cheios de razão” improvisam um campo de futebol
Hoje foi dia de prova. Suados depois do futebol vão pegar o metrô
que passa logo ali
À sujeira de terra e areia em suas roupas, um aluno me aponta uma torneira que
usarão que está logo ali.
As traves improvisadas sairão logo da praça “revitalizada”...
Atravesso o fétido Rio Tamanduateí em direção à Ladeira Porto Geral
Faz muito calor... muito calor.
O vendedor de milho verde me diz não ser bom para as vendas este tipo de tempo
Compro um milho e puxo conversa
Ele está apreensivo com medo do “rapa” e olha repetidas vezes à sua volta
Ele me diz que se o “rapa” aparecer é preciso fugir logo
São motos, kombis e carros da Guarda Metropolitana que podem lhe perseguir.
Pergunto como fugir com aquele carrinho de milho-verde tão pesado
Ele me responde: corro pela contra mão...

Com uma economia cada vez mais mundializada, o processo de revalorização espacial da região central de São Paulo está inserido dentro do contexto geral da reestruturação e reprodução do capital. Essa reestruturação produtiva teve seus princípios delineados a partir da crise do fordismo, manifestada após o fim do prolongado período de expansão econômica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, e da ocorrência da profunda recessão mundial de 1973/1975. Estabeleceu-se um sistema de produção flexível que se realiza produzindo um novo espaço, pressionado pelas novas exigências da acumulação de capital mediante suas lógicas e estratégias na escala mundial. Na produção desse espaço, criou-se um mercado mundial de cidades que é movido e, ao mesmo

¹²² Do autor

tempo, movimenta outros mercados, envolvendo diversos agentes nos campos econômico, político, financeiro e cultural.

Constata-se, nesse sistema de produção flexível, uma influência cada vez maior do capital no ordenamento territorial urbano, com investimentos provenientes principalmente de setores ligados ao terciário, em especial os ligados ao sistema financeiro. Este volta-se significativamente para a especulação imobiliária. Segundo dados da ABECIP (Associação Brasileira das Entidades de Crédito e Poupança), o volume de financiamentos imobiliários contratados nos primeiros quatro meses de 2007 chegou a 4,1 bilhões de reais, um aumento de 71% sobre o mesmo período de 2006. E isso não é um fenômeno isolado. Esse aumento em investimentos imobiliários é um fenômeno mundial na atual fase de reestruturação capitalista, com destaque para os Estados Unidos, Reino Unido, Cingapura, Nova Zelândia e Austrália. Cresce o interesse de investidores internacionais no mercado imobiliário brasileiro e, só na capital paulista, o preço do metro quadrado subiu mais de 50% nos últimos cinco anos, de acordo com dados da Empresa Brasileira de Estudos do Patrimônio (EMBRAESP).¹²³

O processo de revalorização urbana na região central de São Paulo é mais uma frente de valorização imobiliária nessa cidade global, lugar onde empresas tendem a concentrar suas operações, globalmente interligadas a outras cidades mundiais estratégicas. E, nesse sentido, a produção do espaço urbano paulistano cria e recria centralidades.

No topo hierárquico das centralidades paulistanas, tivemos, primeiramente, a produção do centro antigo e, subsequente, a produção da centralidade em torno da Avenida Paulista. Atualmente, a centralidade paulistana estendeu-se até o eixo Avenida Faria Lima/Avenida Luis Carlos Berrini/Marginal Pinheiros. Essas centralidades complementam-se e também concorrem entre si, dentro da lógica social de produção e reprodução do capital. Esse rearranjo da nucleação da cidade de São Paulo, a partir dos anos 70, ocorreu em virtude da passagem gradativa do sistema fordista para o sistema de produção flexível. As centralidades Avenida Faria Lima/Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal Pinheiros, Avenida

¹²³ Cf. Revista Carta Capital, número 448, 13 de junho de 2007.

Paulista e centro antigo, aqui referenciadas, competem entre si, dada sua inserção na divisão social do trabalho e por estarem submetidas a uma lógica concorrencial. Contraditoriamente, por não serem idênticas, também se complementam pois, juntas, reforçam sua inserção coletiva na rede nacional e mundial de cidades. Ao mesmo tempo em que a centralidade da cidade de São Paulo estendeu-se do centro antigo até a região da Av. Luiz Carlos Berrini, passando pela Avenida Paulista e desvalorizando o centro antigo, a revalorização deste, atualmente em curso, também o reforça enquanto centralidade e complementa-o, fazendo-o concorrer com as outras centralidades.

A revalorização urbana do centro antigo de São Paulo tem, como referenciais operacionais importantes, cidades como Barcelona, Londres, Buenos Aires, Nova York e Boston. São cidades que procuram oferecer serviços avançados que garantam a possibilidade de gerar e receber informação em tempo real, possuir avançados centros de pesquisa e de inovação do conhecimento, além de ampliar o leque de suas atividades culturais de cunho local e cosmopolita. Nesse sentido, na revalorização do centro, a memória da cidade aparece não como um movimento em prol da preservação de prédios ou monumentos, mas como uma tentativa importante de firmar a identidade da cidade numa economia cada vez mais mundializada, que sinaliza para espaços urbanos crescentemente homogêneos. Essa revalorização é inteligível quando percebemos que ela ocorre através de intervenções governamentais e privadas de forma pontual e contínua no tempo e no espaço. É o volume sempre crescente dessas intervenções, ou seja, desse investimento de capital, que possibilita a materialização do acréscimo de valor aos imóveis da região e a realização de lucros. Isso favorece a ampliação do crescimento urbano vertical da região central e do seu entorno. Atinge antigos bairros centrais, velhos cortiços, que permaneceram como espaços de resistência, portanto entraves, aos planos revalorizantes. Demolições e desapropriações estão planejadas para a região da Estação da Luz. Também avançam condomínios destinados à classe média, partindo da Aclimação em direção aos cortiços do Cambuci. Verticalizam-se, a olhos vistos, os bairros do Brás, Barra Funda, Bom Retiro e Mooca.

Os promotores da revalorização urbana do centro procuram gerar respostas competitivas aos desafios da globalização em busca de possíveis vantagens comparativas em relação a outras cidades. Concebem a região central da cidade como uma máquina de produzir riqueza, um empreendimento destinado ao consumo. Desenvolvem, principalmente através de meios publicitários, necessidades de que se consuma o centro e, nesse contexto, as pessoas, muitas vezes sem perceberem, também são consumidas por ele. Concebem o espaço social do centro como uma folha de papel em branco, asséptica, ornamentada com sua beleza arquitetônica, onde mensagens publicitárias para o mercado podem nela ser inseridas. Ignoram o espaço social e reafirmam a região central como espaço concebido, planejado, dos urbanistas, dos publicitários e dos tecnocratas. Nessa cidade do espetáculo, a paisagem é vendida como consumo estético ou contemplativo e o espaço é capturado como objeto, ou seja, coisificado. Ora, o espaço não é nem um “sujeito”, nem um “objeto” mas, antes, uma realidade social, isto é, um conjunto de relações e de formas. Sua natureza não coincide nem com o inventário dos objetos no espaço, nem com a representação do espaço ou discursos sobre o espaço.

Esses discursos sobre o espaço, articulados pelo poder público e a iniciativa privada, procuram produzir uma imagem urbana voltada para o imaginário do passado como algo novo mas, são transformações de velhas formas em mercadorias novas para o consumo. Buscam estabelecer consensos, tomar atitudes repressivas, criar fatos consumados, planejar ações que encobrem o sentido original de reconquista desse espaço para classes de maior poder aquisitivo, o que traz, como consequência, a expulsão de quem por ele não pode pagar. Procuram envolver vastos setores sociais e, para isso, contam também com o apoio decisivo dos meios de comunicação. São representações do espaço, através de códigos, signos que atingem o imaginário das pessoas revelando o poder da imagem, principalmente através da publicidade. Integram estratégias de intervenções espaciais e ajudam a fazer com que os desejos dos grandes grupos

capitalistas sejam “impostos” ao conjunto da sociedade, como se fossem aspirações naturais.

Integrando esses discursos, podemos desvendar os conteúdos comumente utilizados para o processo de revalorização urbana, tais como: “reurbanização”, que adquire o sentido de urbanizar de novo, implicando, de certa maneira, a compreensão de que o processo urbano anterior teve um final, o que não condiz com a realidade; “revitalização”, que assume um sentido de que a vida urbana anteriormente existente em um determinado lugar deixou de existir, morreu. Vida é o que não falta nas regiões centrais das cidades. Esse conteúdo induz ao entendimento de que o espaço edificado é o espaço vivo, naturalizando as relações sociais. Induz à superficialidade de que o visível já revela o conteúdo espacial. Defendemos que o termo **revalorização**¹²⁴ expressa e revela melhor o conteúdo que é pretendido para esse lugar, ou seja, um lugar privilegiado do valor de troca, competitivo no reino das mercadorias. E é para isso que os promotores dessa transformação urbana necessitam que, nele, novos usos sejam produzidos.

Esses novos usos transformam espaços religiosos e incentivam a indústria cultural da cidade, sinalizando para o desenvolvimento do turismo. É como se ocorresse uma maior especialização para o consumo desse lugar revalorizado destinado às classes médias, em que a indústria cultural insere-se como estratégica, visando criar novos hábitos para a utilização do chamado tempo livre das pessoas. Isso demonstra o caráter inovador do capital.

O estímulo a atividades culturais massivas gratuitas como a Virada Cultural, por exemplo, tem um caráter dual pois, por um lado, propicia o acesso da população de menor poder aquisitivo às diversas atividades culturais numa cidade cada vez mais carente de atividades lúdicas, possibilitando a manifestação da diversidade cultural da metrópole e, por outro lado, deve-se ressaltar que é uma atividade concebida pelo Estado, com tempo e lugar estabelecidos, onde até as possíveis transgressões existentes na vida cotidiana, têm também tempo e lugar para ocorrer, transformando o centro em um lugar de colonização do cotidiano.

¹²⁴ Grifo nosso.

Essas metamorfoses dos usos espaciais alteram profundamente a paisagem, transformam relações sociais e políticas em ações públicas e privadas de segurança que criminalizam populações de menor poder aquisitivo. Essas políticas criam novos sistemas de segurança que cuidadosa e rigorosamente, agem no sentido de manter afastados dessa região principalmente os sem-teto e os vendedores ambulantes, por exemplo. Dialeticamente, ao mesmo tempo em que políticas espaciais repressivas são concebidas e implantadas, geram-se conflitos a partir das transgressões sociais desses ordenamentos.

A situação dos sem-teto na região central continua sendo, para os poderes públicos, um grande problema a ser resolvido. A opção pela expulsão desses moradores do centro é muito mais comum do que a procura de saídas efetivas e socialmente mais justas. Essa necessidade de ampliação e sofisticação dos lugares da cidade enquanto mercadoria coloca permanentemente o conflito entre propriedade e apropriação. Na ocupação pelos sem-teto do edifício da Avenida Preste Maia, número 911, os proprietários e o Estado pressionaram, anos a fio, para sua desocupação, com diversos mandados judiciais de reintegração de posse, não viabilizada em função da mobilização de seus ocupantes. Finalmente, em abril de 2007, chegou-se a um acordo, como já nos referimos, entre proprietários, moradores e Estado.¹²⁵ A apropriação desse lugar realizada pelos moradores foi bastante significativa. O Sr. Severino Manoel de Souza, morador dessa ocupação, soube tirar, do lixo recolhido das ruas do centro, uma biblioteca: em uma garagem úmida e com a presença sempre incômoda de ratos, ele encontrou uma pequena área seca para instalá-la e contou com dois gatos (Romeu e Julieta) para combater os ratos. Esse embate entre apropriação e propriedade também faz subverter formas de uso, em que o homem pode realizar sua obra, apropriando-se dos lugares, ou seja, dando novas dimensões para sua existência.

A expulsão dos pobres da região central, por esse processo paulatino de valorização urbana, faz com que as periferias aumentem cada vez mais e agrava as desigualdades espaciais na cidade, criando um abismo cada vez maior entre

¹²⁵ Em 16 de junho de 2007, o prédio acabou sendo desocupado.

aqueles que têm e os que não têm o direito à cidade. Reforça-se a mercantilização do espaço urbano. O direito ao encontro, aos serviços urbanos, à cultura, à mobilidade urbana deveria ser de todos. O investimento público e privado em regiões privilegiadas da cidade, como ocorre agora em seu centro, não tem levado em consideração a vida do conjunto de sua população, o que agrava essa situação.

As diversas metamorfoses dos usos dos espaços urbanos da região central, através de discursos e estratégias de valorização espacial, colocam-nos um falso dilema. Não se trata aqui de se opor a que o centro tenha uma melhoria de seus equipamentos e espaços públicos, nem de que não haja atividades culturais, de que as calçadas não sejam limpas, de que crianças continuem consumindo crack na região da Estação da Luz, ou de que não possamos caminhar em segurança pela região central. Trata-se, sim, de romper com a visão de cidade como se fosse uma soma de fragmentos. A revalorização pretendida no centro não aponta no sentido de construção de uma cidade menos desigual, ao contrário, tem propiciado o aprofundamento das desigualdades sócio-espaciais na medida em que concebe os espaços públicos sob o ângulo dos interesses privados. Favorece a perda dos referenciais da vida urbana, pois a cidade, enquanto momento presente, existe pela acumulação de tempos do passado, ao mesmo tempo em que pode apontar para o futuro. A cidade não é a soma de pedaços, como praticam os urbanistas. Ela é pulsante, contraditória, viva, ou seja, uma criação humana. O caráter criador da sociedade urbana aponta sempre para diversas possibilidades e uma delas é a de que o uso da cidade não esteja submetido a valores de mercado...

6. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Nedir Fernandes. **Praça do Patriarca: descaminhos de uma revalorização urbana**. Trabalho de graduação, São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2003.
- ALVES, Glória da Anunciação. **O Uso do Centro da Cidade de São Paulo e sua Possibilidade de Apropriação**. Tese de doutorado, São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 1999.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (orgs). **A cidade do pensamento único-desmanchando consensos**. Petrópolis(Rio de Janeiro): Editora Vozes, 2000.
- BOTELHO, Adriano. Do fordismo à produção flexível – a produção do espaço em um contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital. Revista **GEOUSP** número 10, São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2001.
- BRAGA, Roberto & CARVALHO, Pompeu Figueiredo (org). **Estatuto da Cidade-política urbana e cidadania**. Lpm-Deplan: UNESP, 2000.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/ Editora 34, 2000.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- _____. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**, São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- CHESNAIS, François; DUMÉNIL, Gerard; LÉVY, Dominique; WALLERSTEIN, Immanuel (orgs). **Uma nova fase do capitalismo?**. São Paulo: Xamã VM Editora e Gráfica Ltda, 2003.
- CORDEIRO, Helena Kohn. **O Centro da Metrópole Paulistana–Expansão Recente**. São Paulo: USP-Instituto de Geografia, 1980.
- _____. A “cidade mundial” de São Paulo e a recente expansão de seu centro Metropolitano in **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec -Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1993.

COSTA, Alex Franulovic da. **Elevado Costa e Silva : de via expressa à área de lazer**. Trabalho de graduação, São Paulo: Departamento de Geografia ,FFLCH-USP, 2005.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.

DUARTE, Cláudio Roberto. **O Espetáculo da Paisagem**. São Paulo:FFLCH-USP, 1997.(Trabalho de Graduação Individual).

FRÚGOLI Júnior, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetória, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Editora Cortez/Edusp, 2000.

_____. Conflitos e negociações em torno da requalificação do centro de São Paulo: A Associação Viva o Centro *in* **Plural** –número 08 - Revista do curso de pós graduação em sociologia, São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola,1992.

GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças de São Paulo: A capital Paulista nos Cartões-Postais e Álbuns de Lembranças**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2000.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro - Ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Editora Vozes,2001.

LEFEBVRE, Henri . **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1999.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____.**La presencia y la ausência–contribución a la teoria de las representaciones**.México: Fondo de Cultura Económica,1983.

_____. **La production de l'espace**. Paris: Editora Anthropos, 1986.

MACHADO, Lúcio Gomes. “Anhangabahu”: a redescoberta do centro de São Paulo *in* **Revista USP**, número 8, São Paulo: EDUSP, 1990.

MAGNANI, J. Guilherme C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. Guilherme C. **De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana**. São Paulo, <http://www.n-a-u.org>

MAGNOLI, Miranda M. **O Vale do Anhangabaú**. Tese de Pós Graduação, FAU-USP, 1995. (Tese de pós-graduação).

MARIANO, Neusa de Fátima. **O Migrante Comerciante de Rua da Praça da Sé-Centro da Cidade de São Paulo**. São Paulo: FFLCH-USP, 1997. (Trabalho de Graduação Individual).

MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo Antigo 1554-1910**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2003.

MARTINS, Sônia Vanalli & Dora. **Migrantes**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MATOS, Olgária C. F. A cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças *in* **Revista Espaço e Debates**. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

MOULIAN, Tomás. **El consumo me consume**. Santiago: LOM Ediciones, 1998.

Nosso Século 1900/1910. **A era dos Bacharéis (2ª Parte)**. São Paulo: Abril Cultural S/A, 1985.

MARX, Karl. **O Capital – Livro 1: O Processo de Produção do Capital**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1980.

OLIVEIRA, Valter Maestro de. **O Céu e o Inferno Modernização, Reestruturação e Qualidade de Vida: Para uma Geografia dos Conflitos no Centro da Cidade de São Paulo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2000 (dissertação de mestrado).

PINTAUDI, Silvana Maria. Os Shoppings Centers e o Cotidiano da Metrópole Paulista *in* **Boletim de Geografia Teórica**, Vol 21(42). Rio Claro: UNESP, 1991.

PINTO, Alfredo Moreira. **A cidade de São Paulo em 1900** (Volume 14) *in* Coleção Paulistana. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

ROSENTHAL, Hildegard. **Cenas Urbanas**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2001.

SALAMA, Pierre & VALIER, Jacques. **Uma Introdução à Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____, “O Circuito Inferior” in **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Coleção Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SASSEN, Saskia. **As Cidades na Economia Mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida in **CIDADES**. Presidente Prudente:GEU, 2004.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso in MARTINS, José de Souza, **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SHOR, Tatiana. **O Automóvel e a Cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

STERNHEM, Alfredo. **Cinema da Boca do Lixo- Dicionário de Diretores**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Anhangabaú**. São Paulo: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1989.

VIEIRA, Sidney Gonçalves . A sobrevivência do capitalismo e a revalorização do centro de Lisboa-Revitalização da Baixa Pombalina, Revista **GEOUSP- Espaço e Tempo** – número 10. São Paulo: Departamento de Geografia-FFLCH-USP, 2001.

Revistas:

Revista Espaço e Debates

GEOUSP: Espaço e Tempo

URBS

Jornais:

Diário Oficial da Cidade de São Paulo

Folha de São Paulo

Jornal da Tarde

MetrôNews

O Estado de São Paulo

Sites (internet):

Agência Carta Maior: www.cartamaior.com.br

Agência Repórter Social: www.reportersocial.com.br

São Paulo:www.folha.uol.com.br

Globo.com: www.globo.com

Núcleo de Antropologia Urbana da USP: www.n-a-u.org

Prefeitura Municipal de São Paulo : www.sp.gov.br

Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo(Secovi): www.secovi.com.br

Virada Cultural: www.viradacultural.com.br

Entrevistas:

Francisco das Chagas F. Palácio, maitre do Othon Palace Hotel.

Nazir Moreira, funcionário da Casa São Nicolau.

Paulo Martins Ferreira, funcionário da Casa São Nicolau.

Sante Bernardi, padre da Igreja Santo Antônio.

Severino Manoel de Souza, ocupante do edifício da Avenida Prestes Maia e organizador de uma biblioteca neste local.

7. Anexos

Anexo 1

Carta da Associação Viva o Centro aos candidatos à prefeitura paulistana em 2004.

SÃO PAULO, CENTRO, ELEIÇÕES 2004 – CARTA AOS CANDIDATOS

Esta é a quarta vez que a Associação VIVA O CENTRO dirige-se aos candidatos que pleiteiam a Prefeitura de São Paulo. Ao longo desses 13 anos, o trabalho desenvolvido pela Associação, desde o seu surgimento, em 1991, evoluiu tal como deve evoluir toda atividade inserida em um processo de transformação social: gradualmente, revendo alguns princípios e reafirmando outros. As relações que a entidade manteve com as três instancias de poder – município, estadual e federal – e com os grupos representantes da sociedade forjaram um caminho de grandes responsabilidades. É com o respaldo desse caminho trilhado e das conquistas obtidas que a Associação está, mais uma vez, oferecendo sua contribuição aos candidatos à Prefeitura de São Paulo.

O Centro volta hoje a receber investimentos públicos e privados, projetos e ações de desenvolvimento e requalificação. Concentram-se aqui, de forma crescente, notáveis equipamentos públicos, inclusive na esfera da cultura. A população que mora e/ou trabalha na área, bem como as empresas e organizações aqui sediadas, articulam-se em cada microrregião no núcleo central, por intermédio do Programa de Ações Locais, criado e coordenado pela VIVA O CENTRO para pleitear melhoramentos e, por meio de parcerias, dar suporte a iniciativa do poder público.

O Centro já demonstrou que é um território fértil e promissor. Marcado historicamente pela diversidade funcional e social, concentra e testemunha os 450 anos da cidade em seu rico patrimônio histórico e arquitetônico. É a única região na qual o conjunto da população convive com as principais instituições públicas, sedes de órgãos de governo, serviços avançados e alguns dos mais importantes equipamentos culturais do país.

O Centro necessita hoje da presença qualificada e equipada do poder público no encaminhamento da reflexão e das ações que se instalam em seu território. Além de um projeto de requalificação urbana e funcional amplo e globalizante, o Centro Metropolitano de São Paulo necessita, para prosseguir com a retomada estratégica de sua trajetória, de um organismo eficiente, apto a gerir e articular os seus diversos setores de atividade e funções, e amparar e estimular o caráter processual que toda transformação urbana exige. Acreditamos que a Prefeitura de São Paulo, que possui um papel decisivo na coordenação desta transformação que deverá obrigatoriamente contar com as providências e apoio das instâncias federal e estadual, precisa preparar-se para assumir de forma efetiva esse papel.

Recuperado e requalificado, o Centro proporcionará um enorme retorno à metrópole como um todo ao fixar-se ainda mais como marca emblemática da

cidade, funcionando com âncora das atividades ligadas ao turismo, lazer, cultura e entretenimento, altamente geradores de emprego e renda.

Para o encaminhamento de soluções objetivas, a Associação aponta dez providências prioritárias.¹²⁶

¹²⁶ Revista URBS- ano VIII – nº 35 – agosto/setembro 2004

Anexo 2

A ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

Origem, Forma e Estrutura

A Associação Viva o Centro nasce em 1991 como resultado da tomada de consciência das mais significativas entidades e empresas sediadas ou vinculadas ao Centro de São Paulo do seu papel de sujeito e agentes do desenvolvimento urbano.

Organizada como associação de caráter cívico e representativo, sem fins lucrativos e rigorosamente apartidária, é mantida por contribuições regulares de seus associados e mantenedores, pela venda de seus produtos e serviços e ainda por doações e contribuições outras.

Dirigida por um Conselho Deliberativo e por uma Diretoria Executiva eleitos, dispõe de um Corpo Técnico e de um quadro permanente de consultores. Serviços técnicos e especializados adicionais são contratados sempre que necessário.

Objetivo

A Associação objetiva o desenvolvimento da Área Central de São Paulo, em seus aspectos urbanísticos, culturais, funcionais, sociais e econômicos, de forma a transformá-la num grande, forte e eficiente Centro Metropolitano, que contribua eficazmente para o equilíbrio econômico e social da metrópole e para o pleno acesso à cidadania e ao bem-estar de toda a população.

Princípios

A Associação Viva o Centro defende como princípios que:

- 1- A diversidade funcional e humana é fator decisivo de desenvolvimento e vitalidade da metrópole e de seu centro;
- 2- Só a metrópole socialmente justa e politicamente democrática pode ser funcional e competitiva;
- 3- A qualidade do espaço público é um requisito básico para o pleno exercício da cidadania;
- 4- A identidade da metrópole resulta do processo pelo qual os valores do seu patrimônio histórico, arquitetônico, cultural e econômico são percebidos e apropriados por seus cidadãos;
- 5- O Centro metropolitano é o local por excelência onde investimentos públicos e privados devem complementar-se em benefício de um harmônico desenvolvimento urbano, social, cultural e econômico da metrópole.

Formas de atuação

A Associação Viva o Centro desenvolve sua atuação:

- 1- Promovendo pesquisa, estudo e projeto;
- 2- Realizando seminários e workshops;

- 3- Disponibilizando conhecimento acumulado e informações por meio de: publicações periódicas e especiais amplamente divulgadas, palestras e debates para públicos especializados, banco de dados acessível ao público e atendimento direto ao público.
- 4- Organizando campanhas e promovendo eventos;
- 5- Colaborando na organização da comunidade da Área Central;
- 6- Representando seus associados e a comunidade da Área Central em entidades públicas e privadas;
- 7- Estabelecendo parcerias e apoiando ações afins de terceiros.¹²⁷

¹²⁷ Informações retiradas de folheto informativo da Revista Urbs, número 35.

Anexo 3

As 10 propostas da Associação viva o Centro para a região central entregues aos candidatos à prefeito nas eleições municipais de 2004.

- 1- Requalificação do Pólo Luz-Santa Efigênia. Esta importante região da área central recebeu nos últimos anos profundas intervenções: ganhou o Complexo Cultural Júlio Prestes (com a Sala São Paulo, Estação Pinacoteca no antigo prédio do Dops e a Escola de Música Tom Jobim) e vê concluir-se a implantação do Projeto Integração Centro, Estação da Luz, que além de permitir a conexão entre as linhas férreas e de metrô para todas as regiões da cidade contém o ponto inicial da nova Linha 4 do Metrô, cujas obras já começaram. O que falta é a reurbanização na cota zero (nível da rua) do entorno do Complexo Cultural Júlio Prestes, da Estação da Luz e da Avenida Casper Líbero, para que se aproveite todo o potencial dos equipamentos culturais ali instalados (Pinacoteca do Estado, jardim da Luz e Museu de Arte Sagra incluídos) e se viabilize a integração e sinergia locais e com núcleo central. A VIVA O CENTRO coloca seus estudos e propostas para essa região à disposição dos candidatos.
- 2- Refuncionalização do Vale do Anhangabaú. Mais de dez anos depois de uma grande reforma, o Vale exhibe uma configuração inadequada às novas demandas. Embora numa área servida por duas estações de metrô, dois terminais urbanos de ônibus e por onde escoar boa parte do fluxo na ligação norte-sul da cidade, o projeto, da maneira que foi executado, resolveu o problema da ligação viária norte-sul e vice-versa, mas criou um problema de acessibilidade ao próprio Centro. A Associação propõe o restabelecimento do trânsito local no Anhangabaú, sem perda de suas qualidade de pequeno parque central, mas com vias bem delimitadas, incluindo a criação de uma rambla continua para os pedestres, entre o Largo do Paissandu e a Rua Líbero Badaró. O objetivo é facilitar o caso de veículos que se dirigem aos edifícios da área e dar maior segurança e facilidade de circulação de pedestres. Um projeto detalhado está sendo oferecido pela VIVA O CENTRO aos candidatos;
- 3- Requalificação da rótula central. Esse importante anel viário que circunda o núcleo do Centro necessita urgentemente de um processo de requalificação de suas calçadas, geometria veicular, paisagismo e iluminação, de modo a proporcionar conforto e segurança aos pedestres e facilitar o trânsito de veículos coletivos e particulares.
- 4- Revisão do sistema de calçadas. Uma importante conquista do pedestre, o sistema de calçadas perdeu qualidade e deixou de cumprir seu objetivo de espaço propício à circulação do próprio pedestre e à requalificação do entorno. Após mais de 20 anos de uso, requer uma atualização por estar entre as condições relevantes ao desenvolvimento harmônico do Centro. A Associação já realizou importantes estudos e pesquisas sobre o assunto e disponibiliza aos candidatos dezenas de diretrizes e propostas para essa revisão.

- 5- Construção de garagens subterrâneas. Elas são vitais para o Centro, onde o estacionamento ao nível da rua é cada vez mais raro, e estimulariam a permanência de empresas e serviços na região por garantir o mínimo de vagas às suas necessidades operacionais e eventuais clientes. A VIVA O CENTRO reivindica a urgente licitação, pela Prefeitura, da construção e operacionalização dessas garagens pela iniciativa privada, nos moldes da lei já aprovada pela Câmara com essa finalidade.
- 6- Implantação de um sistema circular de bonde. Para favorecer a microacessibilidade no Centro, a Associação propõe que a cidade opte por uma tecnologia de ponta nos moldes dos sistemas implantados em Zurique, Genebra, Praga, Grenoble e Atenas (neste último caso, para agilizar o acesso de atletas e do público aos torneios das Olimpíadas), sistemas estes dotados de veículos modernos, confortáveis e de desenho avançado. No caso do Centro de São Paulo, o sistema deverá articular os terminais de transporte de massa, as grandes garagens e os pólos de atração de público existentes no Centro, além de transitar pelos calçadões.
- 7- Criação de espaços adequados ao comércio informal. Hoje o município já se acha munido de dispositivos legais e de recursos que lhe permite disciplinar o uso do espaço público no Centro, coibindo seu uso irregular. Para abrigar os 892 camelôs legalizados nos distritos Sé e República – o Centro Histórico, coração da cidade -, a VIVA O CENTRO propõe a criação de um ou dois centros populares de compras nos moldes do mercado municipal em terrenos, prédios ou galpões adquiridos ou locados pela Prefeitura para tal fim. Com isso, haverá o total desprivatização e liberação do espaço público do Centro para o uso exclusivo do pedestre;
- 8- Implantação de uma eficiente coordenação e gestão, pela Prefeitura, da rede de instituições públicas e privadas que atendem e/ou acolhem pessoas em situação de rua no Centro. Pessoas dormirem na rua, principalmente em um centro metropolitano, não pode ser considerado um fato normal e aceitável. A banalização dessa situação, além de tornar tais pessoas vulneráveis a toda sorte de violência, praticamente impossibilita a prestação de socorro a eventuais vitimados por agressões, doenças, alcoolismo ou drogas, pois dificulta distinguir entre quem está simplesmente dormindo e quem está caído, inconsciente, precisando de socorro;
- 9- Implantação de um sistema territorializado (por microrregião) de zeladoria urbana, segurança e fiscalização. A gestão integrada de cada microrregião do Centro, em cooperação com as Ações Locais, deve garantir qualidade e eficiência à zeladoria urbana e à rede de proteção social, objetivando: atendimento à população carente, controle do uso e ocupação do espaço público e melhoria da segurança com estímulo à integração operacional, por microrregião, entre as polícias Militar e Civil e Guarda Civil Metropolitana, padronização e manutenção de calçadas, automatização de coleta de lixo, melhorias na iluminação, limpeza pública e controle da poluição visual e sonora;
- 10-Guichê Inteligente do Centro. Criação de um protocolo único para receber projetos e empreendimentos propostos para a área central, com a função de encaminhá-los, de forma centralizada e desburocratizada, à aprovação

dos órgãos públicos competentes, e de articular a solução de eventuais conflitos entre esses órgãos, a fim de viabilizar sua realização no menor tempo possível. Flexibilização e compatibilização das normas, por vezes conflitantes, relativas aos projetos de reforma, reciclagem e restauro de edificações, de forma a incentivar a modernização e melhor utilização do estoque imobiliário do Centro.¹²⁸

¹²⁸ Revista Urbs, número 35.

Anexo 04

ENTREVISTA COM O SENHOR SEVERINO MANOEL DE SOUZA

Organizador da Biblioteca da Ocupação do Edifício Prestes Maia, 911.

Entrevista realizada em 16/04/2007 às 10 horas da manhã

Nedir: Quanto tempo já dura esta ocupação?

Severino: O tempo da ocupação é 4 anos, 5 meses e 14 dias.

Nedir: Você está desde o início dessa ocupação? E como você montou essa biblioteca aqui?

SR: Estou desde o início. Depois que eu aprendi a ler com 13 anos de idade, aprendi a ler sozinho, sempre tive um grande carinho pelos livros, pela revista, pelo gibi. Todo gibi, toda revista que eu encontrava eu guardava, lia, a revista mais importante, mais limpa, mais bonita. Eu lia duas ou três vezes.

Quando foi em 2001, 27 de janeiro de 2001, eu comecei a trabalhar com material reciclável. Fui achando muito livro no lixo, o primeiro que eu achei foi Machado de Assis, depois de eletricidade básica, depois achei a coleção de Monteiro Lobato, essa coleção é rara e difícil, nem toda biblioteca tem ela. Fui me apaixonando, fui lendo os textos dele e fui me apaixonando mais pelo livro porque eram outros livros diferentes. Os livros que eu tinha eram didáticos, literatura, esse livro juvenil, foi da época que eu estudei, foi os livros que eu comprava, não tinha conhecimento do que era um romance, não tinha conhecimento do que era uma poesia, não tinha conhecimento do que era um dicionário, um conto, nem nada. Só tinha conhecimento com esse livro didático mesmo, esse livro juvenil, eram os livros que eu lia mais um pouco. Foi quando eu li a história de Machado de Assis e eu falei não, é minha história e por aí mesmo...

Nedir: Qual livro que era?

Severino: Obras completas. Ai triplicou o carinho e paixão pelo livro...

Nedir: E hoje, a biblioteca tem quantos volumes?

Severino: Essa biblioteca vai fazer 2 anos no dia 18 de setembro. Essa aqui está com 16 mil e 300, porque ontem chegou mais um pouquinho. E a biblioteca de casa a gente tem 2 mil e poucos livros...

Nedir: É considerada grande...

Severino: A de casa a gente recebeu muito livro de doação e uns livros muito importantes, de autores que já foram embora. Esse autor nordestino, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José de Alencar, Luiz de Azevedo, Monteiro Lobato, Lampião... tem livros que vem diretamente para a gente e estamos guardando em casa. Veio também o Gilberto Freire, Casa Grande e Senzala. E muitos livros que veio de fora para a gente, veio uma coleção do ministro da cultura federal, Gilberto

Gil mandou uma coleção para nós de Os Pensadores. Veio uma coleção da Austrália direto para a gente, é um livro todo em inglês, mas como veio direto para a gente a gente guardou em casa. Quando vem para a biblioteca a gente localiza na biblioteca, quando vem para a gente, a gente leva para casa.

Nedir: O senhor também organizou a bienal dos pobres também. Como foi a organização na Praça da Sé?

SR: Teve a bienal do Livro, eu fui lá uma vez na abertura, fui fazer uma reportagem com a TV Cultura e quando cheguei lá vi um monte de gente na fila para olhar. Tem que pagar 10 reais para olhar. Ai eu cheguei aqui e falei não, lá na Bienal é 10 reais para entrar, o pobre não vai poder entrar, morador de rua não vai poder entrar, vamos abrir uma bienal dos pobres na Praça da Sé. Ai eu contei com ajuda de algumas pessoas e a gente montamos a bienal dos pobres na Praça da Sé.

Essa bienal passou o primeiro dia, o segundo, o terceiro, pouca gente estava freqüentando ela, quando foi do quarto dia em diante, quando foi do quarto dia em diante já passou a aparecer morador de rua. Quando foi do quinto, do sexto dia já tinha muita gente. Os banquinhos, tinham 20 e poucos banquinhos, já não cabiam. O pessoal pegava livro, revista sentava no chão para poder ler.

Nedir: Foi nas escadarias?

Severino: Não, ali mesmo na praça ... ficava embaixo de um pé de árvore, em frente ao posto da Guarda. E essa bienal como estava muito freqüentada pelos moradores de rua e pelo pessoal de rua essa bienal incomodou muito o poder público. Incomodou a subprefeitura, incomodou o judiciário.

Nedir: Na opinião do senhor por que isso incomoda?

Severino: Incomoda porque o poder público, ele não gosta de ver a pobreza e nem gente se educando. Quanto mais idiota, mais para ele será melhor. A parte de educação é a parte mais discriminada que tem, por que discriminada? Qual é a editora que faz a propaganda do livro? Qual é o canal de televisão, qual o rádio que faz a propaganda do livro, porque o livro não tem propaganda, o livro é morto. O livro é considerado uma pessoa que morre e vai para debaixo de túmulo e fica lá esquecido. Ele não tem divulgação. A divulgação que ele tem é o autor escreveu aquele livro manda para a editora, a editora faz aquele livro, aquela quantidade, ali distribui para os sebos e fica marginalizado no sebo. O ser humano tem que procurar, procurar o título, ir lá na editora para procurar esses livros. Se não for assim eles não vão vender. Fica esquecido lá, armazenado lá.

Agora se tivesse propaganda o livro, mas eles nem começam. É que nem a parte da moda, a moda a cada seis meses sai uma coleção de moda e essa coleção os homens e as mulheres vão usar mais porque é roupa da moda. O livro também, se cada seis meses saísse uma coleção de livro, saísse uma coleção do Machado de Assis tivesse uma propaganda, de qualquer tipo de autor e tivesse uma propaganda do livro aí a pessoa ia ler mais, ia procurar mais.

Nedir: E essa reação do poder público contra a Bienal dos Pobres como foi? Como eles reagiram?

Severino: Eles falaram que estava atrapalhando os pedestres, era um solo público e não podia estar com aqueles livros no setor, que estava atrapalhando o pedestre.

Nedir: A alegação é que estava atrapalhando os pedestres...

Severino: E então eles fizeram a pressão... eles falaram que os livros eram de morador de rua. Aonde é que morador de rua vai ter 6.500 livros fazendo educação para a comunidade? Não era só morador de rua, qualquer pessoa, muita gente idoso, muita gente passava lá e ficava impressionado com o trabalho da gente. Isso foi uma coisa que me deixou com muita saudade. É por isso que quando tenho um pouquinho de tempo eu passo pela biblioteca circulante e dou uma circulada pelas ruas de SP, para mostrar ao poder público. Não é porque sou uma pessoa sem-teto que eu não entendo da cultura, eu não tenho capacidade de levar conhecimento para comunidade, ao jovem, a criança, ao adulto, fazer uma pesquisa.

Nedir: E eles fizeram o que com os livros?

Severino: Eles prenderam é... levaram para a regional da Sé. No dia seguinte fomos lá, eles disseram que não iam devolver os livros porque os livros eram de morador de rua e não sei o quê, vira e mexe, estava atrapalhando a passagem, estava incomodando o pessoal. Mas aonde é que os livros incomoda alguém? Aonde que o livro incomoda a pessoa.

Nedir: Recolheram tudo?

Severino: Recolheram. De três mil e quinhentos, aproveitamos mil e quinhentos só.

Nedir: O resto extraviou?

Severino: É, porque enciclopédia, dicionário, eles são livros grossos, livros pesados, pegavam do chão e jogaram no caminhão, depois fizeram um arrastão na 25 de Março, aqueles livros embaixo de carroças de coisas do camelô, estragou muitos livros.

Nedir: A circulação de carroças no centro tem diminuído. O que tem ocorrido com quem trabalha com reciclagem, recolhimento de material no centro? O que o senhor tem percebido?

Severino: O que tenho percebido é que no ano passado teve um grande arrastão sobre os catadores. Prenderam muitas carroças, muita mesmo, não foi pouca não.

Até mesmo no dia eu me salvei por uma pelinha de nada no Bom Retiro, eu ia na contramão e eles foram atravessando uma rua lá com um caminhão carregado com um bocado de carroça dos catadores e eu entrei numa rua na contramão e por felicidade o farol abriu um pouco e deu para passar direto. Eu passava a dois centímetros do retrovisor dos carros. Fui embora.

Nedir: E devolveram as carroças depois?

Severino: Não, eles não devolvem. Até o moreno aqui de cima que trabalha com caixas de supermercado, ele trabalhava com material de reciclagem e a carroça foi presa aqui na frente e até hoje não devolveram a carroça.

Nedir: E qual a alegação para não devolver? E para recolher, o que eles explicam?

Severino: Eles falam que está em cima das calçadas ou está atrapalhando o trânsito. Duas coisas que eles alegam.

Nedir: E era a Guarda Civil, a Polícia Militar, quem era?

Severino: Mas aí quem prende é a Guarda Metropolitana e os fiscais da prefeitura. Se a pessoa falar alguma coisa ele mete a borracha em cima.

Nedir: E quem está recolhendo esse lixo hoje?

Severino: Quem está recolhendo é a prefeitura (através de empresas coletoras de lixo). É, caminhões da prefeitura, eles estão recolhendo o lixo. Recolhe. Eu estou pegando porque tenho os pontos certos, vou de manhã, chego lá e pego, ponho aqui dentro e faço a reciclagem.

Nedir: E esse material reciclado onde fica depositado no centro?

Severino: Eles levam para perto da Marginal, tem a usina lá, parte é para a reciclagem e parte coloca no forno para queimar. É o que se trata isso aí.

Nedir: Tem diminuído o número de carroças no centro?

Severino: Diminuiu. Diminuiu bastante porque tinha dia você chegavam aí na São João, na Duque de Caxias você encontrava até doze carroças, agora tem muito pouca. Até de outro lado eu não “desconcordo”, porque eu acho que a prefeitura devia se organizar, buscar os carroceiros organizados. Ele fazer um cadastro ou fazer um documento sobre os carroceiros organizados. Tem muitos carroceiros aqui que trabalham com carroça porque precisam e tem muitos que trabalham para usar drogas. Ele chega até ir em cima da pessoa para tomar dinheiro da pessoa para usar com droga. Isso não é justo, eu acho que isso devia ter uma organização aí...

Nedir: Regular o uso de carroça então?

Severino: Ele chegava dizendo que vai legalizar, colocar uma placa nos carroceiros civilizados, nos carroceiros que não fumam, não bebem, o carroceiro que não usa drogas, carroceiro que é pai de família, que tem uma responsabilidade pela família. E essa parte que não tem responsabilidade que tiverem ocupando um solo público, as calçadas que é uso de pedestre, uma via pública, atrapalhando o trânsito, tem muito carroceiro drogado que entra no meio do trânsito, na frente do carro porque ele não tá com o pensamento dele, está com a droga na cabeça e ali ele está cego. E muitos acidentes, carros machucados por causa do carroceiro, ele entra com tudo, não quer nem saber, o carro não é dele, não é nada. O prejuízo é do dono do carro.

Nedir: As ocupações no centro de edifícios abandonados no centro, sem uso residencial, têm crescido muito nos últimos tempos. Essa foi a primeira ocupação que o senhor participou? Sabe quantos moradores sem teto, aproximadamente, tem no centro da cidade?

Severino: Eu acho que na faixa, só no movimento do MSTC, eles devem ser muitos. Só no movimento do MSTC, os que “está” em projeto, os que já foram e os que “está” encaminhado, eu acho que a gente tem umas 50 mil pessoas.

Nedir: Cinquenta mil? É muita gente sem teto. E qual o motivo principal dessas pessoas procurarem essas ocupações, o que leva as pessoas a participarem desse movimento? É óbvio que existe falta de moradia, desemprego, sei lá, quais os motivos?

SR: Os motivos, o primeiro motivo é isso, a pessoal vem de uma comunidade do nordeste, em qualquer setor do nordeste, ele chega em SP em busca de uma aventura. Quando ele chega em SP às vezes ele não tem o 1º ou 2º grau e não tem como arrumar trabalho. Antigamente você arrumava um trabalho de pedreiro, até para arrumar um trabalho de pedreiro hoje é tudo pelo engenheiro. Qualquer tipo de reforma é o engenheiro que vai fazer porque o engenheiro tem mais responsabilidade, o engenheiro tem o escritório dele e tem a responsabilidade pelo serviço...

Nedir: Aumentou a exigência para o trabalho hoje.

Severino: Aumentou a exigência por causa dessa parte de engenharia, antigamente todo serviço era feito pelo pedreiro, agora só a parte da engenharia. Fica difícil a pessoa arrumar um serviço, a pessoa vem do nordeste para cá ele é carpinteiro, pedreiro, eletricista mas ele não pega o serviço direto. O engenheiro vai fazer um teste, depois vai exigir o grau da pessoa. A pessoa que vem de lá para cá não tem leitura e chega aqui vai quebrar a cara, o que vai fazer, vai para a rua ou senão ele arruma um biquinho de serviço paga dois, três meses de aluguel num cortiço, depois é despejado do cortiço e vai para a rua. Ai eles procuram o

MSTC, os movimentos sociais e ele fazem aquele cadastro e ali vai ocupar prédio e...

Nedir: E os aluguéis dos cortiços são caros?

SR: Eu vi o pessoal falando um cômodo de doze metros quadrados, que só cabe um casal com uma cama de solteiro, tá 300 reais, 350. A pessoa ganha um salário mínimo de 350 contos, ou ganha 500 conto, paga 350 no cômodo para morar, ele vai comer o que? Vai vestir o que? Ele vai comprar o que? Por isso que eles correm tudo para esses movimentos sociais. Outros moram no prédio de luxo, trabalham de camelô, não pode trabalhar de camelô porque a prefeitura não deixa, vai fazer o quê? Vai ser despejado do local onde mora. Vai se apegar aos movimentos sociais, porque os movimentos sociais acolhe todo mundo. E por isso que cresce o movimento.

Nedir: E com relação a ocupação a esta ocupação? Parece que está ocorrendo agora a negociação e a tendência é que saiam no prazo de 60 dias ...

Severino: O problema é que aqui no Prestes Maia melhorou muito, porque antigamente a gente não tinha atendimento pelos governos, mas agora parece que abriu a mente dos governos e ele se propôs a encaminhar as famílias. Já teve um Suplicy aqui dentro, já teve o Mercadante, ..., semana passada teve o Kassab aqui dentro, para mim ele nunca vinha aqui dentro.

Nedir: É porque esse movimento já é um movimento muito forte também...

SR: O assessor do secretário de habitação ficou a noite todinha de quinta para sexta trabalhando, começou a trabalhar 8 da noite e amanheceu o dia aqui com a gente...

Nedir: E a proposta negociada qual que foi, tem um pessoal que vai para Itaquera. Como é a história?

SR: A proposta negociada passou ... , porque só tinha 30 dias para a gente movimentar, o prefeito chegou aí e ele falou que não vai ter só 30 dias, vai ter 60 dias e o prédio só vai ser lacrado depois que sair a última família, enquanto tiver gente aqui dentro não vai ter despejo e nem lacrar o prédio, só vai ter despejo e lacrar o prédio quando sair a última família. Isso para a gente já foi uma grande vitória.

Nedir: É, enfrentar a repressão policial não é fácil.

SR: E ele falou mais, vocês não vão sair aqui do prédio, que eu estou vendo que são um movimento organizado e precisam mesmo de moradia, vocês vão sair com atendimento de vocês, não vão sair com força policial. Vão sair aqui do prédio cada um para a sua moradia digna, isso para a gente foi uma grande vitória, foi uma alegria muito grande. Eu nunca pensei que uma pessoa como o prefeito

Kassab ia entrar dentro da biblioteca, apertar minha mão, me abraçar, um sem-teto, analfabeto que nunca estudou.

Nedir: E o dono do prédio não negocia esse prédio?

SR: O dono negocia. Ele entrou aqui na biblioteca...

Nedir: Porque é bom que mantenha a biblioteca no mesmo lugar, fazer um centro cultural aqui...

Severino: Sábado ele veio aqui, ficou impressionado com o trabalho da gente, conversou muito tempo com lideranças, mas pelo que eu ouvi falando ele quer negociar o prédio com o movimento, ele não quer que o prédio não seja do movimento, vamos sentar com os líderes do governo para ver se consegue negociar o prédio com o movimento, porque ele não concorda que o prédio seja desativado, porque se for desativado para hotel, escritório, vai ficar mais difícil, só vai ter que ser moradia

Nedir: Fale um pouco da repercussão que este ocupação teve?

Sr: E o Japão. Fizeram uma manifestação lá no Japão, um grupo de japoneses que vieram fazer uma pesquisa aqui, foi muito importante o trabalho da gente aqui e fizeram até um documentário e levaram para o Japão. Chegaram depois dessa semana e fizeram uma manifestação e a polícia do Japão prendeu 4 “japoneses” que eram os líderes. E vieram pedir apoio aqui a nós e hoje a gente vai discutir sobre isso aí. Já veio aqui e deixou os convites para a gente fazer um apelo e mandar protesto pela internet ou pelo e-mail para está soltando o pessoal lá (...). Nós temos a biblioteca, a escola, o trabalho cultural que nós temos aqui, a rádio que temos aqui dentro e a divulgação e o apoio de todo mundo. E todo mundo que precisa fazer uma pesquisa vem aqui, só procura o Prestes Maia porque tem uma história para se contar do Prestes Maia, é uma história longa. E todo mundo só procura o Prestes Maia, é a USP, a PUC, a maioria dos professores só procura o Prestes Maia porque é uma história mesmo.

Nedir: É uma história viva.

Severino: E todo mundo quer saber dessa história mesmo, como aqui acontece, como surgiu, como aconteceu essa história e isso é o sonho de todo mundo.

Nedir: Faz quanto tempo que o senhor mora em SP?

Severino: Eu moro há 33 anos.

Nedir: Qual a idade do senhor?

Severino: 57 anos. Eu vim do sertão de Pernambuco. Eu nasci no sítio com o nome Olho de água seca, porque tinha época que era seco mesmo. Naquelas

histórias daquele pessoal do nordeste da década anterior, eu nasci no meio dos burros, no meio do gado, nasci na roça. Me criei no meio dos burros, mas nunca fui burro e não sou burro não.

Nedir: Muito obrigado, seu Severino.

Anexo 05

Programação da Virada Cultural de 05 e 06 de Maio de 2007

Região Central

PALCO PRAÇA DA SÉ

18h – Alceu Valença
21h – Andrew Tosh
0h – Nação Zumbi
3h - Racionais MCs e convidados

PALCO BOULEVARD SÃO JOÃO/ANHANGABAÚ

18h – Aguiar e Banda Performática
20h - O Teatro Mágico
22h – Sergio Dias
0h – Clube do Balanço convida Erasmo Carlos
2h – Grooveria Eletroacústica convida Ed Motta
4h – Gerson King Combo
6h – Skowa e a Máfia
8h - Karnak
10h – Pato Fu
12h – Premeditando o breque
14h – Língua de Trapo
16h – Moraes Moreira e Armandinho
18h -Zélia Duncan

PALCO VIEIRA DE CARVALHO

18h - Os Cantores de Ébano
19h45 - Evaldo Gouveia
21h30 - Gafieira Brasil
23h15 - Ângela Maria
01h - Cauby Peixoto
2h45 - Fernando Ferrer
4h30 - Samba de Rainha
6h15 - Yara Marques
8h - Traditional Jazz Band
9h45 - São Paulo homenageia Antonio Rago
11h30 - Ademilde Fonseca
13h15 - Doris Monteiro
15h - Tito Madi
16h45 – Orquestra Tabajara

PALCO BARÃO DE ITAPETININGA

18h - Percy Weiss
19h45 - Tutti Frutti
21h30 - Serguei

23h15 - A Patrulha do Espaço

1h - Made in Brazil

2h45 - A Chave do Sol

4h30 - Golpe de Estado

6h15 - Beatles 4ever

8h - Rogério Skylab

9h45 - Cólera

11h30 - Ratos do Porão

13h15 - Garotos Podres

15h - Os Inocentes

16h45 - Camisa de Vênus

PALCO DE DANÇA -ANHANGABAÚ

18h - Escola Municipal de Bailado – "Les Sylphides"

19h - Cia. de Dança Ivaldo Bertazzo – "Milágrimas"

20h - Cia. de Dança de São José dos Campos – "Suíte Don Quixote"

21h - Ballet Stagium "Dança Chico Buarque"

22h30 - Cia. Omstrab

24h - Balé da Cidade de São Paulo – "Divinéia"

1h - Grupo Raça – "Tango sobre Dois Olhares"

2h - Discípulos do Ritmo/ Frank Ejara e Convidados – Funk Fanáticos e Quemical Funk

3h45 - Djembedon – Fanta Konate e Peti Mamandi

7h15 - Moçambique de São Benedito de Cunha

8h30 - Índios Pankararu – "TORÉ"

9h15 - Pastoral "Grupo Ó de Casa"

10h - "Entranças" – Grupo Balangandança

11h40 - "Os Favoritos da Catira"

13h15 - "Alma Portuguesa – Tudo isto é fado"

15h15 - "Os Meninos do Morumbi"

17h - "Moçambique da Nova Gameleira"

17h30 - "Congo Feminino da CABANA"

PRAÇA RAMOS

"CORPO INCRUSTADO II" - Célia Gouvêa

24h30

12h30

TEATRO MUNICIPAL

18h – Raul de Souza

21h – João Donato

0h – João Bosco

3h – Jards Macalé

6h - Central Scrutinizer Band

9h – Germano Mathias

12h - Sérgio Ricardo

15h – Zimbo Trio e Fabiana Cozza

18h – Paulo Moura

PIANO NA PRAÇA DOM JOSÉ GASPAR

18h - Nelson Ayres
20h - Débora Gurgel
22h - Amilton Godoy
24h - Léo Mitrulis
2h - Guilherme Ribeiro
4h - Christianne Neves
6h - Giba Estebez
8h - André Marques
10h - Nelson Bergamini
12h - Michel Freidenson
14h - Mario Boffa Jr.
16h - Laércio de Freitas

CALÇADÕES DA RUA XV DE NOVENBRO

PISTA 1

18h - DJ Carlos d Justo
20h - DJ Dabolina
22h - DJ George Actv
00h - DJ Maxwell
2h - DJ Kammy
4h - DJ Ramilson Maia
6h - DJ Snoop
8h - DJ Camilo Rocha
10h - DJ Mara Bruiser
12h - DJ Mau Mau
14h - DJ Felipe Venâncio
16h - DJ Andy

PISTA 2

18h - Barizon
20h - Tati Sanches
22h - Corejoy
23h - Jokke Ilsoe
1h - Shamanix
2h30 - Demonizz
3h30 - Duophonix
4h30 - Fabio Leal
6h30 - People
8h - Teen Sluts
9h - Rodrigo Leal
11h - Broken Toy
12h - Vidigal
14h - Visual Paradoxx
15h - Skulptor
16h - Gui Milani

18h - Propulse
19h - True to Nature

LARGO DO PAISSANDÚ

IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

Missa conga – 11 horas
Terno de Congo 13 de Maio de Goiânia - GO
Banda de Congo de Ibirapu – ES
Moçambique da Nova Gameleira - MG
Congo Feminino da Cabana - MG
Moçambique de São Benedito de Cunha - SP

PRAÇA DA REPÚBLICA

TEATRO E CIRCO

18h - Cia. Teatral Controvadores -Num meio dia de fim de primavera
19h30 - Cia. Troue Serapiões -O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar
21h - Clube da Sabotagem -A melhor fatia ou o que Doroti quer
22h30 - Grupo Experimental de Teatro -Aquele que diz sim e aquele que diz não
0h - A Fornalha -A Praga
1h30 - Grupo Alma -O Reveillon de 77 - O Apólogo do Pato Selvagem
3h30 - Teatro da Diversidade -Vinicius, uma homenagem a mulher
5h - Grupo Quebra-Cabeça -A Armadilha
6h30 - Serial Cômicos -A Farsa do Boi
8h - Cia. Tetral a Vaca Tossiu -Contos de Ferver o Mar Rei Valentim
9h30 - Desencontrarios -O Ursinho que não Queria Dormir
12h30 - Cia. Du Xuxu -Circo do Xuxu
14h - Inventa - Desinventar
15h30 - La Mínima -Reprise
17h - Acrobático Fratelli -Circorreria

INTERVENÇÕES VOLANTES PELO CENTRO

Russo Jazz Band
Dobrados Desvairados -Lívio Tragtemberg
Pandurados na Cidade -ARES - Ateliê de Performance
Monociclo -Rodrigo Racy/Cicolando
TV Maluca/Risopatrulha -Rocokóz
Banda Palhaçal -Circo e Cia
A Folia Pede Passagem -Trup Trolhas
Guarda de Trânsito de Pessoas -Kerson Formis
O Fuscalhaço -Grupo Manifesta de Arte Cômica
Furufunfum Móvel –Furufunfum
Teatro de Marionetes -Rafael Leidens
Auto-mútuo-conhecimento -Tânia Mello Neiva e Tatiana Tardioli

Alexandre Roit -Quixote
Pat e Lincoln –Bicicletas
Ivo 60 –intervenções
Fabio Phantom
Arkanus
Vinixsour Ghost
Al Santsu
Leeloosionist
Mágico Doug
Lui Rick
Mágico –Oz
Fogança -Abacirco

PALCOS NOS BAIRROS:

GUAIANAZES -PRAÇA DE EVENTOS –ZONA LESTE

21h - Rene Sobral
23h - Grupo Redenção
1h - Arlindo Cruz
3h - Leci Brandão

PEDREIRA -SETE CAMPOS –ZONA SUL

10h - É de Cantar e de Brincar -Cia. Do Miolo
12h - Ao Cubo
14h - Dudu Lima
16h - Cordel do Fogo Encantado
18h - Farufyno

PARADA DE TAIPAS -CAMPO DO CITY JARAGUÁ –ZONA OESTE

10h - Histórias do Japão -Cia. Provisório-Definitivo
12h - Trilhas e Raízes
14h - Roto Roots
16h - Edu Ribeiro
18h - Expressão Regueira

PARQUE DA JUVENTUDE –ZONA NORTE

10h - Canópolis- Patrulha Canguru
12h - Arruda Brasil
14h - Luiz Carlos Batera convida 'Black Rio' Original
16h - Rappin' Hood
18h - Almir Guineto

OUTROS PONTOS:

TEATRO NOS PARQUES :

PARQUE DO POVO -TEATRO VENTO FORTE

14h - As 4 chaves

16h - A Centopéia e o Cavaleiro

PARQUE RAUL SEIXAS

15h - A Princesa Africana e a Cobra Leão -Grupo Mão na Luva

PARQUE GUARAPIRANGA

15h - Perfeição - quando a tempestade nasce das luzes –manicômicos

PARQUE JARDIM FELICIDADE

15h - É Nois na Chita –Namakaca

PARQUE SANTO DIAS

15h - Circo Navegador

CEUs:

ALVARENGA

19h – Jorge Mautner (aula show)

16h - Duofel

ARICANDUVA

17h - Naná Vasconcelos (aula show)

17h50 - Espetáculo: O fantasma em cena

BUTANTÃ

18h - Espetáculo: Zé da vaca

17h30 - Chico César

CAMPO LIMPO

18h - Geraldo Azevedo

11h - Espetáculo: Idéia de jerico

14h - Espetáculo: O soldadinho de chumbo

16h - Banda vocal Persepton

CASA BLANCA

19h - Davi e Moraes Moreira

14h - Espetáculo: Um dia especial

CIDADE DUTRA

16h - Espetáculo: Dita Onça e Cabra Rita

15h - Maurício Pereira

17h50 - Theo de Barros e Ricardo Barros

INÁCIO MONTEIRO

19h - Alaíde Costa

11h - Espetáculo: O Encantado Circo Estrela

JAMBEIRO

17h - Edgard Scandurra

MENINOS

18h - Fernanda Porto

10h - Espetáculo: A menina que descobriu a noite

NAVEGANTES

18h - Gabriel Moura

10h - Espetáculo: Simão e o Boi Pintadinho

16h - Tetê Espíndola (aula show)

17h50 - Espetáculo: A Peleja de Deus e do Tinhoso Pru modi Cipriano

PQ. SÃO CARLOS

18h - Espetáculo: Gandhi

11h - Espetáculo: Cidade Azul

Tarde hip-hop

17h50 - Danilo Caymmi

PQ. VEREDAS

18h - Tom Zé

15h - Espetáculo: O catador de lixo

PAZ

18h - Cida Moreira

15h - Adilson Godoy (Trios brasileiros)

PERA MARMELO

20h - Cidadão Instigado

16h - Chico Pinheiro

PERUS

18h - Jane Duboc (aula show)

15h - Espetáculo: Portinari Pé de Mulato

ROSA DA CHINA

18h - Eduardo Agui, Flavio Venturini e Mônica Salmaso

14h - Espetáculo: Terreiro de Folia

SÃO MATEUS

18h - Thaíde

10h - Juca Chaves

SÃO RAFAEL

18h - Gafieira São Paulo

10h - Espetáculo: Levadas da Breca

16h - Espetáculo: A Festa dos Pescadores

TRÊS LAGOS

18h - Zé Geraldo e No Stopa

14h - Espetáculo: Boi do Mato

17h - Espetáculo: Precisa-se de um mané

VILA ATLÂNTICA

22h - Nana Vasconcelos (aula show)

17h - Espetáculo: Brasil de Cabelos Brancos

VILA CURUÇA

18h - Luiz Vagner

15h - Espetáculo: Tarde de Palhaçadas¹²⁹

¹²⁹ Cf. www.viradacultural.com.br, acessado em 25/04/2007.

Anexo 06

LEI Nº 14.096, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2005¹³⁰

(Projeto de Lei nº 592/05, do Executivo)

Dispõe sobre a criação do Programa de Incentivos Seletivos para a região adjacente à Estação da Luz, na área central do Município de São Paulo, nos termos que especifica.

JOSÉ SERRA, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 30 de novembro de 2005, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Incentivos Seletivos para a região adjacente à Estação da Luz, com o objetivo de promover e fomentar o desenvolvimento adequado dessa área central do Município de São Paulo, nos termos das disposições constantes desta lei.

§ 1º Para os fins do Programa ora instituído, a região adjacente à Estação da Luz - região-alvo - é a área compreendida pelo perímetro iniciado na intersecção da Avenida Rio Branco com a Avenida Duque de Caxias, seguindo pela Avenida Duque de Caxias, Rua Mauá, Avenida Cásper Líbero, Avenida Ipiranga e Avenida Rio Branco até o ponto inicial.

§ 2º O Programa de Incentivos Seletivos terá a duração de 10 (dez) anos, contados da data da publicação desta lei, respeitada a validade dos Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento, expedidos em razão do Programa ora criado, bem como o prazo de concessão dos incentivos fiscais tratados nos incisos II, III, IV e V do § 1º do art. 2º desta lei.

Art. 2º Fica o Poder Executivo autorizado a conceder incentivos fiscais aos contribuintes que realizarem investimentos na região-alvo, observado o disposto nos arts. 7º, 8º e 9º desta lei.

§ 1º Os incentivos fiscais referidos no "caput" deste artigo serão os seguintes:

I - concessão, pelo Poder Público e em favor do investidor, de Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento, com valor de:

a) 50% (cinquenta por cento) do valor dos investimentos descritos no inciso I do art. 3º, desde que efetivamente comprovados e destinados a imóveis de uso exclusivamente residencial;

b) 50% (cinquenta por cento) do valor dos investimentos descritos nos incisos I e II do art. 3º, desde que efetivamente comprovados e destinados às atividades comerciais previstas na Seção 1 da Tabela anexa integrante desta lei, exercidas por estabelecimento do investidor situado na região-alvo;

c) 80% (oitenta por cento) do valor dos investimentos descritos nos incisos I e II do art. 3º, desde que efetivamente comprovados e destinados às atividades de prestação de serviço previstas nas Seções 2 e 3 da Tabela anexa integrante desta lei, exercidas por estabelecimento do investidor situado na região-alvo;

¹³⁰ Diário Oficial da Cidade de São Paulo.

II - redução de 50% (cinquenta por cento) do Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU, referente ao imóvel objeto do investimento;

III - redução de 50% (cinquenta por cento) do Imposto sobre Transmissão "Inter Vivos" de Bens Imóveis - ITBI-IV, referente ao imóvel objeto do investimento;

IV - redução de 60% (sessenta por cento) do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS incidente sobre os serviços de construção civil referentes ao imóvel objeto do investimento;

V - redução de 60% (sessenta por cento) do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS incidente sobre os serviços especificados na Seção 3 da Tabela anexa integrante desta lei, prestados por estabelecimento da pessoa jurídica situado na região-alvo.

§ 2º Investimento, para os efeitos desta lei, é toda despesa de valor igual ou superior a R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), efetivamente comprovada com a implantação, expansão ou modernização das empresas que desenvolverem as atividades previstas nas Seções 1, 2 e 3 da Tabela anexa integrante desta lei ou de empreendimentos residenciais na área referida no § 1º de seu art. 1º, compreendendo:

I - elaboração de projeto, limitado a 5% (cinco por cento) do valor do investimento;

II - aquisição de terrenos;

III - execução de obras (materiais e mão-de-obra);

IV - melhoramento em instalações incorporáveis ou inerentes aos imóveis;

V - aquisição e instalação de equipamentos necessários à implantação, expansão ou modernização tecnológica da empresa ou do empreendimento.

§ 3º Investidor, para os efeitos desta lei, é a pessoa física ou jurídica previamente habilitada no Programa de Incentivos Seletivos para a região-alvo.

§ 4º Os Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento serão emitidos após a conclusão do investimento e terão validade de 5 (cinco) anos a partir de sua emissão, sendo corrigidos anualmente na forma do disposto no art. 1º da Lei nº 10.734, de 30 de junho de 1989.

§ 5º Sem prejuízo do disposto no § 4º deste artigo, os Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento concedidos na conformidade da alínea "c" do inciso I do § 1º deste artigo serão emitidos por 5 (cinco) anos consecutivos, mediante verificação anual do Conselho do Programa de Incentivos Seletivos, à razão de 20% (vinte por cento) ao ano sobre o valor do incentivo concedido, corrigido anualmente na forma do disposto no art. 1º da Lei nº 10.734, de 30 de junho de 1989.

§ 6º Os incentivos fiscais tratados nos incisos II e V do § 1º deste artigo serão concedidos pelo prazo de 5 (cinco) anos contado da conclusão do investimento.

§ 7º O valor do incentivo fiscal tratado no inciso III do § 1º deste artigo será somado ao valor do Certificado de Incentivo ao Desenvolvimento de que trata o inciso I do mesmo parágrafo, no momento de sua emissão.

§ 8º O incentivo fiscal tratado no inciso IV do § 1º deste artigo será concedido pelo prazo de 5 (cinco) anos contado da aprovação do projeto de investimentos e ficará sujeito à verificação pelo Conselho do Programa de Incentivos Seletivos, que poderá rever ou cassar sua concessão com base nessa verificação e no projeto de investimentos aprovado.

§ 9º Caso haja aumento de alíquota, de 2% (dois por cento) para 5% (cinco por cento), do ISS incidente sobre as atividades de prestação de serviços especificadas na Seção 2 da Tabela anexa integrante desta lei, aplicar-se-á o incentivo fiscal de que trata o inciso V do § 1º deste artigo.

§ 10. O incentivo fiscal de que trata o inciso V do § 1º deste artigo não poderá resultar na redução da alíquota mínima de 2% (dois por cento).

Art. 3º A concessão dos incentivos seletivos previstos nesta lei fica condicionada à aprovação de projeto de investimentos que contenha os seguintes fatores:

I - construção, restauração, preservação ou conservação do imóvel localizado na região-alvo;

II - incremento da atividade na região-alvo.

Parágrafo único. Observada a legislação de uso e ocupação do solo, a efetivação desses fatores será objeto de verificação pelo Conselho do Programa de Incentivos Seletivos, que expedirá, nos casos em que couber, Termo de Conclusão do Investimento para fim de fruição do incentivo fiscal.

Art. 4º Os Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento poderão ser utilizados para:

I - pagamento do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS;

II - pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU;

III - aquisição de créditos de bilhete único, para os funcionários que exercerem suas atividades no estabelecimento do investidor localizado na região-alvo.

§ 1º Os certificados serão emitidos em nome do investidor, sendo permitida a transferência de sua titularidade nos limites e na forma que dispuser o regulamento.

§ 2º Os certificados não poderão ser utilizados para pagamento de:

I - débitos tributários decorrentes de fatos geradores anteriores à data de conclusão do investimento;

II - débitos tributários apurados após iniciada a ação fiscal;

III - multa moratória, juros de mora e correção monetária.

§ 3º Os certificados não poderão ser utilizados pelo investidor para o pagamento do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS por ele retido na fonte.

Art. 5º Fica criado o Conselho do Programa de Incentivos Seletivos para a região-alvo, composto pelos Secretários Municipais de Planejamento, de Finanças e de Habitação, pelo Subprefeito da Sé, pelo Presidente da Empresa Municipal de Urbanização, pelo Coordenador do Comitê de Desenvolvimento da Cidade de São Paulo e por 2 (dois) representantes da sociedade civil, indicados pelo Prefeito.

§ 1º O Conselho será presidido pelo representante da Secretaria Municipal de Planejamento, a quem caberá o voto de desempate.

§ 2º Os membros de que trata o "caput" deste artigo poderão indicar para representá-los no Conselho o Secretário-Adjunto ou o Chefe de Gabinete, no caso das Secretarias, o Chefe de Gabinete, no caso da Subprefeitura da Sé, ou o Vice-Presidente, no caso da Empresa Municipal de Urbanização.

Art. 6º Observados o valor estabelecido no inciso I do § 1º do art. 2º desta lei e o limite fixado na Lei Orçamentária, compete ao Conselho do Programa de Incentivos Seletivos analisar e deliberar acerca dos projetos de investimentos e dos pedidos de concessão dos incentivos, acompanhar e avaliar os resultados

dos projetos de investimentos, deliberando pela revisão, ou cassação, das concessões de incentivos se for o caso, bem como formular as diretrizes da política pertinente ao Programa, submetendo-as à ratificação do Prefeito.

§ 1º Preliminarmente, os projetos de investimentos e pedidos de concessão de incentivos serão encaminhados à Assessoria Técnica do Conselho, que será constituída por um representante de cada uma das Secretarias que o compõem, por um representante da Subprefeitura da Sé e por um representante da Empresa Municipal de Urbanização, à qual caberá a secretaria executiva.

§ 2º A Assessoria Técnica do Conselho elaborará parecer sobre o projeto de investimentos e o pedido formulado, verificando o mérito e a possibilidade de enquadramento do projeto de investimentos no Programa, bem como a regularidade fiscal do investidor perante as Fazendas Públicas, o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS.

Art. 7º Os incentivos fiscais decorrentes desta lei não poderão ser concedidos concomitantemente com outros programas de incentivos seletivos.

Art. 8º Para atender as despesas decorrentes desta lei, no corrente exercício, fica o Poder Executivo autorizado, nos termos do que dispõem os arts. 40 a 46 da Lei Federal nº 4.320, de 17 de março de 1964, a abrir crédito adicional especial no valor de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) e a criar dotação orçamentária específica para tal finalidade.

Parágrafo único. O ato que abrir o crédito especial de que trata o "caput" deste artigo indicará a fonte de recurso para atender a despesa.

Art. 9º A Lei Orçamentária fixará, anualmente, o valor destinado ao Programa de Incentivos Seletivos ora criado.

Art. 10. O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 60 (sessenta) dias, contado da data de sua publicação.

Art. 11. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 8 de dezembro de 2005, 452º da fundação de São Paulo.

JOSÉ SERRA, PREFEITO

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 8 de dezembro de 2005.

ALOYSIO NUNES FERREIRA FILHO, Secretário do Governo Municipal

Tabela anexa ao decreto Nº 46.996, DE 13 DE FEVEREIRO DE 2006

Seção 1 - Atividades Comerciais

Galeria de arte.

Loja de departamentos.

Shopping Center.

Supermercado ou hipermercado.

Seção 2 - Atividades de prestação de serviços sujeitas à alíquota de 2%

Elaboração de programas de computação (software).

Ensino regular pré-escolar, fundamental e médio.

Espectáculos teatrais e circenses.

Ginástica, dança, esportes, natação e artes marciais.

Hospital, laboratório e pronto socorro.

Licenciamento, distribuição ou cessão de direito de uso de programas de computação.

Óperas, ballet, danças, concertos e recitais.

Serviços gráficos.

Seção 3 - Atividades de prestação de serviços sujeitas à alíquota de 5% com redução para 2%

Análise e desenvolvimento de sistemas, programação, processamento de dados, assessoria e consultoria em informática, suporte técnico em informática, inclusive instalação, configuração e manutenção de programas de computação e banco de dados, planejamento, confecção, manutenção e atualização de páginas eletrônicas.

Cursos de idiomas, computação e demais cursos de instrução, treinamento, orientação pedagógica e educacional.

Digitação e datilografia.

Ensino superior, cursos de graduação e demais cursos sequenciais.

Exibições cinematográficas e programas de auditório.

Fonografia ou gravação de sons, inclusive revelação, ampliação, cópia, retocagem, reprodução e trucagem.

Hospedagem em hotéis, apart-service condominiais, flat, apart-hotéis, hotéis residência, residence-service e suite service.

Organização de festas e recepções (bufê) realizadas em estabelecimento localizado na região-alvo.

Propaganda e publicidade.

Provedores de acesso à internet.

Reprografia, microfilmagem e digitalização.

Shows, bailes, desfiles e festivais.

Telemarketing e Central de Atendimento Telefônico "Call Center".